

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Instituto de Ciências Humanas**  
**Programa de Pós-Graduação em História**



**Dissertação**

**Elites locais e caridade: Estudo sobre os benfeitores do Asilo de Mendigos e do Asilo de Órfãos São Benedito em Pelotas – RS (1880-1920)**

**Josué Eicholz**

**Pelotas, 2017**

**Josué Eicholz**

**Elites locais e caridade:** Estudo sobre os benfeitores do Asilo de Mendigos e do Asilo de Órfãos São Benedito em Pelotas – RS (1880-1920)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Pelotas, 2017

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

E34e Eicholz, Josué

Elites locais e caridade : estudo sobre os benfeitores do Asilo de Mendigos e do Asilo de Órfãos São Benedito em pelotas - rs (1880-1920) / Josué Eicholz ; Jonas Moreira Vargas, orientador. — Pelotas, 2017.

192 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2017.

1. Elites. 2. Caridade. 3. Pelotas. I. Vargas, Jonas Moreira, orient. II. Título.

CDD : 305.52

Josué Eicholz

Elites locais e caridade: Estudo sobre os benfeitores do Asilo de Mendigos e do Asilo de Órfãs São Benedito em Pelotas – RS (1880-1920)

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 20/12/2017

Banca examinadora:

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas (Orientador),

Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas.

Prof<sup>a</sup>. Dra<sup>a</sup>. Elisabete da Costa Leal,

Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas.

Prof<sup>a</sup>. Dra<sup>a</sup>. Larissa Patron Chaves,

Professora Adjunta do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Prof. Dr. Flávio Madureira Heinz,

Professor Titular do Departamento de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

## **Agradecimentos**

Aos meus pais, Celi e Ervaldo, pelo amor, cuidados, ensinamentos e por não medirem esforços na minha formação educacional, mesmo em tempos difíceis, através de trabalho árduo na agricultura, nunca deixaram faltar nada em nenhum aspecto. Mesmo nos dias de hoje, que a saúde de ambos está fragilizada, jamais deixaram de apoiar a conclusão dessa etapa acadêmica. Obrigado por tudo.

À minha namorada Heloísa, pela cumplicidade, amor, apoio e enorme força nos momentos bons e principalmente nos momentos difíceis, em que o chão parecia desaparecer sob meus pés. O seu jeito calmo, doce e forte me deu forças para superar os obstáculos durante o percurso do mestrado. A você, todo meu amor.

Ao meu irmão Jonas, que apesar de estar distante, sempre apoiou meus estudos desde o ensino fundamental. Você é meu exemplo, mesmo em áreas distintas, procuro me inspirar na sua trajetória.

Aos meus tios, Darly e Roberto, por me receberem em sua residência, sempre que precisei de um local calmo para assentar as ideias e escrever.

Ao meu orientador, Jonas Vargas, pela paciência, dedicação, motivação, orientação ímpar, disponibilidade e pelos brilhantes ensinamentos que me ajudaram a crescer como pesquisador. Muito obrigado por compartilhar comigo o seu conhecimento sobre as elites pelotenses dos séculos XIX e XX. Enfim, faltam palavras para descrever o quanto sou grato pela sua orientação. Muito obrigado.

Aos meus amigos, pelo companheirismo em todos os momentos, pela alegria, apoio e leveza, vocês ajudaram a transformar os dias cinzentos em ensolarados.

Aos amigos que ajudaram em diferentes etapas do mestrado, ao Christian, pela revisão do projeto e de textos e por debater comigo ideias a cerca da minha temática, além de ajudar em partes técnicas do trabalho. Ao Felipe, amigo e colega desde os tempos da graduação, aprendi muito com seus conselhos. À Maria, também colega e amiga desde os tempos da faculdade, me ajudou muito na localização de algumas fontes primárias e também na transcrição de atas. À Laura, amiga historiadora, que contribuiu muito ao longo do mestrado com a sua fluência em língua inglesa. Aos amigos (as) e colegas historiadores, Everton, Rosilene e Andressa, obrigado pela ajuda em vários momentos da minha trajetória acadêmica.

Ao Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas (IHGPel), do qual sou sócio, grande instituição e que possui um acervo muito rico para pesquisas em variadas temáticas. Em especial ao presidente Gilberto, às colaboradoras Chéli, Maria Roselaine e Flavia.

À direção e administração do Instituto São Benedito, em especial à Irmã Julieta; ao Asilo de Mendigos de Pelotas, em nome da presidente Beatriz Xavier; à Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, em nome do provedor Lauro Melo e ao Grêmio Esportivo Brasil, em nome de André Luis Boanova (Supervisor Administrativo).

À Hilda Simões Lopes, neta do Dr. Augusto Simões Lopes, a qual me recebeu em Porto Alegre, com uma cordialidade única, disponibilizando-me acesso às fontes primárias e referências bibliográficas relacionadas ao Dr. Augusto.

Aos professores e colegas do mestrado do PPGH da UFPel, muito obrigado pelos ensinamentos e pela troca de ideias.

Aos professores (as), Fábio Vergara, Larissa Chaves e Paulo Pezat, pelas indicações bibliográficas e por suporte à pesquisa, sempre que consultados. À professora Elisabete Leal, minha orientadora na graduação e no início do mestrado, obrigado pelos valiosos ensinamentos.

Aos colegas das escolas municipais Waldemar Denzer e Wilson Müller, pela compreensão nos momentos em que estive ausente, em virtude dos compromissos do mestrado.

Aos professores (as) Flávio Heinz, Elisabete Leal e Larissa Chaves, por terem aceitado o convite para participar da banca examinadora da presente dissertação.

A todos que colaboraram direta ou indiretamente com essa pesquisa, obrigado.

## Resumo

EICHOLZ, Josué. **Elites locais e caridade**: Estudo sobre os benfeitores do Asilo de Mendigos e do Asilo de Órfãos São Benedito em Pelotas - RS (1880-1920), Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2017, Dissertação (Mestrado em História).

Na cidade de Pelotas, em meados do século XIX e início do século XX, a assistência aos necessitados, sejam eles doentes, crianças, idosos, mendigos, ou outros grupos de risco não era realizada pelo Estado e sim pela população local, principalmente por aqueles indivíduos melhor localizados na pirâmide social. O presente trabalho versará sobre as instituições Asilo de Mendigos e Asilo de Órfãos São Benedito e seus benfeitores no recorte temporal de 1880-1920. A pesquisa possui o escopo de discutir as variadas formas de caridade, levantando questões relacionadas às trocas que aconteciam entre instituição e benfeitores, que preponderantemente pertenciam às elites locais. O estudo trará elementos políticos, sociais e econômicos dos grupos dominantes do período e suas conexões com as práticas caritativas. Por fim, se analisará a trajetória de três indivíduos influentes na cidade de Pelotas, que acima de tudo souberam como poucos praticar caridade e se beneficiar dela, ainda que indiretamente. Esse trabalho se utilizou de fontes primárias bastante diversificadas (Objetos pessoais, jornais, relatórios, atas, históricos, retratos, entre outros) e ainda utilizamos metodologia autoral, baseada nos retratos alocados nos salões de honra das referidas instituições, com o propósito de identificar quem eram os pelotenses mais importantes no circuito da caridade local. Após a identificação da elite política, econômica e caritativa, se buscou responder qual a importância da caridade para os grupos dominantes e para os grupos que queriam ascender socialmente e qual foi o papel das instituições nesse processo.

**Palavras-chave:** elites; caridade; Pelotas

## Abstract

EICHOLZ, Josué. **Local elites and charity**: A study about the benefactors of the Asylum of Beggars and the Asylum of Orphans Saint Benedict in Pelotas – RS (1880-1920), Pelotas, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2017, Dissertation (Masters in History).

In the city of Pelotas in the mid-nineteenth and early twentieth century, the assistance to the needy, children, elderly, beggars, or other risk groups was not carried out by the state but by the local population, mainly by those better located at the social pyramid. The present work will focus on the Asylum of Beggars and the Asylum of Orphans Saint Benedict institutions and their benefactors during the period between 1880-1920. The research has the scope of discussing the various forms of charity, considerations questions about the exchanges that happened between institution and benefactor who predominantly belonged to the local elites. The study will bring political, social and economic elements of the dominant groups of the period and their connections with charitable practices. Finally, we will analyze the trajectory of three influential individuals in the city of Pelotas, who were some of the few who knew how to practice charity and benefit from it, albeit indirectly. This work was based on diverse primary sources (Personal objects, newspapers, reports, records, history, portraits, etc.) and we used our own methodology based on the portraits in the salons of honor of those institutions with the purpose of identifying who were the most important Pelotenses in the local charity circuit. After identifying the political, economic and charitable elite, it was sought to answer the importance of charity for the dominant groups and for the groups that wanted to ascend socially and what was the role of the institutions in this process.

**Keywords:** elites; charity; Pelotas

## Lista de Figuras

Figura 2.1 - Fachada da entrada principal do Asilo de Mendigos de Pelotas.....	72
Figura 2.2 - Instituto São Benedito.....	82
Figura 2.3 - Salão de honra do Instituto São Benedito.....	106
Figura 2.4 - Salão de Honra do Asilo de Mendigos de Pelotas.....	107
Figura 2.5 - Retrato de José Veríssimo Alves. 4º Presidente e Grande Benfeitor do Asilo de Órfãos São Benedito.....	109
Figura 2.6 - Fotopintura de Firmo Silva Braga. 5º Presidente e Grande Benfeitor do Asilo de Órfãos São Benedito.....	112
Figura 2.7 - Fotopintura de Luciana Lealdina de Araújo. Fundadora e Grande Benfeitora do Asilo de Órfãos São Benedito.....	113
Figura 2.8 - Pintura de João Simões Lopes Filho (Visconde da Graça). Grande Benfeitor do Asilo de Mendigos.....	115
Figura 2.9 - Joaquim da Silva Tavares (Barão de Santa Tecla). Grande Benfeitor do Asilo de Mendigos.....	117
Figura 3.1 - Bengala com castão de ouro e signo da Justiça. Pertenceu ao Dr. Augusto Simões Lopes.....	122
Figura 3.2 - Fotopintura do Dr. Augusto Simões Lopes. Grande Benfeitor do Asilo de Mendigos.....	123
Figura 3.3 - Capa do Jornal Arauto, de 25/08/1918, dando destaque para Augusto Simões Lopes.....	124
Figura 3.4 - Reunião da Diretoria do Asilo de Mendigos.....	126
Figura 3.5 - Carrocinha de Donativos do Asilo de Mendigos.....	129
Figura 3.6 - Placa de identificação da Carrocinha do Asilo de Mendigos.....	130
Figura 3.7 - Busto de Augusto Simões Lopes.....	131
Figura 3.8 - Placa em homenagem ao Dr. Augusto Simões Lopes.....	132
Figura 3.9 - Retrato de Augusto Simões Lopes, Grande Benfeitor da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.....	133
Figura 3.10 - Augusto Simões Lopes. Grande Benfeitor do Asilo de Órfãos São	

Benedito.....	134
Figura 3.11 - Augusto Simões Lopes. Presidente do G.E.BRASIL.....	137
Figura 3.12 - Retrato de Antônio Joaquim Dias. Grande Benemérito da Biblioteca Pública Pelotense.....	155
Figura 3.13 - Pintura de Antônio Joaquim Dias, 1º Presidente e Sócio Grande Benfeitor do Asilo de Mendigos de Pelotas.....	157
Figura 3.14 - Monumento erguido em homenagem a Antônio Joaquim Dias.....	158
Figura 3.15 - Placa denominando a Sala da Provedoria da Santa Casa de “Gabinete Dr. Berchon”.....	166
Figura 3.16 - Dr. Edmundo Berchon des Essarts, Grande Benfeitor da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.....	167
Figura 3.17 - Fotopintura de Edmundo Berchon des Essarts, Grande Benfeitor do Asilo de Mendigos.....	168
Figura 3.18 - Edmundo Berchon des Essarts. Grande Benfeitor do Asilo de Órfãos São Benedito.....	169
Figura 3.19 - Busto do Dr. Edmundo Berchon des Essarts.....	170

## Lista de Tabelas

Tabela 1.1 - Coeficientes da população de Pelotas segundo o grau de instrução – Em 1.000 habitantes.....	28
Tabela 1.2 - Coeficientes da população de Porto Alegre segundo o grau de instrução – Em 1.000 habitantes.....	28
Tabela 1.3 - Relação de colégios fundados em Pelotas.....	29
Tabela 1.4 - Relação de atividades econômicas identificadas com a quantidade de profissionais e ou estabelecimentos listados no Anuário de 1914.....	39
Tabela 1.5 - Relação de 45 vereadores pelotenses que fizeram parte das legislaturas de 1880 a 1920, contendo suas profissões e ou ocupações.....	43
Tabela 1.6 - Relação de intendentess de Pelotas no período de 1891 a 1920.....	47
Tabela 1.7 - Relação dos políticos pelotenses com cargos públicos no âmbito nacional ao final do Império e durante a República Velha.....	50
Tabela 2.1 - Relação das instituições médicas e asilares fundadas no século XIX e início do XX e ainda em funcionamento nos dias atuais.....	57
Tabela 2.2 - Relação dos Provedores da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas...	61
Tabela 2.3 - Relação dos Grandes Benfeitores da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.....	64
Tabela 2.4 - Relação de alguns beneméritos que contribuíram de forma significativa para a Sociedade Portuguesa de Beneficência em Pelotas.....	68
Tabela 2.5 - Relação de Presidentes do Asilo de Mendigos (1885 a 1935).....	72
Tabela 2.6 - Tabela elencando as exigências para cada modalidade de sócio, para que estes recebessem o diploma.....	75
Tabela 2.7 - Sócio grande benfeitor do Asilo de Mendigos e a data na qual seu nome foi proposto para a concessão da honraria.....	76
Tabela 2.8 - Relação dos primeiros presidentes do Asilo de Órfãs São Benedito....	83
Tabela 2.9 - Relação dos Grandes Benfeitores do Asilo de Órfãs São Benedito....	85
Tabela 2.10 - Número de internas do Asilo de Órfãs São Benedito (1901-1951)....	87
Tabela 2.11- Total de recursos financeiros obtidos através de donativos da população pelotense nos anos de 1899 a 1900, destinados ao Asilo de Mendigos, entregues por três periódicos de grande circulação no período.....	89

Tabela 2.12 - Homenageados do Asilo de Mendigos, que ganharam a honraria da diretoria de ter seus nomes ligados a salas do prédio do referido estabelecimento.....99

## Lista de Abreviaturas e Siglas

Asilo de Mendigos

APERS

Beneficência Portuguesa

BPP

IHGPeI

Santa Casa

São Benedito

Asilo de Mendigos de Pelotas

Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul

Sociedade Portuguesa de Beneficência de Pelotas

Biblioteca Pública Pelotense

Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas

Santa Casa de Misericórdia de Pelotas

Asilo de Órfãos São Benedito

## Sumário

Introdução.....	14
1. As diferentes faces da Princesa do Sul: Economia e política de Pelotas durante os anos de 1880-1920 .....	22
1.1 Formação Histórica .....	24
1.2 A cidade de Pelotas entre os anos de 1880 a 1920 .....	26
1.3 Da charqueada à indústria: a elite econômica de Pelotas .....	30
1.4 De Pelotas ao Rio de Janeiro: A elite política pelotense (1880-1920) ..	43
2. A caridade em Pelotas (1880-1920): As elites locais, as instituições assistenciais e as práticas geradoras de status e prestígio social .....	54
2.1 Santa Casa de Misericórdia de Pelotas .....	58
2.2 Sociedade Portuguesa de Beneficência de Pelotas .....	66
2.3 Asilo de Mendigos de Pelotas .....	70
2.4 Asilo de Órfãs São Benedito.....	77
2.5 A elite pelotense e as práticas caritativas .....	87
2.6 Os salões de honra do Asilo de Órfãs São Benedito e do Asilo de Mendigos de Pelotas: Os usos e possibilidades dos retratos para a pesquisa histórica .....	103
3. Poder, prestígio e caridade: as trajetórias de Augusto Simões Lopes, Antônio Joaquim Dias e Edmundo Berchon Des Essarts .....	119
3.1 Augusto Simões Lopes .....	121
3.1.1 Atuação caritativa .....	122
3.1.2 Atuação Profissional e Desportiva .....	135
3.1.3 Atuação Política .....	138
3.2 Antônio Joaquim Dias .....	143
3.2.1 Atuação profissional.....	146
3.2.2 Atuação Caritativa.....	149
3.3 Edmundo Berchon des Essarts .....	160
3.3.1 Atuação profissional.....	161
3.3.2 Atuação Política .....	163
3.3.3 Atuação Caritativa.....	164
Considerações Finais .....	173
Anexos .....	176
Fontes Primárias .....	182

<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>186</b>
---	------------

## Introdução

“Caminhando por Pelotas. Lembrei de quando eu nasci, um quarto da Santa Casa, o palco do Guarany. Contei paralelepípedos a caminho da escola, sonhei ladrilhos hidráulicos, paredes de escariola [...] E voei até a praça. Passei no Sete de Abril, os pardais faziam festa, naquela tarde de frio”.

(Kleiton e Kledir)

A epígrafe que abre essa pesquisa é parte da música *Pelotas*, de autoria de Kleiton e Kledir. Alguns trechos da canção bem que poderiam ter sido escritos em meados do século XIX, em virtude da exaltação à urbe, à arquitetura, à cultura e demais aspectos que fizeram Pelotas ser conhecida e prestigiada no cenário regional e nacional. No entanto, a letra e a música são contemporâneas e homenageiam a cidade que no passado foi o berço de políticos renomados regional e nacionalmente e de uma economia pulsante. Parte dessa história, aquela que se encaixa no recorte temporal de 1880 a 1920, será apresentada e discutida nas páginas desse trabalho.

Na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, os governos eram ausentes ou pouco efetivos na destinação de recursos para a construção e manutenção de instituições de assistência, sendo esse papel desempenhado, na maioria das vezes, pelas elites locais. Na cidade de Pelotas, mais precisamente nos anos de 1880 a 1920, período que contempla a fundação e os anos iniciais de atividade do Asilo de Mendigos e do Asilo de Órfãos São Benedito, também os membros da elite assumiram esse protagonismo.

Na presente pesquisa, buscaremos apresentar e discutir quem eram as elites pelotenses no período e quais os seus espaços de atuação. Conforme Hobsbawm (2010), “todo estudo histórico implica uma seleção, uma seleção minúscula, de algumas coisas da infinidade de atividades humanas no passado, e daquilo que afetou essas atividades” (HOBBSAWM, 2010, p.71). Veremos que os sujeitos abastados foram importantes na caridade, doando cifras elevadas para as instituições que iremos apresentar ao longo do trabalho, tornando-se assim “benfeitores”, termo que designa a modalidade associativa mais importante dentro das instituições. Com efeito, temos o intuito de mostrar para o leitor que a riqueza

das elites lhes possibilitava ampliar a sua atuação em espaços que ofereciam certo prestígio social, favorecendo o estabelecimento de redes de relações sociais com outros setores da sociedade. Já as instituições assistenciais foram parte de seus meios facilitadores e locais de conexão entre os que doavam e os que recebiam, atendendo os doentes e necessitados e dando destaque para os benfeitores.

Conceituar elites é um tanto complicado, porém, é necessário mostrar em linhas gerais em quais definições e autores a minha pesquisa se norteia. Nas primeiras páginas do livro *Por outra história das elites*, organizado por Heinz (2006), o autor menciona que não há consenso sobre o que se entende por elites e quais as suas características. Contudo, o próprio autor fornece elementos para que a historiografia avance no sentido de aprimorar melhor o que se entende pelo termo. Conforme Heinz: “As elites são definidas pela detenção de certo poder ou então como produto de uma seleção social ou intelectual, e o seu estudo “seria um meio para determinar ‘quais são os espaços e os mecanismos do poder nos diferentes tipos de sociedade ou os princípios empregados para o acesso às posições dominantes” (CHARLE, 1994, p.46 *apud* HEINZ, p.8.).

Outra conceituação de elites, balizadora para o meu trabalho, é descrita por Jonas Vargas (2016) no livro *Os barões do charque e suas fortunas*, quando o autor disserta que: “podemos definir elites como grupos formados por indivíduos e famílias que concentravam os recursos materiais e imateriais mais valorizados no contexto histórico em que viviam e que, na maioria das sociedades, envolviam critérios de riqueza, poder e status”. ( VARGAS, 2016, p.27). A elite local que eu considero para o meu trabalho é aquela que vai ditar os rumos da sociedade pelotense ao final do século XIX e início do século XX, ou seja, aquela que tem o poder de influenciar na economia e na política e que é formada por um pequeno grupo de indivíduos e suas famílias (charqueadores, industriais, fazendeiros, entre outros) que muitas vezes conciliam negócios com política.<sup>1</sup>

Outro aspecto das elites, mencionado por Vargas, faz referência a uma “consciência de elite” que se “refletia nos seus estilos de vida, nas políticas de sucessão familiar e nas engenharias matrimoniais”. (VARGAS, 2016, p.27). Em minha opinião, a prática da caridade pelas famílias mais ricas de Pelotas, durante o

---

<sup>1</sup> Metodologicamente, explicarei mais adiante, outro tipo de elite analisado no trabalho, a elite caritativa, que é formada preponderantemente por membros da elite local, mas também por sujeitos de outras classes sociais.

recorte temporal estabelecido para esse trabalho, se encaixa perfeitamente no termo “consciência de elite” e pode ser considerada mais uma das ações realizadas para mostrar o pertencimento ao grupo das elites. Todavia, independentemente do conceito de elites que o pesquisador se atenha, é imperioso considerar que:

Em qualquer sociedade, em qualquer grupo, em qualquer época ou lugar, havia sempre uma minoria, uma elite que, por seus dons, e sua competência e seus recursos, se destacava e detinha o poder, dirigindo a maioria. Esta era uma lei sociológica inexorável, que nem mesmo o mecanismo do sufrágio universal era capaz de romper (ALVES, 2011, p.47 *apud* GRYNSPAN, 1999, p.9).

Em relação às práticas de caridade e filantropia, Tomaszewski (2014) afirma que com o passar dos séculos, a motivação para ajudar os pobres sofreu alterações. Se no século XVI, o argumento principal era a religião, no século XIX a integração da sociedade passou a ocupar papel de destaque. Conforme a autora, “trata-se da conhecida distinção entre caridade e filantropia. Se a ajuda a partir da caridade estava alicerçada em um discurso religioso, a filantropia seria uma prática que buscava o bem da humanidade por si só, sem referência à religião”. Ainda, segundo a pesquisadora: “essa mudança tornava-se necessária para que os indivíduos que crescentemente se afastavam da religião continuassem contribuindo financeiramente para obras sociais”. (TOMASCHEWSKI, 2014, p.152). O termo que aparecerá de forma preponderante no decorrer do presente trabalho será “caridade”, embora, não faça referência à religião e sim às ações de indivíduos para com instituições assistenciais e às relações estabelecidas a partir de tais atos. Efetivamente, considero que a palavra caridade contempla melhor os propósitos dessa pesquisa e além do mais as diferenças de significado em relação à filantropia são sutis. Em dados momentos do trabalho, o leitor encontrará ambos os termos.

No que tange à metodologia de pesquisa, alguns historiadores preferem utilizar a prosopografia ou biografia coletiva quando a temática envolve o estudo das elites. No entanto, o meu trabalho não a utilizará, em virtude da escassez de fontes para uma análise prosopográfica mais completa. Mesmo assim, busquei inspiração em renomados prosopógrafos, como Christophe Charle, sobretudo no que diz respeito ao processo de definição de critérios para delimitar as elites investigadas e

a coleta de informações sobre a vida dos indivíduos estudados. De acordo com Charle (2006), o princípio da prosopografia é simples:

Definir uma população a partir de um ou vários critérios e estabelecer, a partir dela, um questionário biográfico cujos diferentes critérios e variáveis servirão à descrição de sua dinâmica social, privada, pública, ou mesmo cultural, ideológica ou política, segundo a população e o questionário em análise. (CHARLE, 2006, p.41).

Para concluir os comentários sobre a prosopografia<sup>2</sup>, Christophe Charle (2006) alerta para os perigos que o historiador corre ao optar pelo método das biografias coletivas:

O historiador prosopógrafo navega, todavia, entre dois rochedos: aquele da biografia indefinida de indivíduos (com o risco da perda da dimensão coletiva) e aquele, inverso, da ampliação das grandes amostras com as dimensões de toda a sociedade (com o risco de reduzir o questionário a sua mais simples expressão). Para sair dessa contradição, o trabalho coletivo por meio de grandes enquetes que adotam princípios comuns foi a solução tentada, com resultados diversos, em diferentes países. (CHARLE, 2006, p.45).

Com o presente trabalho busco estudar as elites de duas instituições pelotenses, tive que elaborar uma metodologia para definir quem era a “elite da caridade” aqui analisada, que se beneficiou com tais práticas, adquirindo prestígio e status social. Vejamos quais os critérios utilizados para definir o grupo: as instituições assistenciais (Asilo de Mendigos e Asilo de Órfãs São Benedito) recebiam inúmeras doações, sob as mais variadas formas, e uma grande parte dessas doações eram realizadas por membros de famílias bem situadas na sociedade local, ou seja, sujeitos ricos, poderosos e com notável prestígio social, como os Simões Lopes e os Assumpção, por exemplo. As instituições, por seu turno, realizavam uma série de ritos para dar visibilidade aos doadores, porém, havia uma distinção que era concedida apenas aos grandes benfeitores: a colocação de um retrato (um quadro no salão de honra). A chave metodológica para a definição da

---

<sup>2</sup> Sobre o método prosopográfico, ver também: CODATO, Adriano; HEINZ, Flavio. A prosopografia explicada para cientistas políticos. In: CODATO, Adriano; PERISSINOTTO, Renato (Org.). **Como estudar elites**. Curitiba: Ed. UFPR, 2015, p. 249-275.

elite caritativa relaciona-se diretamente com tal prática, contemplando todos os indivíduos que possuem um quadro no espaço denominado “salão de honra”, porque, conforme consta nos estatuto do Asilo de Órfãos São Benedito (1911) “Só aos sócios grandes benfeitores é concedida a regalia especial de fazerem parte da galeria de retratos desta associação, sendo, entretanto, respeitadas as já concedidas neste sentido, pelas diretorias e assembleias gerais transatas”<sup>3</sup>.

Portanto, para ter direito a um quadro, primeiramente a pessoa precisava prestar serviços inestimáveis e fazer grandes doações, para depois ser considerada pelo estabelecimento assistencial como um grande benfeitor. São esses sujeitos que serão o principal alvo de análise no decorrer da dissertação. Por fim, é importante dizer que a ideia de delimitar a elite caritativa através dos quadros dos salões de honra foi apenas uma saída metodológica mais instrumental diante da dificuldade em definir por meios materiais quem eram os indivíduos que mais doavam dinheiro às mesmas.

Outras ferramentas analíticas me auxiliaram na tarefa de identificar as posições de elite numa determinada população. Adriano Codato (2015) apresenta em seu trabalho uma síntese dos três métodos utilizados no estudo das elites, que são os seguintes: posicional, decisional e reputacional. No método posicional, “a elite é aquele grupo social que ocupa, controla e comanda as principais instituições de uma comunidade”, já no método decisional a elite “é aquela que controla posições formais de mando numa dada sociedade ou organização”, enquanto que o método reputacional consiste na “análise empírica sobre o que é o poder, os tipos de poder que existem e como ele está distribuído entre os grupos minoritários. Sua motivação é encontrar onde está, ou quem detém, melhor dizendo, o “real power” por detrás do “formal power”. (CODATO, 2015, p. 20-24). Para finalizar, o autor conclui o seguinte:

Todos esses três métodos não se diferenciam entre si em um postulado. O “poder” é sempre entendido aqui como “capacidade de tomar decisões” (ou como a competência para influenciar aqueles que têm, formalmente, a função política de tomá-las: prefeitos, burocratas, gestores, etc.). (CODATO, 2015, p.27).

---

<sup>3</sup> ESTATUTO, 1911, p.05.

Embora os critérios aqui utilizados aproximem-se dos três métodos expostos acima, tomei as ideias de Codato mais como um guia analítico para pensar como o prestígio social dos benfeitores relacionava-se com outros espaços de atuação que lhes conferiam poder político e econômico e de que forma as ações realizadas em uma esfera influíam nas posições ocupadas em outras. Tais reflexões permearam a pesquisa em todos os capítulos.

Uma questão não menos importante, diz respeito à coleta de informações sobre os membros da elite caritativa pelotense. Grande parte dos problemas para a realização da pesquisa encontram-se no acesso às fontes, principalmente aquelas de posse da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, que não é foco de análise do presente estudo, mas que foi palco de atuação de alguns dos benfeitores aqui estudados, e do Asilo de Mendigos. Na Santa Casa, o arquivo da instituição encontra-se fechado, impossibilitando o pesquisador de acessar sua documentação, enquanto que no Asilo de Mendigos, obtive acesso tardio e limitado. Apesar das intempéries, acredito que as fontes utilizadas ao longo da dissertação sejam suficientes para cumprir de forma satisfatória com os objetivos do trabalho, propondo algumas reflexões que contribuem para a melhor compreensão das práticas caritativas e da sua relação com as elites no sul do Brasil.

São poucos os trabalhos que buscam analisar a importância da caridade para as elites locais e de como tais práticas influenciavam nas relações sociais, conferindo prestígio aos benfeitores. Três importantes referências são os estudos de Cláudia Tomaschewski (mestrado e doutorado) e de Larissa Patron Chaves (doutorado). No trabalho de mestrado, intitulado: *Caridade e filantropia na distribuição da assistência: a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas – RS (1847-1922)*, Tomaschewski (2007) pesquisou a Santa Casa de Misericórdia de Pelotas no período de 1847 a 1922 e suas diversas atividades de assistência. Já no doutorado, Cláudia Tomaschewski (2014)<sup>4</sup> realizou uma análise comparada entre as Misericórdias de Pelotas e Porto Alegre, trazendo as formas de organização, composição social e burocratização dos serviços das Misericórdias, centrando a discussão na relação dos hospitais com o estado, o mercado e a dádiva. Por seu

---

<sup>4</sup> TOMASCHEWSKI, Cláudia. **Entre o Estado, o Mercado e a Dádiva**: A distribuição da assistência a partir das Irmandades da Santa Casa de Misericórdia nas cidades de Pelotas e Porto Alegre, Brasil, c.1847-c.1891. 2014. Tese – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

turno, a tese de doutorado de Larissa Patron Chaves (2008), intitulada *“Honremos a Pátria Senhores!” As Sociedades Portuguesas de Beneficência: caridade, poder e formação de elites na Província de São Pedro do Rio Grande (1854-1910)*, analisa a trajetória das Sociedades Portuguesas de Beneficência nas cidades de Porto Alegre Pelotas, Bagé e Rio Grande entre os anos de 1854-1910, abordando as relações entre a assistência realizada pelas instituições e a formação de elites locais, mostrando a dualidade da caridade e a representação nas Beneficências como suportes para grupos que almejavam auto-afirmação.

A dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo versará sobre o contexto da cidade de Pelotas durante o recorte temporal escolhido para esta pesquisa (1880-1920), focando nos aspectos demográficos, políticos e econômicos da cidade, buscando fazer uma aproximação em relação a quem integrava o grupo das elites locais. Este capítulo inicial se divide em quatro subcapítulos. No primeiro, iremos abordar a formação histórica de Pelotas; no segundo subcapítulo iremos tratar de aspectos populacionais, educacionais e também sobre os melhoramentos urbanos ocorridos em Pelotas na passagem do século XIX para o XX; no terceiro vamos abordar a economia da cidade no período delimitado e a metamorfose sofrida com a decadência da atividade charqueadora. Vamos falar sobre as elites econômicas, suas atividades e protagonistas, identificando quais as profissões e ocupações que geravam riqueza, poder e status social e por fim, no quarto subcapítulo trataremos da política pelotense, desde a câmara de vereadores, passando pelo executivo municipal, pelo legislativo estadual até chegar ao congresso nacional, sempre com ênfase nos pelotenses que se destacaram, procurando definir quem era a elite política do período.

No segundo capítulo será discutido o tema da caridade, através de seis subcapítulos. Os primeiros quatro são dedicados a instituições assistenciais de Pelotas que se conectam com a caridade e com a elite no período de 1880-1920. Para isso será realizada uma revisão bibliográfica de trabalhos já existentes que abordam aspectos das referidas instituições (Santa Casa de Misericórdia, Sociedade Portuguesa de Beneficência, Asilo de Mendigos e Asilo de Órfãos São Benedito). Além da revisão bibliográfica, os subcapítulos trarão elementos novos, frutos das pesquisas por mim realizadas, tudo isso será feito para mostrar ao leitor alguns espaços importantes que serviam como suporte para a prática da caridade. No

quinto subcapítulo será discutido como a caridade era praticada na Pelotas do fim do século XIX e início do século XX, para isso serão analisadas algumas fontes primárias (atas, relatórios, jornais) que dizem respeito às instituições: Asilo de Mendigos de Pelotas e Asilo de órfãs São Benedito. Já o sexto subcapítulo irá abarcar as relações de distinção e prestígio social que se criam e se fortalecem a partir da alocação de retratos de benfeitores em salões de honra, para tanto se analisará os casos do Asilo de Órfãs São Benedito e do Asilo de Mendigos. A partir dos retratos dos benfeitores buscar-se-á traçar o perfil dos sujeitos que nas pinturas são retratados.

Por fim, no terceiro capítulo, será analisada e discutida a trajetória profissional, política e caritativa de Augusto Simões Lopes, Antônio Joaquim Dias e Edmundo Berchon des Essarts, para cada um deles será dedicado um subcapítulo. Os três indivíduos, cada um com suas especificidades, foram grandes benfeitores de Pelotas e como consequência receberam muitas honrarias pelas práticas caritativas. Antônio Joaquim Dias era jornalista, fundador da Biblioteca Pública Pelotense e do Asilo de Mendigos; Augusto Simões Lopes, era advogado e político, contribuiu para com o Asilo de Mendigos, Asilo de Órfãs São Benedito e Santa Casa de Misericórdia e Edmundo Berchon des Essarts, foi médico e grande benfeitor da Santa Casa, do Asilo de Mendigos e São Benedito. Em síntese, a dissertação vai apresentar e discutir a Pelotas de 1880 a 1920, sua gente, economia e política e no âmbito da pesquisa estarão às elites locais e as relações estabelecidas com as instituições assistenciais da cidade.

## 1. As diferentes faces da Princesa do Sul: Economia e política de Pelotas durante os anos de 1880-1920

Caso um viajante de terras distantes chegasse a Pelotas em abril de 1914 e em sua estadia os ventos da Princesa soprassem forte trazendo consigo a sensação de frio intenso, o que pensaria esse sujeito numa manhã gélida de outono? Provavelmente em tomar um café num dos dezessete estabelecimentos especializados, enquanto se atualiza sobre as notícias lendo um jornal, já que Pelotas possuía sete jornais, entre eles o *Diário Popular*, o *Correio Mercantil* e o *Opinião Pública*.

Logo após, o viajante iria sair para conhecer a cidade, é claro que devidamente agasalhado, usando inclusive um chapéu recém-comprado da *chapelaria Bammann e Maia*, localizada na Rua 15 de Novembro, 663, uma das nove chapelarias existentes em Pelotas.

O primeiro local a ser visitado poderia ser a bela Biblioteca Pública, localizada à Praça da República sob a direção de Joaquim A. de Assumpção Júnior. A segunda parada, certamente seria num dos estabelecimentos bancários, afinal o nosso amigo viajante não trouxera consigo muito dinheiro e como seu desejo era levar várias lembranças da Princesa do Sul, era necessário fazer uma retirada de dinheiro. Pelotas tinha oito bancos, entre eles o *Banco Pelotense*, que ficava na Rua General Victoriano, ou o *The British Bank of South America*, também localizado no centro da cidade.

Seguindo caminho pelas ruas da cidade, estas poderiam levá-lo até a fábrica de tecidos, denominada *Companhia Fiação e Tecidos Pelotense* ou a uma fábrica de cerveja, que poderia ser a *Cervejaria Pelotense*, cujo endereço era a Praça Marechal Floriano. Lá, a convite de um dos membros da família Ritter, iria beber uma legítima cerveja pelotense.

O local para almoçar seria difícil de escolher, pois havia muitas opções interessantes, entre os vinte e seis estabelecimentos da cidade. E que tal após o almoço, um doce da Princesa? Se esse fosse o desejo, nosso viajante poderia escolher uma das seis confeitarias existentes na urbe.

À tarde, com o sol já aparecendo, ainda que de forma tímida, era um convite agradabilíssimo para mais caminhada e mais locais a conhecer. O primeiro deles

poderia ser o Mercado Público, inaugurado em 1848 e que sem dúvida impressionava qualquer viajante pela bela beleza arquitetônica e pela pulsante movimentação de vendedores e clientes. Seguindo em frente, o próximo local a ser visitado poderia ser uma das cinco livrarias disponíveis na cidade, entre elas a *Echenique e Cia*, localizada na Rua 15 de Novembro, 579. Na programação do dia, vamos incluir no roteiro outros estabelecimentos, como a fábrica de sabão e sabonetes de *Domingos José Oliveira*, sito à Rua Santa Cruz, 791 e ainda a fábrica de *Velas F.C.Lang e Cia*, localizada na Gonçalves Chaves.

Por fim, antes de voltar para o *Hotel Aliança*, de Caetano Gotuzzo, que tal ir ao alfaiate, pois a noite teria espetáculo no *Theatro 7 de Abril*, um dos oito teatros de Pelotas naquela época. Sendo assim, uma visita à alfaiataria *Elegance*, na Rua 15 de Novembro, 675, próximo ao hotel seria oportuna. Nosso viajante terminaria o roteiro de um dia em Pelotas, sentado em uma das cadeiras do grandioso *Theatro 7 de Abril*<sup>5</sup>, assistindo um belo espetáculo no mesmo local no qual as elites da cidade costumavam frequentar.

Contei essa fictícia viagem para ilustrar ao leitor quão diversificada e rica econômica, comercial e culturalmente era a cidade de Pelotas em 1914, acusando uma época de pujante luxo e riqueza regionais. Na Princesa do Sul, além de uma pujante economia em transformação, se discutia política, se participava ativamente dela, se respirava cultura e progresso. Tal situação era consequência da riqueza advinda das charqueadas e nos anos 1860, a urbe já despertava as atenções dos mais refinados viajantes:

Pelotas aparece aos olhos encantados do viajante como uma bela e próspera cidade. As suas ruas largas e bem alinhadas, as carruagens que as percorrem (fenômeno único na província), sobretudo os seus edifícios, quase todos de mais de um andar, com as suas elegantes fachadas, dão ideia de uma população opulenta. De fato, é Pelotas a cidade predileta do que chamarei a aristocracia rio-grandense, se é que se pode empregar a palavra aristocracia falando-se de um país do novo continente. (D'EU, 1981, p. 130-131).

Portanto, o início do século XX ainda trazia os resquícios da época do auge

---

<sup>5</sup> Sobre o teatro Sete de Abril, ver: MUNARETTO, Sara Teixeira. **Em cena:** o Sete de Abril e o teatro dos corpos na Pelotas oitocentista. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

das charqueadas, constituindo-se num cenário interessante para o estudo das elites durante a passagem da Monarquia para a República. O capítulo que abre essa pesquisa busca oferecer uma aproximação a respeito de quem compunha a elite econômica e a elite política na cidade de Pelotas entre os anos 1880 e 1920 e aborda também aspectos relacionados à urbe e a população pelotense, não deixando de mencionar como se deu a formação do município no início do oitocentos.

## **1.1 Formação Histórica**

Pelotas, cujo nome advém das pequenas embarcações de varas de corticeira, forradas de couro, usadas para transportar o charque pelos arroios que margeavam as charqueadas, tem na sua formação a mais íntima conexão com a produção e comercialização do charque. Ao falar da economia e da política da cidade de Pelotas no final do século XIX e primeiras décadas do XX, é importante descrever como se deu a sua formação em fins do século XVIII e quais foram os eventos e os personagens conhecidos que transformaram o povo de São Francisco de Paula (PARADEDA, 2013) em cidade de Pelotas.

Como menciona PARADEDA (2003), a região onde hoje se localiza a cidade de Pelotas era sesmaria de Thomaz Luiz Osório, coronel rio-grandense que a recebeu do Conde de Bobadela, Gomes Freire de Andrade, via doação em 1758. Em 1774, conforme escreve OSORIO (1997), havia na região de Pelotas uma companhia de ordenanças, sendo o alferes conhecido como Felix Pereira da Costa Furtado de Mendonça, porém, a formação do território que hoje conhecemos como Pelotas só poderia acontecer se houvesse 60 casais ou mais estabelecidos na região.

Nas décadas de 1770 a 1790 surgem às primeiras charqueadas, às margens do arroio Pelotas e do canal São Gonçalo. No começo do século XIX a cidade já contava com 22 charqueadas, localizadas principalmente às margens do São Gonçalo e dos arroios Pelotas, Santa Bárbara, Moreira e Fragata (MAGALHÃES, 1998). Conforme VARGAS (2013), Pelotas se originou em um território composto por 7 sesmarias, doadas a diferentes proprietários, sendo que as fábricas de carne,

formadas a partir dos anos 1780 estavam localizadas na sesmaria Pelotas e na sesmaria Monte Bonito, nesta última havia um maior número de charqueadas. As duas sesmarias mencionadas pertenciam à família Silveira, ou como eram conhecidas, as irmãs Silveira.<sup>6</sup>

Sobre os nomes de Pelotas, PARADEDA (2003) menciona que a primeira denominação da cidade foi Povo de São Francisco de Paula, nome em alusão ao santo da Igreja Católica. No dia do respectivo santo houve a libertação da vila de Rio Grande do domínio espanhol, fato ocorrido no ano de 1776, lembrando que nesse período o território de Pelotas fazia parte da vila de Rio Grande. Em 1810, os moradores da localidade solicitam a criação de uma Freguesia, demanda que foi atendida dois anos mais tarde, e em 7 de julho de 1812, por iniciativa do padre Pedro Pereira de Mesquita é criada a Freguesia de São Francisco de Paula.

Posteriormente, Pelotas adquire o status de Vila.<sup>7</sup> Segundo PARADEDA (2003) a elevação de Freguesia para Vila ocorreu em 7 de dezembro de 1830, via decreto provincial, porém a vila de Rio Grande, da qual Pelotas fazia parte queria a anulação do decreto, essas pendências só foram solucionadas em 1832 e em 7 de abril daquele ano, data da abdicação de D. Pedro I, houve a solenidade de inauguração da Vila de Pelotas. Já em junho de 1835, ano que marca o início da Revolução Farroupilha, a Vila passa a ter o status de Cidade de Pelotas.

Além de Pelotas, a vizinha cidade do Rio Grande também é beneficiada pelo decreto. A respeito da Revolução Farroupilha, o conflito entre revolucionários e legalistas afetou economicamente todo o Rio Grande do Sul, seja pela mobilização de tropas, alimentos e armamentos, ou pela estagnação econômica do período. A cidade de Pelotas não fugiu deste cenário de estagnação e de prejuízos econômicos, sociais e institucionais, mas foi uma da província que mais rapidamente se recuperou. Nos anos 1860 e 1870, as charqueadas trouxeram muita riqueza e fizeram de Pelotas o principal município escravista do sul do Império, projetando a cidade nacionalmente a partir dos anos 1880 (VARGAS, 2016).

Segundo Mario Osorio Magalhães (1993), a cidade de Pelotas foi disputada por liberais e imperiais, devido a sua excelente localização geográfica e proximidade com o Porto de Rio Grande, no decorrer do conflito a cidade mudou de lado várias

---

<sup>6</sup> Uma outra análise mais minuciosa sobre o período pode ser vista em: GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, charqueadas e olarias**: um estudo sobre o espaço pelotense. Pelotas: UFPel, 2001.

<sup>7</sup> Para uma história da urbanização de Pelotas ver Eduardo Arriada.

vezes. Os combates deflagrados na região de Pelotas provocaram a morte de muitos indivíduos, muitas delas registradas no livro de óbitos, pelo vigário-geral da Matriz.

A Câmara Municipal permaneceu fechada de fevereiro de 1836 até abril de 1844. Depoimentos posteriores ao término da Guerra dos Farrapos relatam que Pelotas parou de progredir. Em seu livro, Magalhães (1993) traz o relato do Conde d'Eu, este menciona que o período da Revolução Farroupilha foi de misérias e estacionamento econômico para a cidade. Até mesmo a cultura da cidade fora afetada, o Teatro Sete de Abril, datado de 1831, o quarto Teatro mais antigo do Brasil, transformou-se em quartel general de infantaria (MAGALHÃES, 1993, p.63).

Mas, antes mesmo que o conflito entre imperiais e republicanos chegasse ao fim, Pelotas já dava sinais de recuperação econômica. Se não existissem já certas condições estruturais, a cidade não teria sido escolhida por dois jovens estrangeiros para em 1841 instalarem empreendimentos de velas, sabões e colas. E em 1843, quando a guerra já estava enfraquecida, a zona urbana de Pelotas voltava a apresentar índices de crescimento populacional. Mario Osorio (1993) conclui que a cidade de Pelotas não teve imensas dificuldades para se recuperar da Guerra dos Farrapos e que de 1851 a 1860 a cidade já estava economicamente ativa, inserindo-se entre as cidades pequenas mais prósperas do país.

## **1.2 A cidade de Pelotas entre os anos de 1880 a 1920**

A cidade de Pelotas passou por mudanças significativas no período compreendido entre os anos de 1880 a 1920, seja no aspecto econômico, político, social ou ainda cultural. A economia, que se movia através da produção de charque, entrou em declínio, influenciada por vários motivos, entre eles o término da escravidão (1888) e a mudança do trabalho escravo para o assalariado. Já no final do século XIX surgiram indústrias dos mais variados segmentos e, no início do século XX, foi criado o Banco *Pelotense*, que por um período foi o mais importante do estado. Além disso, o mesmo período foi marcado por um maior desenvolvimento e favorecimento da atividade agropecuária e também da agricultura, que hoje chamamos de familiar, através da entrada de imigrantes alemães, italianos,

franceses, pomeranos e outros, que ocuparam terras no interior do município.

No campo político, a Monarquia foi substituída pela República (1889), surgiu a figura do intendente (equivalente ao prefeito dos dias atuais) e a câmara municipal deu lugar ao conselho de representantes. Estes cargos, em sua grande maioria, eram ocupados por fazendeiros, charqueadores, comerciantes e profissionais liberais. Ainda verificou-se, como veremos, a constante presença de pelotenses de nascimento ou aqui instalados no Legislativo Estadual e no Federal.

Nas primeiras décadas do século XX, os pelotenses também contemplaram e vivenciaram várias transformações urbanas, como a energia elétrica, programas sanitários, melhorias nas vias públicas, sem contar os teatros e os inúmeros espetáculos de renome nacional e internacional, os saraus, os clubes culturais e de futebol, enfim, a sua gente elitizada fez de tudo para atrair os olhares estrangeiros, com vistas a adquirir maior prestígio e visibilidade social.

Mas, quantos moradores tinha Pelotas no período analisado? A população pelotense no final dos anos 1870 chegava a quase 30 mil habitantes (VARGAS, 2016). Também nesse período tem-se a proliferação de indústrias e fábricas, dentre as quais, de fumo, de sabão e velas, de cerveja, de chapéus, de curtição, de massas, etc., provocando o surgimento de uma numerosa classe operária.<sup>8</sup>

Passados vinte anos, em 1890, a população de Pelotas já alcançava o número de 41.591 pessoas, segundo o censo para o período, enquanto Porto Alegre contava com 52.421 pessoas. No ano de 1900 a população de Pelotas atingia 44.881 pessoas, já Porto Alegre dá um salto maior, chegando ao número de 73.674. Porém, a maior diferença se verifica em 1920, quando Pelotas atinge a marca de 82.294 habitantes contra 205.000 da capital. De 1900 a 1920, Pelotas que era a segunda maior população do Estado, quase duplicou o número de habitantes, enquanto que Porto Alegre ultrapassou os 200.000. Esses números evidenciam que, apesar da conhecida crise das charqueadas, a economia continuou a se desenvolver, movida pelas indústrias, o comércio e pecuária e o nascente ciclo do arroz, e a população apresentou índices crescentes.

Segundo o censo de 1920, a população de Pelotas estava distribuída em seis distritos, sendo o primeiro a sede com 48.225 almas, o mais populoso. Entre os

---

<sup>8</sup> HALLAL, 1996, p. 62-67 apud VARGAS, 2016, p.79. Sobre a classe operária em Pelotas, ver: LONER, Beatriz Ana. **Construção de classe**: operários de Pelotas e Rio Grande (1888 - 1930). Pelotas: Ed. UFPel, Unitrabalho, 2001.

distritos rurais, o mais populoso era Quilombo com 8.982 pessoas. O total da população residente na zona rural em 1920 é de 34.069, ou seja, 41,06 % de todos moradores de Pelotas viviam no meio rural, enquanto que 48.225, ou 58,94 % dos pelotenses vivia na área urbana.

O censo de 1920 nos permite analisar a população pelotense quanto a seu grau de instrução. Coloco abaixo duas tabelas que demonstram os coeficientes das populações de Pelotas e Porto Alegre segundo o grau de instrução em 1.000 habitantes.

Tabela 1.1: Coeficientes da população de Pelotas segundo o grau de instrução – Em 1.000 habitantes

<b>Cidade: Pelotas</b>	<b>Idade: 7 a 14 anos</b>	<b>Idade: Acima de 15</b>
Sabem ler	47,2 %	65,8 %
Não sabem ler	52,8 %	34,2 %

Fonte: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul (Censos do RS de 1803-1950). Porto Alegre: FEE, 1981.

Tabela 1.2: Coeficientes da população de Porto Alegre segundo o grau de instrução – Em 1.000 habitantes

<b>Cidade: Porto Alegre</b>	<b>Idade: 7 a 14 anos</b>	<b>Idade: Acima de 15</b>
Sabem ler	55,4 %	72,7 %
Não sabem ler	44,6 %	27,3 %

Fonte: FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul (Censos do RS de 1803-1950). Porto Alegre: FEE, 1981.

Conforme o censo, um pouco mais da metade (ou 50,53 % desse total) era considerada alfabetizada, mas o dado mais importante a respeito disso é quantos indivíduos se enquadram na categoria adultos estão alfabetizados. A resposta é 34.089 de um total de 51.807 pessoas, ou 65,80 % da população pelotense acima de 15 anos. Números que são bem elevados para a época, considerando as dificuldades de acesso à educação no país.

O aumento no número de indústrias e de estabelecimentos comerciais propiciou um ambiente favorável para a urbanização de Pelotas e também para o deslocamento de pessoas da zona rural para a urbana. Segundo Gouvêa (2015), o crescimento do número de ruas, refletia a acelerada urbanização no período de desenvolvimento da indústria pelotense. O número de 12 ruas no início da formação

da cidade passou para 55 em 1914.

As obras públicas realizadas em Pelotas ao longo das duas primeiras décadas do século XX configuram os anseios da elite e das administrações republicanas que desejavam tornar a cidade bela e próspera, economicamente viável e confortável. Entre as obras de melhoramento público estão o serviço de abastecimento de água, realizado em 1900 pelo engenheiro Alfredo Lisboa, a luz elétrica ativada em 28 de junho de 1915 e o serviço de bondes elétricos inaugurado em 20 de outubro de 1915 (ambos os serviços de responsabilidade da empresa Light e Power) e ainda os melhoramentos na pavimentação, calçamento e esgoto.

No campo educacional, a cidade de Pelotas, já nas últimas décadas do século XIX, se notabilizava pela criação de cursos e escolas, algumas delas presentes até os dias atuais, como o colégio Gonzaga, o Pelotense<sup>9</sup> e o São José.

Tabela 1.3: Relação de colégios fundados em Pelotas

Ano de Fundação	Nome
1880	Colégio Osorio
1881	Colégio Sul-Americano
1886	Colégio Evolução
1895	Colégio Gonzaga
1902	Colégio Pelotense <sup>10</sup>
1910	Colégio São José

Fonte: OSORIO, Fernando. **A cidade de Pelotas**. Volume 2. Pelotas: Editora Armazém Literário, 1998.

A tabela acima não contempla todos os colégios criados na cidade, mas ajuda a ilustrar quão desenvolvida Pelotas estava no campo educacional, o que corrobora com os altos graus de alfabetização da população pelotense, mostrados pelo censo de 1920. No que tange a criação de escolas superiores, o pioneirismo é do Liceu Rio-Grandense de Agronomia e Veterinária, criado em 1890 pelo poder municipal, e que foi reorganizado em 1909 com o nome de Escola de Agronomia e Veterinária. Já em 7 de setembro de 1912 foi fundada a faculdade de Direito por iniciativa da congregação do Ginásio Pelotense e em abril de 1913 os cursos se iniciaram. Foram

<sup>9</sup> Sobre o Colégio Municipal Pelotense, ver: AMARAL, Giana Lange. **O Gymnasio Pelotense e a maçonaria**: uma face da História da Educação em Pelotas. Pelotas: Seiva, 1998.

<sup>10</sup> A criação do Colégio Pelotense foi uma iniciativa da Maçonaria, em Pelotas, “empenhada na disseminação de escolas, onde o ensino leigo assegurasse a liberdade de consciência aos futuros cidadãos de uma democracia”. (OSORIO, 1998, p.328).

diretores da faculdade, os doutores Francisco Carlos de Araújo Brusque, desembargador Luiz Mello Guimarães e o juiz de comarca Dr. Esperidião de Lima Medeiros (OSORIO, 1998, p.327-329).

Toda essa riqueza nos mostra que a cidade não entrou em crise com a decadência das charqueadas escravistas. Sua elite, por meio de uma elaborada diversificação de atividades, estratégias econômicas e política matrimonial sobreviveu ao século XX, sendo difícil situar quando vai iniciar-se, de fato, a relativa decadência econômica da cidade – que estruturalmente está ligada ao empobrecimento de toda a metade sul do Estado. Portanto, a elite aqui estudada ainda pertencia a uma fase de economia próspera (VARGAS, 2013).

### **1.3 Da charqueada à indústria: a elite econômica de Pelotas**

Este tópico pretende falar sobre a economia de Pelotas ao final do século XIX e primeiras décadas do século XX, destacando as atividades econômicas nas quais os pelotenses se dedicavam, além de buscar identificar quem era a elite econômica da cidade e quais eram as profissões e ocupações que geravam riqueza, poder e status social elevado. Ainda tentaremos mostrar que a cidade de Pelotas se transformou e se inovou economicamente no século XX e mesmo antes, no final do XIX, quando a economia charqueadora dá sinais de estar em decadência.

A produção do charque em Pelotas e sua comercialização ajudaram a fazer do Rio Grande do Sul, desde muito cedo, o grande fornecedor de alimentos para o mercado interno brasileiro. Sobre a atuação da economia gaúcha, Pesavento comenta o seguinte:

O Rio Grande do Sul, desde a sua formação, constituíra-se nos moldes de uma economia agropecuária, subsidiária da agro exportação, voltada para o abastecimento do mercado interno brasileiro com a exportação de gêneros alimentícios, pelo que era conhecido pelo cognome de “celeiro do país”. (PESAVENTO, 1997, p.65).

Com a proclamação da República, e a mudança de ideologia e de grupo político dominante no estado, as características da economia gaúcha vão sofrer transformações, como disserta Pesavento:

No campo econômico, este Estado autoritário, que adotou o positivismo como norma inspiradora de conduta e ação política, atuava como um promotor da acumulação, que, por um lado, se baseava na intensificação do fornecimento do capital privado e, por outro, na exploração e subordinação do trabalhador [...] No que diz respeito ao capital, considerava-se que a intervenção do poder público deveria ser a de remover todos os entraves e obstáculos que se antepusessem à possibilidade do setor privado obter mais lucratividade. (PESAVENTO, 1979, p.213.).

Todavia, não haveria redirecionamento econômico que pudesse reverter o declínio da atividade charqueadora em Pelotas. Com a abolição da escravatura em 1888 e da Proclamação da República em 1889 e também em nível regional, a Revolução Federalista de 1893, que fez a economia do charque decair de forma significativa, praticamente inviabilizando o comércio de gado e em nível mundial a superação das charqueadas pelos frigoríficos, tais acontecimentos fizeram a atividade saladeril declinar perante outros ramos de atividade, tais como a indústria e o comércio (MAGALHÃES, 1993). Anos antes, a economia do charque já dava sinais de enfraquecimento, o que segundo Vargas (2016) afetou a vida de muitas pessoas que dependiam dessa atividade econômica, causando o empobrecimento de setores médios da sociedade pelotense e diminuindo o poder de consumo. Conforme Vargas:

É muito provável que o agravamento das crises nas charqueadas entre os anos 1860 e 1870 e o início de sua decadência nos anos 1880 tenha afetado a economia local, favorecendo o empobrecimento de muitas famílias de setores médios, colocando-os, anos depois, entre os mais pobres e endividados. A decadência das charqueadas pode ter afetado muitos dos que dependiam direta e indiretamente dos seus bens [...] Portanto, a economia das charqueadas foi capaz de gerar grandes fortunas, mas, com a decadência iniciada nos anos 1880, também trouxe inevitavelmente grande pobreza, pois cada uma das crises conjunturais era capaz de liquidar, de forma indireta, a economia dos pequenos, drenando seus escravos e demais recursos econômicos. (VARGAS, 2016, p.92).

O estudo dos charqueadores não é o foco principal desse tópico, porém, não poderia deixar de tecer algumas palavras sobre essa “ocupação econômica”, afinal, um dos escopos principais do capítulo é levantar questões sobre as atividades econômicas realizadas pela elite local. Na Pelotas do século XIX não havia o que gerasse maior riqueza do que a atividade charqueadora associada ao seu comércio atlântico e, além da riqueza, se conseguia poder, prestígio e status social. Contudo,

apesar das charqueadas oferecerem grande notabilidade aos seus donos, ao longo do recorte temporal escolhido para esse trabalho, a crise e a decadência desses estabelecimentos pelotenses são inegáveis, chegando ao ponto de Pelotas ter, em 1920, apenas 6 charqueadas em funcionamento (em 1880 eram quase 40). A seguir veremos como estava à atividade saladeril na década de 1910, para tanto contamos com os dados fornecidos pelo Anuário de 1914, onde consta uma lista contendo o nome de 12 propriedades charqueadoras, entre elas estão a Brutus e Irmão, às margens do São Gonçalo; a Tavares e Moreira; a charqueada do Capitão Antonio Rodrigues Ribas (vereador em 1909-12 e 1913-16); a charqueada do Sr. Justiniano Simões Lopes (vereador em 1901-1904), entre outras.

Com a decadência do charque, cada vez mais os comerciantes se projetaram socialmente e ganharam espaço com a transformação da economia e com o crescimento urbano. Sandra Pesavento ao analisar a agricultura de pequena propriedade, ou hoje a que chamamos de “agricultura familiar”, diz que muitos comerciantes de Porto Alegre acumularam dinheiro para prosperar intermediando a produção agrícola dos imigrantes. Em Pelotas, muito provavelmente tenha ocorrido o mesmo com a produção dos colonos da Serra dos Tapes, pois, para vender seus produtos, eles contavam com o comerciante (o atravessador) que fazia o elo entre o produtor rural e o consumidor final. Sobre isso, Pesavento escreve o seguinte:

No tocante à agricultura, a verdadeira acumulação não estava se realizando ao nível da pequena propriedade, que atuava com arcaísmo técnico, mas sim com o comércio, que, através de sua atividade, obtinha lucros superiores ao da exploração agrícola. Intermediário entre a produção rural e o mercado, o comerciante passou a intervir em outros setores de atividade; assim os elementos enriquecidos às custas da agricultura colonial não só montaram em Porto Alegre casas comerciais de importação e exportação, como aplicaram em navegação a vapor, indústrias, urbanização, barcos, companhias de seguros, etc. (PESAVENTO, 1979, p.201).

Pesavento refere-se a Porto Alegre, mas essa situação possivelmente ocorreu com alguns sujeitos na cidade de Pelotas. Faltam-me subsídios para tal comprovação, mas se pensarmos que em 1914, a cidade de Pelotas contava com 161 estabelecimentos comerciais e financeiros<sup>11</sup>, incluindo bancos, casas de

---

<sup>11</sup> ANNUARIO Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da Republica dos Estados Unidos do Brasil para 1914. Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1914.

câmbio, agências de seguro e comércio, companhias, casas de importação e exportação, comércio atacadista, navegação, etc., excluindo os bancos, notadamente de membros da elite rica, com posses, ainda assim sobram 153 estabelecimentos, a maioria composta por casas comerciais. É grande a chance de ter alguns comerciantes que acumularam dinheiro suficiente com a produção agrícola e assim puderam prosperar e ajudar a mudar a economia urbana de Pelotas com a instalação de diferentes negócios comerciais e industriais.

A seguir irei falar sobre as indústrias de Pelotas, seus segmentos, seus proprietários, sua atuação. Para tanto, selecionei algumas que estiveram em funcionamento no período de 1880 a 1920. A coleção “Cadernos de Pelotas” de número 60 (KRAMER, 1990), traz importantes informações sobre várias indústrias pelotenses, consistindo-se em um rico material para pesquisas históricas.

Podemos iniciar pela *Cervejaria Ritter*, fundada em 1870 por Carlos Ritter, com sede na Praça Floriano Peixoto, atual Cipriano Barcellos, a empresa chegou a produzir anualmente 4.500.000 garrafas de cerveja, tendo uma atuação destacada não só em âmbito local, mas também regional e nacional. Outra cervejaria que obteve êxito na localidade, foi a *Cervejaria Sul Rio-Grandense*, fundada em 24 de setembro de 1889, por Leopoldo Haertel, e situada na Rua Benjamin Constant, número 51.

No ramo das carnes, chamamos a atenção para o *Frigorífico Pelotense*, inaugurado em 1920, inicialmente de propriedade da Companhia Frigorífica Rio Grande, que em 1943 passou a ser controlado por um grupo industrial da Inglaterra, sob a denominação de *Frigorífico Anglo S.A.* Hoje, o local que outrora fora um frigorífico é a sede da Universidade Federal de Pelotas – UFPel.

No segmento da produção de tecidos, funcionou em Pelotas a *Companhia Fiação e Tecidos Pelotense*, fundada em 5 de fevereiro de 1908 pelo Coronel Alberto Roberto Rosa e por Plotino Amaro Duarte, que já haviam formado uma parceria dois anos antes, na fundação do *Banco Pelotense*, a empresa tinha sua sede na Rua Moreira Cesar, número 52, próximo ao cais do porto e em determinado período chegou a contar com 500 funcionários.

Também contou Pelotas com o pioneirismo de uma empresa de remédios que se instalou na Rua do Imperador, número 115, atual Félix da Cunha sob a

denominação de *Estabelecimento Industrial Farmacêutico Souza Soares*, de propriedade do português Visconde de Souza Soares, cuja fundação remonta ao ano de 1874.

No segmento de vestuário e acessórios havia a *Fábrica de Chapéus Pelotense*, fundada em 31 de agosto de 1881 e que em grande parte de sua trajetória pertenceu ao Sr. Francisco Rheingantz. Outro importante estabelecimento foi a *Fábrica de Fumos São Raphael*, fundada em 1894, situada na Praça da Constituição, e que em grande parte de sua existência pertenceu ao Sr. Juan Romeu, sob a razão social de Romeu e Cia. No setor de alimentação, mais precisamente de conservas e enlatados, destacou-se a *Fábrica Aliança*, fundada em 1906 pelos proprietários Antônio Leivas Leite, Emílio Nunes e A.C. Nunes de Souza, localizada às margens do Arroio Santa Bárbara para facilitar a escoação dos produtos.

No item de velas, sabões e sabonetes havia a *Fábrica Lang*, do imigrante alemão Frederico Carlos Lang, fundada em 1864, provavelmente sendo a primeira fábrica/Indústria não saladeril nessas terras e uma das últimas empresas citadas nesse trabalho a encerrar as suas atividades, sendo seu último endereço na Rua Gonçalves Chaves.

Por último, não poderia deixar de mencionar a destacada atuação da firma *Pedro Osório & Companhia*, cujo chefe e principal sócio foi o Coronel Pedro Luiz da Rocha Osório e que também teve como sócio o Coronel Alberto Rosa. Osório foi considerado por muitos o “Rei do Arroz” e fundou sua empresa agrícola em Pelotas no ano de 1909 (KRAMER, 1990). Pedro Osório não se dedicou apenas a uma profissão/ocupação, pois também foi charqueador, criador, industrial, fazendeiro, enfim um empreendedor bastante dinâmico. Essa informação nos traz um traço marcante da elite local no período, a diversificação de atividades econômicas.

O Coronel Pedro Osório talvez seja o melhor representante em Pelotas de uma das características principais da República Velha, o coronelismo. De acordo com José Murilo de Carvalho: “Coronelismo é um sistema político nacional, baseado em barganhas entre o governo e os coronéis”. (CARVALHO, 1997). Durante muito tempo, Pedro Osório ditou os rumos do PRR em Pelotas e quem quisesse “ser alguém” na política local e também regional precisava da bênção do Coronel.

Conforme vimos nas páginas anteriores, a cidade de Pelotas no período de

1880-1920 contou com uma gama variada e significativa de indústrias, incluindo cervejarias, moinho, frigoríficos, fábrica de tecidos, de chapéus, indústria farmacêutica, fábrica de conservas, de sabão e velas, de leite e derivados, de materiais de construção, fábrica de cerâmica, de beneficiamento de arroz, entre outras. Algumas se projetaram a nível estadual e até nacionalmente, outras marcaram época na região sul. O fato é que esse leque de indústrias mostra a capacidade e o potencial do polo industrial que a cidade possuía no período analisado.

Segundo o Anuário de 1914, 105 estabelecimentos estão listados como “fábricas”. Não sabemos quais os critérios que faziam uma empresa ser classificada como fábrica pelos autores do Anuário, e também é impreciso afirmar que todos estes estabelecimentos eram grandes fábricas, pois certamente não eram. Mas algumas fábricas que listei podiam ser enquadradas como grandes firmas industriais pelos seus dados, como por exemplo, número de funcionários, produção anual, patrimônio, entre outros. Com base nessas informações, podemos definir alguns proprietários industriais como pertencentes à elite industrial local. Entre eles estão o Coronel Alberto Roberto Rosa, Plotino Amaro Duarte, Pedro Luiz da Rocha Osório e também alguns imigrantes que ascenderam socialmente. É difícil afirmar se esses indivíduos possuíam riqueza equivalente aos outros três que mencionei acima, mas, se não eram membros da “nata” da elite econômica do período estavam ao menos no setor intermediário. Integrando um grupo de prestígio e com certo poder, no grupo dos imigrantes, destacamos: Carlos Ritter, Leopoldo Haertel, Visconde de Souza Soares, Francisco Rheingantz e Frederico Lang.

Além da elite industriaria já mencionada acima, teremos em Pelotas a elite bancária, a este grupo pertencem os sujeitos que criaram o *Banco Pelotense* em 15 de fevereiro de 1906, são eles: Coronel Alberto Roberto Rosa, Francisco Antunes Gomes da Costa (Barão do Arroio Grande), Dr. Joaquim Augusto de Assumpção, Plotino Amaro Duarte e Eduardo Candido Siqueira. O Coronel Pedro Osório também chegou a presidir o Banco na mesma época e com essa informação podemos perceber que tanto ele, quanto Alberto Rosa e Plotino Duarte acumularam atividades industrial e a financeira, denotando uma íntima relação entre ambos os setores.

Segundo Lagemann, “as atividades econômicas desenvolvidas por alguns deles caracterizam a criação desse banco como uma iniciativa do setor

pecuarista/charqueador, com o apoio do comércio pelotense” (LAGEMANN, 1985, p.89). Como o comércio do charque estava em franco declínio na cidade de Pelotas, chegando em 1920 a ter somente 5 charqueadas em funcionamento, das 31 existentes no Estado, perdendo inclusive a liderança para Bagé, que contava com 6 charqueadas (VARGAS, 2013, p.469). A atividade pecuária na região de Pelotas recebia mais atenção e investimentos dos seus proprietários. Assim como as indústrias e o comércio e de certa forma o banco surge também para alavancar essas atividades econômicas das quais seus fundadores participam e também como forma de diversificar as atividades profissionais do grupo de incorporadores do Pelotense.

A respeito dos fundadores do Banco Pelotense, pode se dizer que todos eram socialmente e economicamente “bem sucedidos”. Alberto Rosa, além de proprietário de três fazendas, era sócio da empresa “Pedro Ozório e Cia” (LAGEMANN, 1995, p.89), e também da Companhia Fiação e Tecidos Pelotense e segundo o Anuário de 1914, um dos maiores proprietários de prédios urbanos em Pelotas, além de um sujeito atuante no círculo da caridade, tendo sido provedor da Santa Casa de Misericórdia em duas gestões, nos anos de 1897 a 1904 e de 1911 a 1914 (TOMASCHEWSKI, 2007). Já o Barão do Arroio Grande era charqueador, fora deputado pelo Partido Liberal no período do Império e vice-presidente do Rio Grande do Sul (LAGEMANN, 1985, p.89). Quanto a Joaquim Augusto de Assumpção, este fora senador da República, formado em direito, aparece no Anuário de 1914 como um dos principais fazendeiros e proprietários de terra e assim como Rosa, também ocupou cargo na Santa Casa. Outro sujeito de prestígio social era Plotino Amaro Duarte, fazendeiro e empresário nos mais variados ramos, a marca “Plotino Duarte e Filhos” possuía casa bancária, casa de câmbio, casa de comissão e consignação, atuava também no ramo da importação e exportação, além de ter sido sócio de Alberto Rosa na Fiação de Tecidos.

Uma mostra da força do Banco Pelotense se dá através das filiais, uma vez que o banco não ficou restrito a cidade de Pelotas e muito menos ao Estado do Rio Grande do Sul. No período de 1919 a 1922, como mostra (LAGEMANN, 1985), foram inauguradas filiais no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Ponta Grossa, Juiz de Fora e Rio Novo (MG). Porém, após 25 anos de funcionamento, mais precisamente em 05 de janeiro de 1931, o Banco de Pelotas encerrou suas

atividades. Lagemann traz em seu livro as causas do fechamento:

Em suma, o Banco Pelotense, ao internalizar, durante a crise do início dos anos 20, os problemas vivenciados pelo setor que lhe deu origem, passou a revelar performances econômico-financeiras desfavoráveis em comparação com a normalidade do sistema. A não superação desses entraves, embora a tentativa, o colocou frente à crise econômico-financeira e política de 1930 sem condições de, isoladamente, vencê-la. Num sistema de fracas defesas externas, a falta de defesas internas foi fatal. (LAGEMANN, 1985, p.171).

Apesar do seu fechamento em 1931, o que podemos afirmar é a capacidade de poder político e econômico que Pelotas e sua elite possuíam em 1906, pois não era qualquer cidade que possuía as condições de abertura de um banco que atuou de forma significativa por 25 anos e que em grande parte da década de 1920 foi o maior banco gaúcho, tendo como critério o saldo de depósitos. (LAGEMANN, 1985, p. 12).

Outro segmento que se enquadra como elite econômica local são os grandes fazendeiros. No Anuário de 1914, aparecem 16 nomes associados a esse importante setor: Alvaro José Corrêa; Antonio José de Azevedo Machado, que era filho de um charqueador homônimo que havia sido vereador na 13ª legislatura; Dr. Antonio Mancio Ribeiro Tacques, médico e vereador entre os anos de 1891-1896; Capitão Antonio Rodrigues Ribas (vereador em 1909-12 e 1913-16); Carlos Augusto de Souza Lobo; Dirceu Ribeiro Moreira; Edmundo Berchon des Essarts<sup>12</sup> que fora médico e muito atuante no círculo da caridade pelotense, tendo sido inclusive provedor da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas entre os anos de 1905 a 1908 (TOMASCHEWSKI, 2007); Frontino Vieira da Costa e Silva; Guido Gonçalves Chaves; João Simões Lopes, vigésimo primeiro filho do Visconde da Graça, atuou principalmente na cultura do arroz e do eucalipto; Dr. Joaquim Augusto de Assumpção; José Carlos Laquintinie; José Francisco da Rocha; José Maria Moreira, médico, que herdou o nome de seu pai que fora charqueador e político; Manoel Palmiro da Fontoura e Pedro Luiz da Rocha Osorio. Não sabemos a dimensão de suas fazendas, nem o quantitativo de produção e ou criação, mas para constarem nessa pequena relação do Anuário, esses sujeitos mencionados acima, certamente eram considerados referência na área e possuíam poder de influência na economia

---

<sup>12</sup> A trajetória pessoal e profissional do médico e fazendeiro Edmundo Berchon, será objeto de estudo no capítulo 3 da dissertação.

local. Alguns indivíduos, como Pedro Osorio, Joaquim Assumpção, Edmundo Berchon, Antonio Machado, José Moreira, Antonio Tacques e o Capitão Antonio Ribas, podem ser classificados como a “nata” dentro dessa elite agrária, pois diversificavam suas atividades econômicas, além de serem atuantes na política.

Por fim, vamos considerar os profissionais liberais (advogados, médicos e engenheiros civis) como pertencentes à elite econômica de Pelotas nos anos finais do Império e nos primeiros da República, pois durante o Império as famílias que mandavam seus filhos para cursar faculdade em grandes centros do país necessitavam ter muito dinheiro. Com a República como forma de governo no país, as faculdades de engenharia, medicina e direito se tornaram mais acessíveis às camadas intermediárias da sociedade. Ainda assim, na Pelotas da segunda década do século XX os profissionais liberais da medicina, da engenharia e do direito provavelmente eram oriundos de famílias detentoras de riqueza, poder e status e a aquisição de um diploma era um mecanismo interessante de entrar no seio da elite, conquistando bons empregos, casamentos, além de prestígio social<sup>13</sup>.

O Anuário de 1914 nos traz os nomes de alguns profissionais liberais que atuavam em Pelotas, como por exemplo, os médicos Balbino Mascarenhas; Domingos Alves Requião; Francisco Simões Lopes; Guerreiro de Almeida; Francisco de Paula Moreira (vereador de 1896 a 1900); Pompeu de Souza (vereador de 1905 a 1908); Joaquim Rasgado (que herdou o nome de seu pai, um rico charqueador e filantropo do Asilo São Benedito); Pedro Luiz Osorio (vereador de 1917 a 1920) e (prefeito de 1920 a 1924); Urbano Martins Garcia (vereador no Império, em duas legislaturas) e o já citado Edmundo Berchon. No grupo dos advogados temos listados alguns nomes, como por exemplo, Alexandre Machado Mendonça; Francisco Carlos de Araújo Brusque, já mencionado como um dos primeiros diretores da faculdade de direito de Pelotas e atuante filantropo, tendo sido presidente do Asilo de Órfãos São Benedito entre os anos de 1915 a 1916; João Py Crespo (Vice Prefeito duas vezes (1908 a 1912) (1920 a 1924)). Por fim, temos o grupo dos engenheiros civis, composto por sujeitos como o Dr. Octacilio Pereira; Manoel Luiz Osorio; Ildefonso Simões Lopes; Arthur Antunes Maciel (vereador de 1887 a 1889 e de 1891 a 1896) e Cipriano Corrêa Barcelos (três vezes intendente de Pelotas). O leitor pode perceber que muitos deles possuem sobrenomes de

---

<sup>13</sup> Para parte dessas reflexões ver VARGAS, Jonas. **As elites pelotenses e suas “metamorfoses” (1870-1930)**: algumas notas de pesquisa (no prelo).

tradicionais famílias charqueadoras que estavam entre as mais ricas de Pelotas no século XIX (VARGAS, 2016).

No grupo dos profissionais liberais citados acima, embora muito menos que nos demais grupos econômicos elitizados, alguns sujeitos como o médico Edmundo Berchon também procuraram diversificar seus negócios, porém o que mais chama a atenção é o grande número de advogados, médicos e engenheiros civis que exerceram cargos de vereador no período imperial e principalmente na República. Já os cargos de intendente e vice são criados somente no período republicano, onde se constata nas primeiras décadas da República o mesmo fenômeno.

Tendo falado um pouco sobre as profissões/ocupações que podem ser consideradas como pertencentes por membros das elites locais, colocamos abaixo a Tabela 1.4, com o intuito de mostrar um quantitativo dos cinco grupos definidos como representativos da elite econômica na cidade de Pelotas, conforme as tipologias propostas por Vargas (no prelo).

Tabela 1.4: Relação de atividades econômicas identificadas com a quantidade de profissionais e ou estabelecimentos listados no Anuário de 1914

<b>Grupo</b>	<b>Classificação</b>	<b>Total</b>
A	Profissionais liberais	65
B	Elite mercantil e financeira	161
C	Elite proprietária	36
D	Elite rural	26
E	Fábricas	105

Fonte: Anuário Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da República dos Estados Unidos do Brasil para 1914. Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1914.

No Anuário de 1914 foram listados 1.533 estabelecimentos existentes em Pelotas. A partir da classificação estabelecida na época é possível tentar realizar uma estratificação social que sirva, ao menos, para esse universo que, de acordo com Vargas, apresenta uma fotografia socioeconômica muito mais urbana do que rural. Ou seja, apesar do Anuário listar os “maiores fazendeiros” do município ele não informa sobre grande parte da população rural do mesmo.

O questionamento que se deve fazer para esse documento é: dentre os 1.533 estabelecimentos listados, quais pertenceriam a setores da elite? Na tabela 1.4,

separei cinco grupos que poderiam ser indicadores a respeito de atividades realizadas pelas elites do município. O Grupo A, composto por profissionais liberais (advogados formados, médicos e engenheiros civis); o Grupo B por uma elite mercantil/financeira (Bancos, casas de câmbio, agências de seguro e comércio, companhias, casas de importação e importação, comércio atacadista, navegação); o Grupo C por uma elite rural (Arrozais, charque e grandes fazendeiros); o Grupo D por uma elite proprietária (Grandes proprietários de prédios urbanos) e o Grupo E pela elite das fábricas/indústrias/moinhos. Os estabelecimentos relacionados aqui somam 380. No entanto, nem todos devem ter pertencido a famílias da elite local.

Primeiramente, no Grupo A, sabemos que custava muito caro formar um filho em alguma academia imperial. Mas com o advento da República e a maior disseminação do ensino superior, é provável que alguns setores intermediários da sociedade tenham acessado esses espaços de reprodução social caros às elites. Em Pelotas, por exemplo, já existia uma Faculdade de Direito desde 1912, mas ainda não tínhamos alunos formados em 1914. O que importa é que as chances dos advogados, médicos e engenheiros em Pelotas no ano de 1914 serem de famílias que concentravam riqueza, poder e status eram grandes, além do que, adquirir um diploma desses era uma boa forma de se ingressar na elite, adquirindo bons empregos, casamentos, além de prestígio social (VARGAS, no prelo).

No Grupo B, a ideia de que todos os estabelecimentos pertencessem à elite pelotense deve ser melhor considerado. Em uma cidade como Pelotas, é provável que todos os banqueiros e ricos comerciantes o fossem, mas é difícil saber a dimensão de suas fortunas, podendo ser possível que alguns homens de setores intermediários, ou seja, nem tão ricos, tenham sido classificados como atacadistas, agenciadores e homens de negócios ligados à importação e exportação, por exemplo.

No Grupo C, se confiarmos no Anuário, Pelotas teria somente 36 grandes estabelecimentos de charqueada, fazendas de criação e arrozais. Não é possível saber se existiram outros grandes estabelecimentos que não foram aqui computados. No que diz respeito às charqueadas, a pouca representatividade das mesmas é confirmada por Vargas (2013) que aponta a grande diminuição do número de estabelecimentos no início do século XX. Sobre os arrozais, Joseph Love considerou que um grupo de famílias ricas de Pelotas controlou o setor no início do

século, mas não deixou claro quem seriam essas famílias.<sup>14</sup> Portanto, ainda são necessárias novas pesquisas para definir se os mesmos pertenciam todos ao grupo dos mais ricos, assim como os grandes estabelecimentos rurais e os parâmetros utilizados pelos autores do Anuário para classificá-los neste grupo.

No Grupo D estão inseridos os grandes proprietários. É provável que muitos deles fossem proprietários de imóveis na cidade ou talvez de terras que fossem arrendadas. Mas o fato de terem sido destacadas no Anuário como um grupo proeminente nos faz pensar que, mesmo sem a indicação de sua riqueza, os mesmos deviam possuir um patrimônio considerável para ser assim classificado.

Por fim, o último grupo é o mais problemático. Como já foi dito, é difícil saber a dimensão da riqueza e da produção dos estabelecimentos identificados como “Fábricas”. Não sabemos ainda se possuir uma indústria colocava automaticamente os seus donos na elite econômica da cidade. Conforme Vargas, o mais provável é que esse grupo fosse profundamente hierarquizado e apenas uma parcela destes pudessem ser vistos como membros de uma rica elite local, carregando prestígio e poder de influência na economia. No entanto, novas pesquisas podem iluminar essa questão.

O fato é que Pelotas devia ter perto de 80 mil habitantes em 1914 e cerca de 380 estabelecimentos rurais e urbanos foram aqui classificados como pertencentes a distintos setores de elite (intelectual, profissional, rural, industrial, mercantil e financeiro). Se cada estabelecimento representasse uma pessoa este seleto grupo reuniria menos de 0,5% da população pelotense. Na verdade, tendo em vista que alguns não deviam possuir seus familiares próximos na localidade (sobretudo os imigrantes) e que nem todos os 380 estabelecimentos aqui assinalados eram de homens ricos, é muito provável que a elite econômica pelotense na década de 1910 se restringisse a um grupo de famílias inferior a 2,5% da população total (VARGAS, no prelo). É essa medida social que nos interessa aqui e a caridade, como veremos no segundo capítulo, devia ter nessas famílias importantes patrocinadoras, sem excluir a participação de setores intermediários que buscavam notabilidade social “imitando” a prática das famílias de elite.

O que é possível afirmar é que somente uma pesquisa que os analise não apenas de forma quantitativa, mas que também aproxime o olhar no âmbito

---

<sup>14</sup> LOVE, Joseph. O Rio Grande do Sul como fator de instabilidade na República Velha. In: FAUSTO, Bóris. **História geral da civilização brasileira**. Rio de Janeiro, Difel, 1977. v. 2, t. 3.

qualitativo pode iluminar melhor estas questões. Conforme Vargas, faltam trabalhos que nos ajudem a definir melhor a posição de todos eles nessa hierarquia socioeconômica que vinha se reconstruindo após a abolição da escravidão e a crise das charqueadas. Além do mais, pesquisas em outras fontes e instituições, como a Associação Comercial, certamente irão nos ajudar a definir melhor esse grupo.

Por fim, a respeito das categorias econômicas listadas nesse tópico, alguns indivíduos aparecem e se destacam mais que outros. Os sujeitos que formam, provavelmente menos que 2,5% da população pelotense mais rica no começo do século XX são aqueles que diversificaram suas atividades econômicas, agindo com perspicácia e espírito empreendedor, alguns deles, frente à crise do charque souberam migrar para outros ramos e continuar a gerar riqueza. Citamos como exemplo, os charqueadores Alberto Rosa e Francisco Antunes Gomes, o barão de Arroio Grande, que deixaram a atividade saladeril e fundaram o *Banco Pelotense*. Sobre a diversificação econômica de integrantes da elite charqueadora no século XIX, Jonas Vargas menciona o seguinte:

Os mais ricos comerciantes raramente reservavam-se as suas atividades mercantis, assim como os maiores fazendeiros não ficavam presos à terra. Portanto, o topo mais rico dessa pirâmide socioeconômica costumava diversificar as suas atividades e investimentos, lembrando o modelo verificado por Fernand Braudel no interior da hierarquia mercantil europeia entre os séculos XVI e XIX. (VARGAS, 2016, p.88).

Podemos incluir na seleta lista dos mais ricos pelotenses, a “nata” da “nata” socioeconomicamente falando, os seguintes indivíduos: Coronel Pedro Luiz da Rocha Osório, charqueador, criador, industrialista e fazendeiro; Alberto Rosa, charqueador, fazendeiro, banqueiro, industrialista e dono de prédios urbanos; o Dr. Joaquim Augusto de Assumpção, advogado, fazendeiro, grande proprietário de terras e banqueiro; Plotino Amaro Duarte, fazendeiro e empresário nos mais variados ramos, além de banqueiro; Antonio José de Azevedo Machado, charqueador e fazendeiro; Dr. Antonio Mancio Ribeiro Tacques, médico e fazendeiro; Edmundo Berchon des Essarts médico e fazendeiro.

A lista acima, certamente não contempla todos os mais ricos de Pelotas no período estudado, apenas sugere com base em profissões e ocupações socioeconômicas quem mais se destacou, segundo fontes históricas. Também não

foi possível colocar quem dos indivíduos que exerceram atividades elitizadas possuía maior patrimônio, esses dados poderão ser coletados em pesquisas futuras. Mas, ao longo desse tópico, foram destacados alguns grupos e indivíduos que muito provavelmente estavam no topo da pirâmide socioeconômica de Pelotas ao final do século XX e início do XX.

#### **1.4 De Pelotas ao Rio de Janeiro: A elite política pelotense (1880-1920)**

Para começar a falar sobre a política e os agentes políticos da cidade de Pelotas, vamos voltar ao dia 3 de maio de 1832, quando a primeira câmara é instaurada e seus membros tomam posse. Não que antes disso já não se “fizesse” política, é que a partir dessa data, a vila de Pelotas passa a contar oficialmente com um poder legislativo para demandar e legislar sobre as questões locais. Segundo Fernando Osorio (1997), o primeiro endereço da Câmara fora na Praça da República, atual Praça Coronel Pedro Osorio, à esquerda do Teatro Sete de Abril. Fizeram parte da primeira corporação administrativa, equivalente a Câmara, os seguintes vereadores: Manuel Alves de Moraes, Antônio José de Almeida, João Alves Pereira, Cipriano Rodrigues Barcellos e Alexandre Vieira da Cunha.

Dito isso, vamos falar sobre os vereadores no período delimitado para esse trabalho (1880-1920) e buscar suas profissões e ocupações, para assim traçar um perfil socioeconômico daqueles que ocuparam um cargo eletivo no legislativo pelotense (lembrando que durante a República Velha a denominação não era Câmara de Vereadores e sim Conselho Municipal). Para ilustrar melhor, colocamos na tabela abaixo os nomes de 45 vereadores e suas profissões/ocupações bem como a legislatura. Os dados são referentes ao período analisado nesse trabalho e não incluem outros 34 vereadores para os quais não foram localizadas informações seguras.

Tabela 1.5: Relação de 45 vereadores pelotenses que fizeram parte das legislaturas de 1880 a 1920, contendo suas profissões e ou ocupações

<b>Legislatura</b>	<b>Vereadores</b>	<b>Profissão/Ocupação</b>
1880-1882	Antônio Francisco dos Santos Abreu, Dr	Advogado

1881-1882 / 1887-1889	Luiz Maurell, Cap.	Comerciante
1881-1882	Saturnino Epaminondas de Arruda, Dr.	Advogado
1878-1880 / 1881-1882	Junius Brutus Cassio de Almeida	Charqueador
1880-1882	João Teodósio Gonçalves	Charqueador
1880-1882	Leopoldo Antunes Maciel, Dr.	Advogado
1883-1886	Anibal Antunes Maciel, Dr.	Charqueador
1883-1886	Jacinto Antônio Lopes	Charqueador
1883-1886	Manuel Lourenço do Nascimento	Comerciante
1883-1886	Boaventura da Fontoura Barcellos	Charqueador
1883-1886 / 1896-1900	Ismael da Silva Maia	Charqueador
1883-1886	João Francisco Gonçalves	Charqueador
1883-1886	Victor de Brito	Médico
1883-1886	Manuel Rafael Vieira da Cunha	Criador/comerciante
1887-1889	Artur Antunes Maciel, Dr	Engenheiro Civil
1887-1889	Joaquim Augusto de Assumpção, Dr.	Advogado
1887-1889 / 1891-1896	Lúcio Lopes dos Santos	Charqueador
1887-1889 / 1890-1891	Gervásio Alves Pereira, Dr.	Médico
1887-1889 / 1890-1891	Antônio Soares da Silva, Dr.	Advogado
1890-1891	Alberto Roberto Rosa	Charqueador/Industriário
1890-1891	Cipriano França Mascarenhas, Dr.	Médico
1890-1891	Felicíssimo Manoel Amarante	Guarda livros
1890-1891	Henrique Martins Chaves	Advogado
1890-1891	Ildefonso Menandro Corrêa	Comerciante
1890-1891	Pedro Luiz da Rocha Osorio	Criador/Charqueador
1891	Cristóvão da Silva Maia	Comerciante
1891 / 1901-1904	Guilherme Echenique	Proprietário de livreria
1891-1896	Antônio Mancio Ribeiro Tacques	Médico
1891-1896	Francisco Antunes Maciel (Júnior)	Advogado
1896-1900	Francisco de Paula Gonçalves Moreira	Advogado
1896-1900	João Antônio Pinheiro	Comerciante

1896-1900	João Simões Lopes Neto	Escritor/Funcionário Público
1901-1904	Augusto Leão Pinheiro	Comerciante
1901-1904	Justiniano Simões Lopes	Charqueador
1905-1908	Dario da Fontoura Barcelos	Guarda livros
1905-1908 / 1913-1916	Pompeo Mascarenhas de Souza	Médico
1909-1912	Anacleto da Costa Barcelos	Comerciante
1909-1912 / 1913-1916	Antônio Rodrigues Ribas	Capitão (Militar)/ Charqueador
1909-1912	Edmundo Gastal	Dentista
1913-1916	Braulio Evaristo Teixeira	Capitão (Militar)
1913-1916	Carlos Coelho	Capitão (Militar)
1917-1920	Baltazar Andrade Dias	Capitão (Militar)
1917-1920	Manoel Simões Lopes	Tenente Coronel
1917-1920	Pedro Luiz Osorio	Advogado
1917-1920	Victor Russomano	Advogado

Fonte: **ANUARIO Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da Republica dos Estados Unidos do Brasil para 1914**. Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1914; ETCHEVERRY, José Vieira. O Poder Legislativo Pelotense. **Cadernos de Pelotas**. Pelotas, n. 2, 1990.

Dos 45 indivíduos que constam na tabela acima, 10 (22,22 %) eram charqueadores, 8 ( 17,77 %) eram advogados, 8 (17,77 %) comerciantes, 7 (15,55 %) médicos, 4 ( 8,88 %) eram capitães, 2 (4,44 %) guarda-livros, outros 2 ( 4,44 %) eram criadores e ainda temos 1 dentista, 1 escritor, 1 tenente coronel e 1 engenheiro civil o que corresponde a 2,22 % cada.

Esses números nos mostram que a maioria do legislativo pelotense no período delimitado era composta por profissionais liberais (35,5 %), e que 22,2 % se dedicavam a atividade charqueadora, além dos espaços para setores intermediários da sociedade (comerciantes, guarda-livros, funcionários públicos, entre outros) ingressar na elite política local.

Partindo do pressuposto que 10 sujeitos tinham na atividade charqueadora sua principal fonte de renda, temos 22,22 % do total de 45 pertencentes a um grupo de elite econômica, porém há de se ter um olhar mais atento, haja vista que nem todos profissionais liberais faziam de sua profissão a única fonte de riqueza, como é o caso do advogado Joaquim Augusto de Assumpção e do médico Edmundo Berchon. Outros já nasceram em berço de luxo, eram filhos de famílias ricas e

tradicionais de Pelotas, como é o caso do próprio Joaquim Assumpção, do advogado Leopoldo e do engenheiro civil Artur Antunes Maciel, do médico Pedro Luiz Osorio, e de outros profissionais liberais. Temos outros indivíduos que são oriundos de famílias abastadas e que ocuparam uma cadeira na Câmara, como é o caso do Tenente Coronel Manoel Simões Lopes. Portanto, alguns indivíduos que eram profissionais liberais, funcionários públicos, comerciantes, eram antes de tudo gente da elite rica de Pelotas.

Podemos concluir, que no período analisado, o legislativo pelotense era composto por indivíduos da elite econômica e detentora de riqueza e poder, com espaço para homens de setores intermediários da sociedade. Quanto às classes mais subalternas, estas, não tiveram nenhum representante. Dos 45 casos analisados, nenhum pode ser considerado como desfavorecido financeiramente.

Também cabe ressaltar o caso dos vereadores que ocuparam o cargo no Império e também na República, são eles: Antônio Mâncio Ribeiro Taques, Antônio Soares da Silva, Artur Antunes Maciel, Cypriano França Mascarenhas, Domingos Rodrigues Ribas, Francisco Nunes de Souza, Gervásio Alves Pereira, Ismael da Silva Maia, Junius Brutus Cassio de Almeida e Lúcio Lopes dos Santos. Esses indivíduos souberam se adequar a nova conjuntura política do país e não deixaram a mudança de regime atrapalhar suas ambições políticas.

Tendo falado do Legislativo, passamos agora a falar do Executivo em Pelotas nos anos de 1889 a 1920. Com o advento da República, surge a figura do Intendente, equivalente nos dias atuais ao prefeito. Logo após o 15 de novembro, a cidade foi administrada por uma junta administrativa, sendo o primeiro presidente o Sr. Francisco Nunes de Souza. Em 15 de setembro de 1891 houve a nomeação e a posse da 1ª Intendência sob o comando do médico Gervásio Alves Pereira e ao seu lado como vice o advogado Henrique Martins Chaves. Abaixo temos a tabela nº 6 onde consta a lista de todos os prefeitos desde o ano de 1891 até 1920 e a sua profissão.

Tabela 1.6: Relação de intendentess de Pelotas no período de 1891 a 1920

<b>Mandato</b>	<b>Intendente</b>	<b>Profissão/Ocupação</b>
1891-1893	Gervásio Alves Pereira	Médico
1893-1896	Antero Victoriano Leivas	Médico
1896-1900	Antero Victoriano Leivas	Médico
1900-1902	Francisco P. Gonçalves Moreira	Médico
1902-1904	José Barbosa Gonçalves	Engenheiro Civil
1904-1908	Cipriano Corrêa Barcellos	Engenheiro Civil
1908-1912	José Barbosa Gonçalves	Engenheiro Civil
1912-1916	Cipriano Corrêa Barcellos	Engenheiro Civil
1916-1920	Cipriano Corrêa Barcellos	Engenheiro Civil

Fonte: OSORIO, Fernando. **A cidade de Pelotas**. Volume 1. Pelotas: Editora Armazém Literário, 1997.

A tabela nos informa que no período em questão houve cinco diferentes intendentess, o médico Antero Victoriano Leivas, esteve à frente do executivo em duas oportunidades, fato que aconteceu também com o engenheiro civil José Barbosa Gonçalves. Também esteve no cargo o engenheiro civil Cipriano Corrêa Barcellos, que foi intendente em três oportunidades, e os médicos Gervásio Alves Pereira e Francisco Gonçalves Moreira – uma única vez e ambos não concluíram o seu mandato.

Dos cinco intendentess, três eram médicos e dois engenheiros civis, o que mostra um predomínio total de profissionais liberais a frente do executivo pelotense nas primeiras três décadas de República, apesar da curiosa ausência dos advogados (grupo mais representativo na elite política brasileira, quando se trata dos profissionais liberais). Não foi possível precisar o nível de riqueza dos intendentess, mas certamente todos eles estavam num patamar privilegiado da pirâmide socioeconômica local.

Sobre as ações de cada gestor, temos informações sobre o governo de dois intendentess, com base nos dados da coleção “Cadernos de Pelotas” (KRAMER, 1996). A respeito da gestão de Cipriano Corrêa Barcellos, podemos mencionar as seguintes realizações: construção da represa do Quilombo, do reservatório e tratamento de água do Sinott, realização de paisagismo nas praças da cidade e a construção de pontes de ferro, bem como a colocação de redes de esgoto na área central. Já sobre a gestão de José Barbosa Gonçalves, podemos mencionar a municipalização das companhias de passeio público, de água e gás, melhoramentos

na eletricidade e a reconstrução do mercado central.

Alguns políticos pelotenses alçaram voos maiores, muitos foram os indivíduos que chegaram a deputado provincial/estadual, deputado geral/federal e senador. Ao contrário dos dias atuais, no final do século XIX e começo do XX, Pelotas possuía muita representatividade política tanto em Porto Alegre como no Rio de Janeiro. Todavia, pode-se questionar a naturalidade de alguns representantes, como por exemplo, a de Fernando Luiz Osorio, natural de Bagé, mas que possuía uma profunda relação com a cidade de Pelotas, onde cursou o ensino preparatório e possuía atividades profissionais.

Na Câmara Federal, fiz um levantamento de dados em que encontrei os seguintes representantes de Pelotas no período que compreende os anos finais do Império e as primeiras décadas do século XX, vamos a eles: Joaquim Luís Osorio, deputado entre os anos de 1912-17 e 1921-26 pelo PRR, se formou em direito no Rio de Janeiro, tendo inclusive lecionado na Faculdade de Direito de Pelotas; Ildefonso Simões Lopes, engenheiro civil, foi deputado entre os anos de 1906-08, 1913-19 e 1922-30 pelo PRR, também foi ministro da Agricultura (1919-22) no governo do presidente Epitácio Pessoa; Francisco Antunes Maciel, charqueador e advogado formado em Montevideu, foi deputado pelo Partido Liberal de 1881-1888 e na República pelo Partido Federalista (1906-11), ainda ocupou o cargo de Ministro do Império do Gabinete liberal de 1883-1884, que segundo Jonas Vargas (2013) era um ministério extremamente importante, sendo uma das prerrogativas do cargo, o direito de intervir na nomeação dos Executivos provinciais. Também aparece no Anuário de 1914 como um dos principais proprietários de prédios urbanos em Pelotas; José Barbosa Gonçalves foi deputado pelo PRR entre os anos de 1916 a 1930, além de ministro da viação de 1912 a 1914, engenheiro civil, natural de Jaguarão, mas conectado com a cidade de Pelotas, onde por duas vezes foi intendente. Por último, temos o deputado Domingos Mascarenhas, médico formado no Rio de Janeiro, atuou na Câmara Federal de 1906 a 1930 pelo PRR.

Já no Senado, no período da República Velha, os seguintes pelotenses ocuparam uma cadeira: Alexandre Cassiano do Nascimento, Joaquim Augusto de Assumpção e Carlos Barbosa Gonçalves – todos filiados ao PRR. Cassiano do Nascimento, advogado formado em São Paulo, foi senador da República entre os anos de 1909 a 1912, antes disso fora deputado federal da Constituinte de 1891,

ocupando o cargo até 1893, após foi ministro das Relações Exteriores de 1893 a 1894, ministro da Justiça de 1893 a 1894 e ministro da Fazenda em 1894. Ambos os cargos ocupados durante o governo de Floriano Peixoto, ainda ocupou outros mandatos de deputado federal nos anos de 1895 a 1898 e 1900 a 1909.

Joaquim Augusto de Assumpção, a exemplo de Cassiano do Nascimento, também se formou em direito, foi senador de 1913 a 1915 pelo PRR, anteriormente, nos últimos anos do Império fora vereador em Pelotas pelo partido conservador de 1887 a 1889. Carlos Barbosa Gonçalves, irmão de José Barbosa Gonçalves (que fora deputado federal e ministro da viação) era médico formado no Rio de Janeiro, ocupou uma cadeira no senado de 1920 a 1929, antes havia sido presidente do Rio Grande do Sul (equivalente a governador) de 1908 a 1913. Sua família possuía terras em Jaguarão, mas suas relações políticas ultrapassavam a localidade

Para além do Senado e da Câmara Federal, temos o caso do Ministro do Superior Tribunal Federal, Fernando Luiz Osorio. Natural de Bagé, mas com fortes laços em Pelotas, tendo inclusive casado com D. Ernestina de Assumpção Osorio, filha de Joaquim José de Assumpção, o Barão de Jarau. Fernando Osorio era formado em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito do Recife. Foi deputado geral (equivalente a deputado federal) no ano de 1878 pelo Rio Grande do Sul e deputado por Santa Catarina entre os anos de 1878 a 1881. Já na República, ocupou o cargo de Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário na República Argentina de abril de 1894 a meados de outubro do mesmo ano, logo após, em 15 de outubro de 1894 foi nomeado Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), tendo tomado posse em 28 de novembro de 1894.

Para fins comparativos e elucidativos, elaborei uma tabela, onde consta o cargo, o partido e a profissão dos políticos pelotenses que obtiveram destaque a nível nacional.

Tabela 1.7: Relação dos políticos pelotenses com cargos públicos no âmbito nacional ao final do Império e durante a República Velha

<b>Nome</b>	<b>Profissão</b>	<b>Cargo</b>	<b>Partido Político</b>
Joaquim Luís Osorio	Advogado	Deputado Federal	PRR
Ildefonso Simões Lopes	Engenheiro	Deputado Federal Ministro	PRR
Francisco Antunes Maciel	Advogado	Deputado Federal Ministro	Partido Liberal Partido Federalista
José Barbosa Gonçalves	Engenheiro	Deputado Federal Ministro	PRR
Domingos Mascarenhas	Médico	Deputado Federal	PRR
Alexandre Cassiano do Nascimento	Advogado	Deputado Federal Senador Ministro	PRR
Joaquim Augusto de Assumpção	Advogado	Senador	PRR
Carlos Barbosa Gonçalves	Médico	Senador	PRR
Fernando Luiz Osorio	Advogado	Deputado Federal Ministro Plenipotenciário Ministro do STF	Partido Liberal PRR

Fonte: Sites do CPDOC/FGV, Senado Federal e Superior Tribunal Federal.

Dos nove indivíduos analisados na tabela acima, cinco eram advogados, ou 55,5 % do total, dois (22,2 %) eram médicos e outros dois (22,2 %) engenheiros, ou seja, todos os políticos analisados eram profissionais liberais, assim sendo, podemos concluir que no período analisado os políticos pelotenses de destaque possuíam formação acadêmica, que além de conhecimento em suas áreas, conferia status social e prestígio, credenciando-os para o exercício das atividades políticas. Outra informação que se pode adicionar é o pertencimento desses sujeitos à famílias abastadas, fossem eles sujeitos de classes inferiores, não teriam condições financeiras de custear as despesas com a faculdade, seja no Rio de Janeiro, em São Paulo ou em Recife e nem a rede de relações e contatos para se lançar candidato e para permanecer no poder. Certamente os deputados e senadores deviam representar os interesses dos grupos dominantes que os apoiaram, além de

prestar contas do mandato. Alguns dos políticos mencionados acima são oriundos das mais ricas famílias charqueadoras de Pelotas. Vargas ao analisar os charqueadores pelotenses do século XIX, afirma que “das famílias charqueadoras saíam os médicos, os advogados, os juízes e os políticos que, simplesmente, conectavam a cidade com o mundo exterior” (VARGAS, 2016, p.58). Podemos perceber que a mesma tendência permaneceu forte no início do século XX.

No que tange aos cargos que ocuparam os políticos de Pelotas, constata-se que do total de nove sujeitos analisados na tabela 1.7, sete (77,7 %) exerceram o mandato de Deputado Federal, cinco (55,5 %) ocuparam pastas como Ministros, três (33,3) ocuparam uma cadeira no Senado e um (11,1 %) exerceu o cargo de Ministro do Supremo Tribunal Federal.

Em relação aos partidos políticos criados no Rio Grande do Sul, durante os anos de 1880 a 1920, observa-se a existência de seis partidos identificados com a causa republicana: Partido Republicano Rio-Grandense, fundado em 1882, União Nacional, fundada em 1890, Partido Republicano Federal, criado em 1891, Partido Federalista, de 1892, Partido Republicano Liberal, de 1896 e Partido Republicano Democrático, fundado em 1908. (TRINDADE, 1979, p.191). Antes da criação desses partidos e da Proclamação da República, o partido que predominava no estado era o PL (PESAVENTO, 1979, p.202).

Dos casos analisados durante a primeira república, apenas um indivíduo, Francisco Antunes Maciel, não exerceu o seu mandato pelo PRR. O que demonstra a força do partido em Pelotas. No caso do Rio Grande do Sul, do Partido Republicano Rio-Grandense, organizado por iniciativa do clube republicano de Porto Alegre, em 1882, com base na doutrina da filosofia positivista, e composto por membros do latifúndio pecuarista descontentes com o regime monárquico, além dos setores médios urbanos e exército (PESAVENTO, 1997, p.66). Embora o PRR tenha reinado soberano, não significa que não enfrentou oposição, tendo existido inclusive divergências e rachas internamente, um dos partidos que fizeram oposição ao PRR, foi o Partido Republicano Federal fundado em 1891, sob o comando de Demétrio Ribeiro. O Partido Republicano Federal tinha como bandeira a República Liberal contra a República Autoritária, mas como bem observa Trindade (1979), o Partido Republicano Federal não tinha nada a ver com o Partido Federalista, que foi fundado em 1892 por Silveira Martins e no qual Francisco Antunes Maciel foi filiado, tendo

inclusive sido Deputado Federal de 1906 a 1911.

Esse capítulo nos possibilita concluir que Pelotas no período de 1880<sup>15</sup> a 1920 era pulsante e ativa econômica, cultural e politicamente. Apesar da decadência do charque na cidade, a economia se transforma com a passagem do século XIX para o XX, onde se destaca uma forte atividade agropecuária, ainda que exercida por poucos indivíduos, uma ascensão da atividade industrial, onde várias empresas surgem ao final do XIX e nas primeiras décadas do XX, com atuação nos mais diversos ramos, da alimentação ao vestuário. Essa transformação ganha um incentivo a mais com a criação do Banco Pelotense, que surgiu com a finalidade de subsidiar os novos negócios da elite local, principalmente aqueles ligados a pecuária.

Vimos no decorrer do capítulo que Pelotas possuía muita representatividade política, em âmbito estadual e nacional, que no município, o legislativo e o executivo eram lugares de poder de grupos dominantes, com abertura para setores intermediários.

Outra conclusão que podemos chegar se refere à relativa concentração de poder econômico e político nas mãos dos mesmos indivíduos e das mesmas famílias. Vários foram os casos de sujeitos da elite econômica que também fizeram parte da elite política, citamos como exemplo o Coronel Pedro Luiz da Rocha Osório que foi vereador em 1890-1891 e vice-governador do Estado. Também podemos incluir o Coronel Alberto Rosa, colega de Pedro Osório no legislativo pelotense e sócio do mesmo na empresa “Pedro Ozório e Cia”. Outra figura de destaque nos negócios e na política fora o advogado Joaquim Augusto de Assumpção, ao mesmo tempo senador e banqueiro. Podemos mencionar também Francisco Antunes Maciel, charqueador e advogado, que foi deputado e ministro. São casos de indivíduos que estavam no topo da pirâmide socioeconômica de Pelotas e para além da riqueza, foram portadores de cargos políticos importantes.

Portanto, agora conhecemos melhor as elites pelotenses no período e seu espaço de atuação. Elas concentravam riqueza, prestígio e poder e tiveram um papel importante na caridade, pois doavam vultosas quantias para as instituições

---

<sup>15</sup> Sobre a propaganda republicana ver SACCOL, Tassiana Parcianello. **Um propagandista da República**: Política, letras e família na trajetória de Joaquim Francisco de Assis Brasil (década de 1880). Dissertação de Mestrado em História, PUCRS, 2013.

que iremos analisar nas próximas páginas. Portanto, a riqueza lhes possibilitava ampliar a sua atuação em espaços que ofereciam certo prestígio social, possibilitando o estabelecimento de redes de relações sociais com outros setores da sociedade, podendo os mesmos serem convertidos em capital político na época das eleições. Difícil saber o que acabava se tornando mais importante nesse contexto, tendo em vista que as principais famílias da terra perseguiram diversos interesses, elaboravam distintas estratégias e a caridade era somente mais uma delas, como veremos a seguir.

## **2. A caridade em Pelotas (1880-1920): As elites locais, as instituições assistenciais e as práticas geradoras de status e prestígio social**

O presente capítulo busca analisar e discutir a questão da caridade sob o viés motivacional do status e do prestígio social, não iremos analisar boa fé e religiosidade como fatores motivadores para a prática da caridade, embora que, saibamos que alguns sujeitos da elite local, além de extremamente caridosos também eram muito religiosos. Ainda, é importante considerar que as retribuições concedidas pelas instituições aos agentes benfeitores eram recheadas de valores simbólicos, e que tais ações por si só geravam mecanismos de visibilidade e prestígio social.

Para entender a caridade como uma prática recorrente da elite pelotense, mais especificamente no período de 1880 a 1920, é fundamental começar discutindo em que contexto e sob quais circunstâncias a caridade é efetuada. Primeiro, o recorte temporal desse trabalho contempla a época da passagem do Império para a República, além do fim da escravidão. Em Pelotas, o tipo de caridade que é alvo dessa pesquisa se praticava inicialmente pela elite do charque. Com o término oficial da escravidão a atividade econômica da elite local vai migrar de forma mais acelerada para outros ramos econômicos, tais como a indústria têxtil e de gêneros alimentícios. Porém, esta nova ou digamos ressignificada elite, que possui membros das famílias que anteriormente geravam riquezas a partir do charque, vai se somar a imigrantes portugueses, alemães, franceses, entre outros, que irão exercer atividades comerciais, agrícolas e profissões liberais. Neste contexto, as instituições assistenciais não deixaram de manter sua importância. Com donativos generosos, serviços inestimáveis de sujeitos da elite local, de famílias tradicionais ou de novos ricos. Portanto, mudou-se o século, a economia, a forma de governo, mas, nas primeiras décadas do século XX, a prática caritativa permaneceu aparentemente sólida.

Com o intuito de contribuir com a história social, propõe-se aqui a discussão dos espaços assistenciais como intermediadores da caridade, focando na trajetória dos sujeitos pertencentes às elites locais que a praticavam. Toda a caridade efetuada pela sociedade abastada de Pelotas visava o retorno, seja social, político, ou simbólico. Relatos sobre sujeitos detentores de poder praticando caridade para

com os mais necessitados, já remontam aos séculos XVI e XVII. Como descreve Araújo (2000) ao falar sobre os duques de Bragança e a relação com a caridade:

As generosas dádivas feitas aos pobres pelos duques de Bragança eram conhecidas de todos, bem como a forma como beneficiavam os estrangeiros de passagem e ajudavam os conventos da terra e arredores, facto de levou Morais Sardinha a afirmar que D. Teodósio II não era um príncipe liberal, mas um pai. (ARAÚJO, 2000, p. 216-217).

Já nas terras do extremo sul do Brasil, na Pelotas de meados do século XIX e começo do XX, conforme disserta Tomaschewski (2007), ao analisar as circunstâncias de caridade no que tange à Irmandade Santa Casa de Pelotas, verifica-se a solicitação dos ricos para que os demais indivíduos da sociedade ajudem quem está necessitado. “Enquanto para os pobres era considerado humilhante pedir, para os ricos, governantes e religiosos não o era, simplesmente porque estes não pediam para si, mas para a caridade ou para o bem comum”. (TOMASCHEWSKI, 2007, p. 126).

Tratando das motivações que podem levar o indivíduo a praticar a caridade, Larissa Chaves comenta que:

[...] duas relações ligam a dádiva com a caridade numa sociedade: a relação vertical e a relação horizontal do donativo. A primeira mostra que fazer o bem a outrem é garantia de reconhecimento dos céus, e nesse sentido, conseguir sanar as dificuldades do próximo, sejam elas de ordem financeira como de ordem espiritual, significa fazer o bem e ter o retorno de Deus. Nessa relação, o bem retorna porque Deus é onipresente, e percebe o esforço de quem realiza a caridade, fazendo das ações do bem, como prega também a igreja católica, a moeda de troca. A segunda relação é mais visível. Isto porque é a partir da dádiva em nível horizontal que se percebem as relações de solidariedade enquanto contratos sociais, onde o emprestar ou assistir significa exhibir o poder para o outro enquanto se espera o retorno, que poderá ser acompanhado de uma gratidão simbólica ao longo da vida, de uma dependência moral [...]. (Chaves, 2008, p. 231).

Ainda a falar sobre a elite pelotense, é de grande valia realizar a seguinte analogia com outras instituições de cunho caritativo, pois desde muito cedo a elite local vem desempenhando a caridade em instituições como a Sociedade de Beneficência Portuguesa, a Santa Casa e o Asilo de Mendigos. Esta relação de

“auto representação” das famílias abastadas da cidade de Pelotas verifica-se pulsante durante a mudança do século XIX para o XX.

No que tange às retribuições, temos o exemplo da Santa Casa de Misericórdia, que utilizava diversos ritos para retribuir aos benfeitores e beneméritos pelos donativos recebidos, muito semelhantes às honrarias concedidas pelo Asilo de Mendigos e pelo São Benedito, analisadas no decorrer do trabalho. Sobre o assunto, Tomaschewski (2007), fazendo referência a Mauss disserta que:

No modelo da reciprocidade proposto por Mauss, aquele que doa espera algo em troca: há a necessidade de dar, de receber e também de retribuir. No caso da doação aos pobres é necessário haver uma intermediação entre os ricos e os pobres, pois estes últimos não estão em condições de retribuir nem em bens materiais, nem em bens espirituais. Em troca das dádivas a instituição realiza uma série de ritos para dar visibilidade àqueles que dão. Entre os atos de agradecimento mais comuns estavam os ofícios enviados pela instituição, a menção dos nomes em relatórios, as listas de doadores nos jornais. Porém aos chamados Grandes Benfeitores eram concedidas honrarias mais elaboradas como a concessão do título, e posterior inauguração de retrato no salão de honra. Comumente estes também tinham seus nomes dados às enfermarias do hospital. Outra forma de destaque para os benfeitores da Misericórdia seria o fato de ter o seu nome ligado a uma grande obra, como a construção de hospital ou igreja, neste caso o indivíduo teria um lugar privilegiado em uma cerimônia pública. (TOMASCHEWSKI, 2007, p.139.)

A caridade efetuada no sentido de amparar os necessitados era muitas vezes retribuída pela instituição, sob a forma de referência em jornais, livros de atas, relatórios, nome de salas, retratos no salão de honra e diplomas de Benfeitor.

Recuando até Portugal, nos séculos XVI a XVIII, poder-se-ia observar que a esmola ou o donativo seriam o ponto de encontro entre pobres e ricos. Conforme Araújo:

Era através da caridade que pobres e ricos mais vezes se encontravam. Embora situados socialmente em pontos diametralmente opostos, a esmola servia de ponto convergente entre uns e outros. Para os ricos a caridade representava uma mais-valia espiritual e social, enquanto para os pobres significava a sobrevivência. A esmola possibilitava aos ricos abeirar-se do céu, ao mesmo tempo que granjeavam glória e poder na terra. A caridade constituía uma das virtudes teológicas e devia ser praticada apenas com a esperança de recompensa espiritual. Todavia, servia muitas outras funções, na medida em que contribuía para a afirmação social e política das elites. Os ricos serviam-se da esmola para reforçar o poder que possuíam, ao mesmo tempo que mantinham os pobres sob seu controle. Materializando

uma relação desigualitária, a dádiva possibilitava ao rico exibir o seu poder e riqueza, devendo o pobre aceitá-la com humildade e resignação. Estimulando actos de gratidão, a caridade proporcionava um troca de favores entre ricos e pobres, servindo aos primeiros para legitimar poder, enquanto reforçava dependências para os segundos, materializadas numa relação de sujeição permanente perante os benfeitores. (ARAÚJO, 2000, p.244).

Outra questão chave quando se trabalha com o ato de efetuar a caridade é pensar se as doações eram sem interesse ou possuíam interesses explícitos ou subentendidos. Para Bourdieu faz-se necessário questionar os interesses que os agentes podem ter em fazer o que fazem, ao falar do desinteresse, o autor disserta o seguinte:

É possível uma conduta desinteressada e, se é, como e em que condições? Se permanecermos em uma filosofia da consciência, é evidente que só podemos responder negativamente à questão e que todas as ações aparentemente desinteressadas esconderão intenções de maximizar alguma forma de lucro. Ao introduzir a noção de capital simbólico (e de lucro simbólico), de certa maneira, radicalizamos o questionamento da visão ingênua: as ações mais santas [...] poderão ser sempre suspeitas (e historicamente o foram, por certas formas extremas de rigorismo) de ter sido inspiradas pela busca do lucro simbólico de santidade ou de celebridade. (BOURDIEU, 2011, p.150).

Tendo sido feitas as considerações a respeito da caridade e da elite local, apresento ao leitor quatro instituições assistenciais de Pelotas, fundadas no século XIX e início do XX, que se conectam com a caridade e com a dita elite no recorte temporal escolhido para esta pesquisa (1880-1920). Ressaltamos que o Asilo Nossa Senhora da Conceição não será objeto de estudo, bem como outras instituições menores com atuação efêmera no século XIX.

Tabela 2.1: Relação das instituições médicas e asilares fundadas no século XIX e início do XX e ainda em funcionamento nos dias atuais

<b>Instituição</b>	<b>Ano de Fundação</b>
Asilo Nossa Senhora da Conceição <sup>16</sup>	1844
Santa Casa de Misericórdia de Pelotas	1847
Sociedade Portuguesa de Beneficência	1857

<sup>16</sup> Por critérios de pesquisa, optou-se por não analisar e discutir neste trabalho, a instituição Nossa Senhora da Conceição. Sobre as características desse estabelecimento assistencial, ver Souza (2012).

Asilo de Mendigos de Pelotas	1885
Asilo de Órfãos São Benedito	1901

A partir de agora, analisaremos o histórico das instituições mencionadas. Incorporamos a Santa Casa e a Beneficência Portuguesa com o objetivo de melhor compreender os traços característicos dos dois Asilos aqui estudados e que se caracterizam como nosso principal objeto de análise. Na comparação do perfil das mesmas, acreditamos poder interpretar melhor a natureza dos Asilos enquanto espaços caritativos das elites locais.

## 2.1 Santa Casa de Misericórdia de Pelotas

Na dissertação *Caridade e Filantropia na distribuição da assistência: a irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas – RS (1847-1922)*, Cláudia Tomaschewski (2007) aborda a Misericórdia de Pelotas e suas diversas atividades vinculadas à assistência. Segundo a autora, ao analisar uma correspondência datada de 2 de junho de 1845 e enviada pela Câmara de Pelotas, cujo destinatário era o presidente da província, naquele ano havia em Pelotas um terreno disponível para a construção de um estabelecimento caritativo. No entanto, não se dispunha dos mecanismos necessários para que essa construção se concretizasse. A autora observa que, passada a Revolução Farroupilha, foi organizada uma irmandade da Santa Casa de Misericórdia, com o objetivo primeiro de ser um hospital. Entre os fundadores do referido estabelecimento havia profissionais liberais, como médicos e advogados, fazendeiros, charqueadores e comerciantes, pessoas de condições econômicas favoráveis e algumas delas com vida atuante nos espaços políticos locais e regionais. Ainda, conforme a pesquisadora, os fundadores possivelmente tenham organizado a entidade como misericórdia em razão dos privilégios concedidos pelo Império Brasileiro às irmandades com finalidades semelhantes à da Santa Casa de Pelotas e tendo em vista que a “Sociedade Formada desejava possuir bens de raiz (uma das fontes de renda deste tipo de instituição era o aluguel de prédios urbanos e propriedades rurais legadas por seus benfeitores)” (TOMASCHEWSKI, 2007, p.55), autorização que dependia da aprovação da Assembleia Geral. Nas pesquisas por mim efetuadas, encontrei um exemplo de doação, do que era considerado bem de raiz, infere-se como sendo bem imóvel. Na

notícia abaixo se verifica a comprovação e a publicação da doação do Cel. João Antônio Pinheiro de um imóvel localizado na Rua Marechal Deodoro. O valor do bem é fracionado em quatro partes e tem como alvo quatro instituições assistenciais de Pelotas:

Bem de Raiz

Pelo grande benfeitor Cel. João Antônio Pinheiro, foi legado ao Asilo de Mendigos a 3ª parte do prédio situado á rua Marechal Deodoro nº 763. São possuidores das outras partes a Santa Casa, o Asilo Nossa Senhora e o Asilo São Benedito. (Histórico do Asilo de Mendigos de Pelotas, 1935).

A finalidade da Misericórdia de Pelotas, no ano de 1889, consiste em “tratar os desvalidos que por pobreza são privados de tratarem-se em casa; tratar dos marinhos que pagam contribuição nas estações fiscais; acolher pessoas mediante contribuição diária; criar expostos mediante subvenção” (TOMASCHEWSKI, 2007, p. 61). Outro ponto importante que a autora aborda em sua dissertação é a relação que a Santa Casa estabeleceu com outras instituições assistenciais, mais precisamente com o Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição (que não será objeto de maior investigação nessa pesquisa) e com o Asilo de Mendigos. A primeira instituição surgiu a partir da dissolução da Loja maçônica “União e Concórdia” em 1855, sendo que todos os fundadores do Asilo de Órfãs, naquele momento, também eram irmãos da Santa Casa. Possivelmente, esse foi um dos fatores que tenham levado a Santa Casa de Misericórdia a enviar depois de completar certa idade, meninas que adentraram no estabelecimento médico como expostas, e também há de se considerar que até o ano de 1901, quando é fundado o Asilo de Órfãs São Benedito, havia em Pelotas, somente o Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição com o escopo de amparar às órfãs da cidade. Já em relação ao Asilo de Mendigos, Cláudia Tomaszewski opina que a relação entre este estabelecimento e a Misericórdia tornou-se próxima muito em virtude do não recebimento de idosos e pobres inválidos que antes esta recebera, porém este público não ficou desassistido, já que o Asilo de Mendigos iniciara suas atividades, suprimindo dessa forma essa lacuna na assistência aos desvalidos de Pelotas.

A respeito do destaque conferido para aqueles indivíduos que praticavam a caridade para com a Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, verifica-se que “a

concessão de títulos de benfeitor e colocação de quadros já vinha sendo praticada desde 1849 quando foi inaugurado o “salão de respeito” com o retrato do primeiro provedor e de sua mulher que havia legado à irmandade” (TOMASCHEWSKI, 2007, p. 79). Ainda, segundo a autora, a partir da década de 1910 decresce o número de irmãos aceitos como sócios, possivelmente em virtude das exigências para ser sócio, pois além da disposição para praticar a caridade e a filantropia com doação de bens e serviços o futuro irmão deveria se dispor a pagar a mais, caso quisesse receber serviços e tratamentos diferenciados no hospital, logo que no ano de 1914 é criada uma nova modalidade de irmãos, para usufruir do atendimento do hospital pagando de uma só vez de 500\$000 a 1:000\$000 réis.

Em sua dissertação, Cláudia Tomaschewski elaborou um quadro contendo os nomes dos provedores da Misericórdia de Pelotas no período de 1847 a 1922. Segundo os dados coletados pela autora, o primeiro provedor da Santa Casa de Pelotas foi José Roiz Barcellos<sup>17</sup> (1847-1849), já nos anos que mais me interessam (1880-1920), tendo em vista o recorte temporal desse trabalho, a Santa Casa teve como provedores, nomes como o de Joaquim José de Assumpção (Barão de Jarau) (1875-1887), Francisco Antunes Gomes da Costa ( Barão de Arroio Grande) em duas oportunidades (1887-1890) e (1909-1910), Alberto Roberto Rosa, também com dois mandatos (1897-1904) e (1911-1914), Edmundo Berchon des Essarts (1905-1908) e Bruno Gonçalves Chaves (1915-1922). Estes dirigentes pertenciam ao grupo que podemos denominar de elite local, pois eram charqueadores e fazendeiros e, os dois últimos, médicos. Conforme as palavras da pesquisadora “os seus membros ou tinham dinheiro para dispor com a irmandade, ou tinham capacidades técnicas para realizar serviço ou eram “conhecidos membros de respeitáveis famílias””. (TOMASCHEWSKI, 2007, p.111). Ainda, conforme a autora, as Associações locais poderiam ser um espaço de sociabilidade e poder para os indivíduos da elite. Dos sujeitos pesquisados por Tomaschewski, 136 pertenciam também a Irmandade do Santíssimo Sacramento, 30 pertenciam à maçonaria e outros tantos faziam parte de associações como o Asilo de Órfãos Nossa Senhora da

---

<sup>17</sup> Segundo Jonas Moreira Vargas (2013), Rodrigues podia ser abreviado por Roiz, o Comendador José Rodrigues Barcellos foi um dos mais ricos charqueadores de Pelotas na primeira metade do século XIX. Na tabela de composição do patrimônio dos charqueadores com fortunas acima de 50 mil libras, elaborada por Vargas, Barcellos aparece em 7º lugar com um valor de 65.409 Monte-mor – (libras) no ano de 1850.

Conceição, Asilo de Mendigos, Bibliotheca Pública, Associação Comercial, entre outras.

Abaixo colocamos uma tabela na qual constam os nomes dos provedores da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, desde sua fundação até o ano de 1915:

Tabela 2.2: Relação dos Provedores da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas

<b>Nomes</b>	<b>Data da Posse</b>	<b>Data da Exoneração</b>	<b>Profissão/Ocupação</b>
Major José Rodrigues Barcellos	01/07/1847	30/06/1849	Charqueador
Domingos de Castro Antiqueira	01/07/1849	30/06/1852	Charqueador
José Ignacio da Cunha	01/07/1852	30/06/1853	Charqueador
Dr. Amaro José de Avila da Silveira	01/07/1853	30/06/1854	Profissional Liberal
Dr. Vicente José da Maia	01/07/1854	30/06/1855	Advogado
Coronel Thomaz José de Campos	01/07/1855	30/06/1856	Charqueador
Comendador Antonio José de Oliveira Castro	-	-	Charqueador
Comendador Domingos Rodrigues Ribas	01/07/1859	30/06/1860	Capitão
João Francisco Vieira Braga (Conde de Piratiny)	01/07/1860	30/06/1873	Charqueador/Capitalista
Comendador Possidonio Mancio da Cunha	01/07/1873	30/06/1875	Charqueador
Joaquim José de Assumpção (Barão de Jarau)	01/07/1875	30/06/1887	Charqueador
Francisco Antunes Gomes da Costa (Barão do Arroio Grande)	01/07/1887	30/06/1890	Charqueador
Comendador Possidonio Mancio da Cunha	01/01/1891	30/12/1894	Charqueador
Tenente Coronel	01/01/1895	30/12/1896	Militar

Domingos Jacintho Dias			
Coronel Alberto Roberto Rosa	01/01/1897	30/12/1904	Charqueador/Industriário
Dr. Edmundo Berchon des Essarts	01/01/1905	30/12/1908	Médico
Barão do Arroio Grande	01/01/1909	30/12/1910	Charqueador
Coronel Alberto Roberto Rosa	01/01/1911	30/12/1914	Charqueador/Industriário
Dr. Bruno Gonçalves Chaves	01/01/1915		Médico

Fonte: Almanaque de Pelotas, ano de 1917, p.187; OSÓRIO, Fernando. **A cidade de Pelotas**. Pelotas: Armazém Literário, 2 volumes, 1997; TOMASCHEWSKI, Cláudia. **Caridade e filantropia na distribuição da assistência**: a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas - RS (1847-1922). 2007. 257 p. Dissertação – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007; VARGAS, Jonas Moreira. **Pelas Margens do Atlântico**: Um estudo sobre elites locais e regionais no Brasil a partir das famílias proprietárias de charqueadas em Pelotas, Rio Grande do Sul (século XIX). 505 f. Tese (Doutorado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro– UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

Ao longo de 68 anos (1847-1915), a Santa Casa teve 16 provedores, sendo que 10, ou 62,5 % deles eram charqueadores, 4 (25 %) eram profissionais liberais e 2 (12,5 %) possuíam patente militar. Alguns dos provedores da Misericórdia estavam entre os mais ricos charqueadores da Princesa do Sul. Na tese de doutorado de VARGAS (2013), encontramos os charqueadores mais ricos do século XIX, aqueles que possuíam patrimônio superior a 50 mil libras. Nessa lista verificamos o nome de 4 provedores da Santa Casa, encabeçando a relação está o Barão de Jarau, em 5º temos o nome de José Inácio da Cunha, em 6º está o comendador Antonio José de Oliveira Castro e em 7º o Major José Rodrigues Barcellos, primeiro provedor da Santa Casa. Conforme o próprio Vargas, amparado também nas considerações de Tomaschewski (2007), “a ocupação de tais cargos além de ampliar as suas redes de relações sociais na cidade, aumentava imensamente o seu prestígio social” (VARGAS, 2013, p.433).

Diferentemente da relação de presidentes do Asilo de Mendigos e principalmente do Asilo de Órfãos São Benedito, os provedores da Santa Casa pertenciam em sua totalidade à elite local, como reforça um texto comemorativo de 1898, encomendado pela própria Misericórdia (TOMASCHEWSKI, 2007, p.110), que diz que a instituição era “constituída pelos mais notáveis cidadãos desta terra, uns

pela sua posição pecuniária, outros pela sua atividade, competência e força de vontade” (TOMASCHEWSKI, 2007, p.110). Ou seja, para ocupar o cargo máximo na Misericórdia era necessário que o indivíduo pertencesse às famílias tradicionais que concentravam riqueza, prestígio e poder político e que foram estudadas por Vargas (2013). Assim sendo, podemos estabelecer um grau de hierarquia entre as três instituições analisadas, tendo como base a profissão, a origem familiar e os cargos políticos dos provedores/presidentes de ambas as instituições, veremos que na Santa Casa os ocupantes dos cargos máximos eram todos sujeitos abastados e de maior destaque local, já no Asilo de Mendigos e principalmente no Asilo de Órfãos São Benedito a relação não é tão homogênea. Portanto, das três Instituições, a Santa Casa estava no topo da pirâmide caritativa e assistencial.

Quanto à nacionalidade dos irmãos da Misericórdia de Pelotas, Cláudia Tomaschewski afirma que a Santa Casa, apesar de não especificar um número fixo de irmãos como outros estabelecimentos similares, era uma associação de acesso restrito. Sendo composta em sua maioria por brasileiros das elites locais, nos cargos de direção. A autora elaborou uma tabela com a nacionalidade dos dirigentes no período de 1847-1922 e com base nos dados coletados é possível concluir que do total de 239 pessoas analisadas, 150 possuíam nacionalidade brasileira, o que corresponde a um percentual de 62,76% - um número bastante expressivo, tendo em vista que parte do recorte temporal delimitado pela autora corresponde ao 2º Reinado.

Outro ponto importante mencionado por Tomaschewski em seu trabalho diz respeito aos cargos e ou títulos que os irmãos detinham ou vieram a deter. “Lembro que os membros da Mesa também poderiam, e foram em alguns casos, considerados benfeitores, porque as obras da misericórdia não pressupõem apenas a doação de bens e dinheiro, mas, sobretudo, doação de serviço” (TOMASCHEWSKI, 2007, p. 117). Com a citação acima, a autora esclarece ao leitor que a Santa Casa de Pelotas, em alguns casos, considerava como benfeitores membros da Mesa Diretora, que haviam se esforçado em prol da Misericórdia, e não necessariamente haviam feito uma grande doação em dinheiro ou outra forma de donativo para com o estabelecimento. Ao falar dos benfeitores da Misericórdia de Pelotas, a pesquisadora escreve o seguinte: “os benfeitores são frequentemente, charqueadores, fazendeiros, barões, coronéis, médicos e mulheres (muitas vezes

esposas dos grandes benfeitores), indivíduos que ostentam riqueza material e o reconhecimento público de suas posições de elite e atos de benemerência” (TOMASCHEWSKI, 2007, p.137).

A relação de Grandes Benfeitores da Santa Casa de Misericórdia segue o parâmetro social e econômico da relação de Provedores, incluindo o renomado médico Edmundo Berchon, que nas primeiras décadas do século XX já fizera sua fama em Pelotas e além-mar, inclusive.

O Almanaque de Pelotas (1917), trás na página 188 a lista dos Irmãos Grandes Benfeitores da Santa Casa. Na tabela abaixo constam os nomes dos Irmãos contemplados com a honraria até o ano de 1917.

Tabela 2.3: Relação dos Grandes Benfeitores da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas

<b>Número</b>	<b>Nome</b>
1	Major José Rodrigues Barcellos
2	D. Anna Bernarda Barcellos
3	Felicíssimo José da Silva
4	D. Francisca Eulalia da Silva
5	Padre Nicolau de Genova
6	Padre Miguel G. Moncada
7	José Marques de Carvalho
8	D. Anna Pinto de Carvalho
9	Antonio José Rodrigues Prates
10	D. Mathildes Rodrigues de Oliveira
11	Comendador Antonio José de Oliveira Castro
12	Comendador Antonio José de Oliveira Leitão
13	Manoel Rodrigues Barbosa
14	Visconde do Rio Grande
15	D. Zeferina Gonçalves da Cunha
16	Comendador José Vieira Pimenta
17	Barão de Butuí
18	Manoel José Fernandes Lima
19	Nicanor Galigniana
20	Conde de Piratini
21	Francisco Eurico da Silva

22	Barão de Itapitocay
23	Barão de Jarau
24	Comendador Possidonio Mancio da Cunha
25	José Maria da Fontoura
26	Comendador Domingos A.F. da Costa
27	Barão do Arroio Grande
28	Antonio Jacobs
29	Tenente Coronel Domingos Jacinto Dias
30	Viscondessa da Graça
31	Coronel Alberto Roberto Rosa
32	Dr. Francisco Simões Lopes
33	D. Vicencia da Fontoura Lopes
34	Baronesa do Arroio Grande
35	D. Ignez Jacintha de Moraes
36	Dr. Edmundo Berchon des Essarts
37	Dr. José Cypriano Nunes Vieira
38	D. Anna Conceição Barboza Pinheiro
39	Felix Antonio Gonçalves
40	D. Maria Jacintha Dias de Campos
41	João Cyriaco Crespo
42	Pedro Pereira da Silva
43	Joaquim Maria da Silva
44	D. Isaura Affonso Alves
45	Dr. José Brusque
46	D. Felisbina da Costa Rangel
47	Dr. Joaquim Augusto de Assumpção
48	Revma. Madre Carolina

Fonte: Almanaque de Pelotas (1917), p.188.

A lista dos Grandes Benfeitores é extensa<sup>18</sup>, porém nos fornece importantes informações sobre quem era a elite benfeitora da Santa Casa. Dos 48 nomes, 34 são homens e 14 mulheres, três são religiosos (uma madre e dois padres), o que denota o caráter católico da instituição. A essência da lista é formada por benfeitores

<sup>18</sup> A lista inclui todos os Grandes Benfeitores da Santa Casa, desde a sua fundação em 1847, até o ano de 1917. Foi pensado em começar a lista a partir do ano de 1880, recorte temporal inicial da dissertação, porém como não tínhamos a data da concessão da honraria, optamos por não retirar nenhum nome da relação.

(as) da elite local, análoga à nominata dos provedores. Alguns sujeitos foram provedores e também benfeitores, como é o caso do Dr. Edmundo, do Major José Rodrigues Barcellos, entre outros. Muito sujeitos ascenderam à condição de grande benfeitor, após desempenharem a função de provedor, fato que ocorreu com o coronel Alberto Rosa, que teve seu retrato inaugurado no salão de honra antes mesmo de deixar o cargo de provedor (TOMASCHEWSKI, 2007, p.141).

## 2.2 Sociedade Portuguesa de Beneficência de Pelotas

Para falar sobre o histórico e sobre os principais benfeitores e beneméritos da Beneficência Portuguesa de Pelotas, utilizaremos a tese de doutorado de Larissa Patron Chaves (2008), intitulada: *“Honremos a Pátria Senhores!” As sociedades Portuguesas de Beneficência: Caridade, Poder e Formação de Elites na Província de São Pedro do Rio Grande (1854-1910)*.

A autora escreve que a Beneficência de Pelotas foi inaugurada em 16 de setembro de 1857, data de aniversário do Rei de Portugal, o prédio situava-se na Rua da Igreja, esquina com as ruas São Domingos e Benjamin Constant, em prédio da empresa Ribas<sup>19</sup> e & Irmão. Já nos primeiros estatutos, datados de 1857, ficam expostos os deveres e direitos dos associados:

São sócios ativos indivíduos de nacionalidade portuguesa, de sexo masculino, que admitidos pela diretoria satisfaçam jóia e mensalidades que lhe são aplicáveis, de acordo com a categoria que sejam admitidos... O Benfeitor é concedido ao indivíduo que doa o valor de dezoito mil réis em dinheiro ou jóia... o grande benfeitor que doa o valor de vinte mil réis, e o benemérito de vinte e cinco mil... é sócio honorário o indivíduo que tenha prestado algum serviço à Sociedade ou à algum sócio, ou à coletividade. (CHAVES, 2008, p.250).

Porém, segundo a pesquisadora, os estatutos deixam subentendidos uma série de questões. “Primeiramente, ao observar o conjunto de relatórios institucionais percebe-se que a admissão de associados benfeitores, beneméritos e honorários não depende da nacionalidade, e sim da quantidade de doações

---

<sup>19</sup> O Comendador João Rodrigues Ribas foi um rico comerciante de Pelotas, parente de Vieira Braga, o Conde de Piratini.

efetuadas, conforme mostram os estatutos” (CHAVES, 2008, p.250). Sendo assim, as doações conferem ao doador um grau mais elevado de status e são fronteiras para exclusão e também para a entrada na associação. Com efeito, quanto maior for a doação, maior será o seu prestígio e a modalidade de sócio na qual se encaixará.

Conforme Chaves, a ata número um da Sociedade Portuguesa de Beneficência, faz referência ao desejo imediato da criação da referida instituição por parte dos novos sócios, todos lusos, e para que tal finalidade fosse exitosa, os sujeitos que participaram da reunião na casa do vice-cônsul Francisco Luiz Ribeiro determinaram pedir ajuda a outros negociantes, entre eles o Sr. Pedro José de Campos, Joaquim José Pereira Pena e Januário Joaquim Amarante.

Antes da inauguração oficial, mais precisamente em 08 de setembro de 1857, quando tudo indica que a Beneficência já contava com 254 associados, os sócios se reuniram e elegeram um procurador e doze diretores do mês. A frente da diretoria estava o vice-cônsul Francisco Luiz Ribeiro, como secretário foi empossado José Vieira Pimenta (idealizador da Beneficência Portuguesa em Pelotas) e no cargo de tesoureiro, Manoel José Fernandes Lima. “A Sociedade Portuguesa de Beneficência de Pelotas é composta desde os seus primórdios por diretoria, conselho deliberativo e comissão fiscal”. (CHAVES, 2008, p.253).

De acordo com Larissa Chaves (2008), a fundação da Beneficência em Pelotas contou com a participação de um número expressivo de imigrantes portugueses. “É pela necessidade de amparar filhos, viúvas, irmãos e compatriotas que a Beneficência Portuguesa é criada, e nesse sentido, o consentimento do Presidente da Província sobre a existência das Associações é garantido a partir dessa justificativa”. (CHAVES, 2008, p.250). Com efeito, a autora ainda comenta sobre a vontade das elites regionais em tornarem-se distintas, tanto no aspecto prático do hospital, como no aspecto social, sendo o estabelecimento da Beneficência um local em que a princípio esta elite não se misturaria com presos, indigentes, mendigos, entre outros.

Em relação às diferenças existentes para com o hospital da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, podemos observar que na Santa Casa os cargos diretivos, em sua grande maioria, eram ocupados por famílias com sobrenomes tradicionais de Pelotas, já na Beneficência, estes dirigentes eram de origem portuguesa, porém

detentores de posses, também podendo ser rotulados como elite local, assim como os diretores da Misericórdia.

No que tange a construção de um hospital definitivo, em terreno próprio, Larissa Chaves contribui dizendo o seguinte:

Separada, sem dever obediência à de Porto Alegre, a sua Diretoria, auxiliada pelo apoio dos associados, lançou o projeto de construir, em terreno próprio, um hospital definitivo. Nesse sentido, José Antônio de Oliveira Leitão, que, junto com a esposa Isabel de Fontoura Leitão, doaram o terreno para a construção do hospital. Na verdade, essa construção foi efetuada somente com donativos além das mensalidades da Beneficência, estando José Vieira Pimenta, no lugar dos grandes doadores para o empreendimento. (CHAVES, 2008, p.253-254).

A pedra fundamental da edificação foi colocada em 13 de fevereiro de 1859. Neste dia, “houve uma bênção para consolidar o evento. Uma imagem de São Pedro, padroeiro dessa beneficência foi doada pelo sócio benemérito José Antônio de Oliveira Leitão<sup>20</sup>”. (CHAVES, 2008, p.255).

Tabela 2.4: Relação de alguns beneméritos que contribuíram de forma significativa para a Sociedade Portuguesa de Beneficência em Pelotas

<b>Benemérito</b>	<b>Contribuição para a Sociedade Portuguesa de Beneficência</b>
José Vieira Pimenta	Grande doador para o empreendimento do hospital em terreno próprio; membro da 1ª diretoria.
José Antônio de Oliveira Leitão	Doador do terreno para a construção do prédio da Beneficência.
Antônio Pinto do Rego Magalhães	Participou de todas as diretorias durante sua vida; Também é associado benemérito do Asilo de Mendigos.
Manoel José da Costa	Após seu falecimento deixou para a Beneficência uma casa térrea no valor de dois contos de réis. Cinco imóveis no valor de 5.000\$000 cada um, e mais dois terrenos valendo 5.000\$000 e 6.000\$000 réis.

<sup>20</sup> José Antônio de Oliveira Leitão era genro de João Simões Lopes, o Visconde da Graça. Simões Lopes, da mesma forma que José Rodrigues Barcellos, aparece como um dos mais ricos charqueadores de Pelotas. Na tabela elaborada por Jonas Vargas (2013), onde se observa a composição do patrimônio dos charqueadores com fortunas acima de 50 mil libras, o Visconde da Graça possuía no ano de 1893, o valor de 143.320 Monte - mor (libras).

Pedro José de Campos	Comerciante e colaborador da Beneficência Portuguesa de Pelotas.
Joaquim José Pereira Penna	Comerciante e colaborador da Beneficência Portuguesa de Pelotas.
Januário Joaquim Amarante	Comerciante e colaborador da Beneficência Portuguesa de Pelotas.
Joaquim Monteiro	Comerciante e colaborador da Beneficência Portuguesa de Pelotas.

Fonte: Dados elaborados a partir da leitura e análise do seguinte trabalho: CHAVES, Larissa Patron. **“Honremos a Pátria!” As Sociedades Portuguesas de Beneficência: caridade, poder e formação de elites na Província de São Pedro do Rio Grande (1854-1910)**. 2008. Tese (Doutorado em História) – Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós – Graduação / Programa de Pós – Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, 2008.

Para concluir este subcapítulo, cito novamente a pesquisadora Larissa Chaves:

Desde muito cedo na história da instituição de Beneficência em Pelotas, o trabalho assistencial realizado com a participação de uma elite local foi verdadeiro. Este, na verdade, parece ser o cerne das relações de auto-representação da elite social da cidade, na medida em que não foi somente a Sociedade Portuguesa de Beneficência, mas a Santa Casa e o Asylo de Mendigos, que já em 1882 desempenhava a angariação de doações que beneficiassem indivíduos na pobreza. (CHAVES, 2008, p.258-259).

Estas relações que a autora se refere, vão adentrar o século XX e vão se manter fortes, ao menos no primeiro quartel do século supracitado. A partir de 1901 vamos ter a atuação de sujeitos da elite local, também no Asilo de Órfãs São Benedito. No entanto, comparando somente a Beneficência com a Santa Casa, podemos inferir algumas questões. Como alertou Chaves (2008), não se deve considerar que portugueses e brasileiros dividiam-se exclusivamente na Beneficência e na Santa Casa. Alguns portugueses que enriqueceram aqui no Brasil tiveram notabilidade mais na Santa Casa do que na Beneficência, como Antônio José de Oliveira Castro e José Antônio Moreira (Barão de Butuí), que estão entre os charqueadores mais ricos de Pelotas. Outro caso digno de menção é o do Comendador português José Vieira Pimenta, que obteve destaque em ambas as listagens. Contudo, a partir da comparação das mesmas, pode-se considerar, em linhas gerais, que a Santa Casa atraía mais a elite tradicional da cidade, reunindo

famílias de prestígio como os Assumpção, os Simões Lopes, os Rodrigues Barcellos, Crespo, Cunha, Vieira Braga, Antunes Maciel, entre outras.

### **2.3 Asilo de Mendigos de Pelotas**

Ao escrever sobre o Asilo de Mendigos de Pelotas é preciso considerar que mesmo antes do término da escravidão no país e antes da mudança na forma de governo, de Monarquia para República, os indivíduos mais afortunados da sociedade pelotense julgavam necessária à instalação de um estabelecimento que recebesse os desvalidos, os mendigos que se encontravam pelas ruas da cidade. Lembramos que na década de 1880 a economia de Pelotas, que já fora pulsante por conta da produção de charque, enfrentava uma profunda crise, colocando mais indivíduos em condições de pobreza (VARGAS, 2016). Essas pessoas, definidas como mendigos, não combinavam com os adjetivos de cidade desenvolvida e certamente a elite pelotense via a necessidade de colocá-los em um ambiente fechado, zelando por eles e também de certa forma mantendo a cidade com ares de “limpeza” e de progresso tecnológico, econômico, arquitetônico e cultural. Sendo assim, em 1885 vai surgir o Asilo de Mendigos de Pelotas.

Em 1882, a ideia de criar um asilo foi lançada e publicada pelo jornalista e fundador do jornal Correio Mercantil, Antônio Joaquim Dias<sup>21</sup>, conforme reforça a notícia abaixo:

A redação do Correio Mercantil solicita de todos os habitantes desta cidade um donativo qualquer para ser aplicado à construção de um edifício destinado à mendicidade. As quantias que a generosidade pública consagrar à este humanitário fim, podem ser remetidas à esta redação ou aos Srs. Conceição e Cia. (CORREIO MERCANTIL, 21/09/1882).

Este apelo surte efeito, como evidencia o texto abaixo, que enaltece a figura de João Augusto de Freitas, importante colaborador do Asilo de Mendigos:

---

<sup>21</sup> Será dedicado um subcapítulo nessa dissertação, que versará sobre a trajetória de vida de Antônio Joaquim Dias.

ASILO DE MENDIGOS – Pode invocar o direito de fundadora desse estabelecimento a Mesa de Rendas de Pelotas, como corporação, pois, por um de seus membros (o escriturário João Augusto de Freitas, falecido em Pelotas a 18 de agosto de 1913), em nome de todos, ofereceu como auxílio à construção do projetado asilo a contribuição de 2% dos respectivos vencimentos durante o período de 15 meses, que decorreram de 1º de outubro de 1882 a 31 de dezembro de 1883, atingindo o donativo a quantia de 825.147 réis. (OSÓRIO, 1997, p.84).

Conforme Riechel (2000), em 31 de maio de 1883 foi eleita à diretoria provisória, sendo o primeiro presidente o Sr. Antônio Joaquim Dias. O Histórico do Asilo de Mendigos (1936), não menciona a diretoria provisória, da qual Riechel se referiu, no documento consta apenas a 1ª diretoria, que foi eleita em 31 de maio de 1885, da qual fizeram parte os seguintes senhores: Antonio Joaquim Dias (Presidente); José Ferreira Alves Guimarães (Vice); Cel. Luiz Carlos Massot (Secretário); Antonio Francisco da Rocha (Tesoureiro) e os Diretores Domingos Fernandes da Rocha, Joaquim Francisco Meireles Leite e Adolfo Rezende.

Figura 2.1: Fachada da entrada principal do Asilo de Mendigos de Pelotas



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017.

De 1885 a 1935, o Asilo teve onze presidentes, a grande maioria exerceu mais de uma vez o cargo, conforme evidenciamos na tabela abaixo:

Tabela 2.5 - Relação de Presidentes do Asilo de Mendigos (1885 a 1935)

<b>Presidente</b>	<b>Período</b>
Antônio Joaquim Dias	1885-1886
Barão do Arroio Grande	1886-1887
Cel. Alfredo Gonçalves Moreira	1887-1892
Cel. Urbano Martins Garcia	1892-1900
Cel. Manoel Simões Lopes	1901-1905
Dr. Francisco Simões	1905-1908
Faustino Trapaga	1909-1910
Dr. Pedro Luis Osorio	1911-1915
Dr. Augusto Simões Lopes	1916-1923

Major João Leão Sattamini	1924-1928
Dr. Augusto Simões Lopes	1929-1932
Dr. Nede Lande Xavier	1933-1935

Fonte: HISTÓRICO do Asilo de Mendigos de Pelotas – 1882 a 1935. Pelotas: A Universal, 1936.

No período de 50 anos, quem mais vezes exerceu o cargo de presidente da Instituição foi o Dr. Augusto Simões Lopes, no total foram 12 anos, seguido pelo Cel. Urbano Martins Garcia, que esteve a frente da instituição de 1892 a 1900. Outra informação que podemos extrair da tabela nos remete a presença de mais de um indivíduo da mesma família na relação de presidentes do Asilo, como é o caso da família Simões Lopes, que no período delimitado teve três representantes à frente da Instituição, demonstrando que a participação em cargos diretivos era um hábito compartilhado entre as famílias elitizadas de Pelotas e em muitos casos um hábito e uma tradição de uma determinada família.

O espaço geográfico escolhido para a construção do prédio situava-se entre as ruas Andrade Neves e XV de Novembro com frente para a Praça Júlio de Castilhos (atual Parque D. Antônio Zattera). A compra do terreno ficou a cargo do conselho administrativo, que no ano de 1886 era presidido pelo Barão de Arroio Grande, importante benfeitor do Asilo. Após a escolha do local, o terreno foi adquirido do Sr. Joaquim da Silva Tavares (Barão de Santa Tecla) pelo valor de Rs 6:000\$000, sendo que a metade desse valor foi doado ao asilo pelo referido Barão, que por este ato, também foi considerado benfeitor do estabelecimento. É importante destacar que ambos os citados eram charqueadores pertencentes às famílias mais ricas de Pelotas na época.

De acordo com Riechel (2000), no ano de 1889, as obras para a construção do prédio iniciaram, começando dos fundos para frente, por ser considerada a parte mais custosa. Como construtor responsável pela colocação de forros e assoalhos foi contratado o Sr. Paulino Rodrigues, para a colocação de reboco o Sr. Antônio dos Santos e a pintura ficou sob a responsabilidade do Sr. Rodolfo Astofi. As grandes obras do estabelecimento somente foram inauguradas em 28 de junho de 1931, totalizando um custo de Rs. 360:000\$000, o que evidencia os altos valores que tais instituições necessitavam para manterem-se em pleno funcionamento.

Em 24 de junho de 1894, em assembleia geral, presidida pelo coronel Urbano Martins Garcia, foi aprovado o projeto dos novos estatutos, perdendo então o Asilo a

primeira denominação (Sociedade Beneficente Asylo de Mendicidade) e sendo-lhe dada a que ainda conserva até os dias atuais – Asylo de Mendigos de Pelotas. Três anos antes, em 1891, o Asilo enfrentava sérios problemas financeiros, ocasionando dificuldades para continuar as obras, até o momento em que o Sr. João Simões Lopes Filho (Visconde da Graça) se prontifica para pagar a dívida existente no valor de 7:915\$260. Por essa expressiva ação, o Visconde da Graça também é um dos beneméritos da referida instituição. Anos mais tarde, um fragmento do Almanaque de Pelotas reforçaria a importância e o destaque conferido a sua pessoa: “Graças ao venerado João Simões Lopes ficou o Asylo montado no pé em que ainda hoje se o vê, com orgulho”. (ALMANAQUE DE PELOTAS, 1921, p. 284).

Em relação aos estatutos<sup>22</sup> do Asilo de Mendigos, tive acesso ao estatuto de 1938. Embora não seja o primeiro, através deste se pode ter uma dimensão das características do referido estabelecimento assistencial e de seus sócios. Quanto à finalidade da instituição, percebe-se o seguinte: “Art. 2º - São seus fins: § 1º - Receber os mendigos e inválidos inteiramente desprotegidos de meios para viver; § 2º - Velar pelo bem estar dos asilados; § 3º - Conseguir dos poderes competentes a proibição da mendicidade nesta cidade”<sup>23</sup>. Já no que tange a categorias de sócios, tem-se a seguinte diferenciação: 1º - Grandes Benfeitores; 2º - Beneméritos; 3º - Legionários; 4º - Honorários; 5º - Efetivos e Contribuintes; 6º - Inativos e protegidos. No tocante a diretoria, o estatuto diz o seguinte: “Art. 11º - A associação será regida por uma diretoria composta de 22 membros, eleitos em Assembleia Geral, anualmente, em escrutínio secreto e por maioria absoluta de votos”<sup>24</sup>.

Quanto à retribuição que a instituição Asilo de Mendigos de Pelotas conferiria a quem prestasse relevante serviço ou donativo para com a mesma, o estatuto de 1938 trata das honras e distinções, contemplando como uma das formas de homenagem à concessão de diplomas para cada categoria de sócios da seguinte forma, conforme consta na tabela abaixo:

---

<sup>22</sup>Infelizmente, não tive acesso aos documentos que se encontram no Asilo de Mendigos de Pelotas, assim sendo, não encontrei estatutos anteriores ao ano de 1938 disponíveis para pesquisa. E também é impreciso saber quais são as fontes primárias que estão sob a guarda da instituição.

<sup>23</sup> ESTATUTO DO ASILO DE MENDIGOS, 1938, p.03.

<sup>24</sup> ESTATUTO DO ASILO DE MENDIGOS, 1938, p. 05.

Tabela 2.6: Tabela elencando as exigências para cada modalidade de sócio, para que estes recebessem o diploma

<b>Modalidade</b>	<b>Exigência</b>
Sócio honorário	Donativo até 800\$000 em dinheiro de uma só vez, ou prestação de serviço ao Asilo que seja equivalente aos valores mencionados acima.
Sócio legionário	Donativo de uma só vez, da quantia de Rs. 1.000\$000.
Sócio benemérito	Donativo de uma só vez, de 3 contos de réis até a quantia de 5 contos ou prestação de serviço ao Asilo que seja equivalente aos valores mencionados acima.
Sócio grande benfeitor	Donativo de 10 contos de réis, de uma só vez ou prestação de serviço ou benefício de um valor moral inestimável.

Fonte: Dados elaborados a partir da consulta ao Estatuto do Asilo de Mendigos de 1938.

Conforme o estatuto de 1938, no artigo 41, parágrafo 1º, consta o seguinte: “Além dessas recompensas, que constarão de diplomas impressos, numerados e registrados com o nome dos possuidores, no livro do registro, a diretoria agradecerá por ofício os serviços que julgar não carecerem de outra formalidade.” (ESTATUTO DO ASILO DE MENDIGOS, 1938, p.11). O mesmo documento estabelece ainda que cada diretoria, assim que eleita, deve escolher médicos e cirurgiões dentistas que prestarão serviço voluntário aos asilados, sempre que for necessário. Não se sabe quais critérios eram utilizados para tais escolhas, o que é possível inferir é que esta possivelmente era uma ação de “mão dupla”, de um lado médicos escolhidos pela direção, talvez por afinidades e laços com os membros da diretoria e os médicos por sua vez, muito provavelmente também aceitavam, com o intuito de fortalecer estes laços e também com o escopo de projetar-se socialmente como um indivíduo que realiza a caridade numa sociedade em que a mesma é extremamente valorizada e entendida como uma ferramenta de poder.

O Histórico do Asilo de Mendigos de 1936, trás na página 66 a relação dos sócios grandes benfeitores da instituição. Na tabela abaixo constam os nomes dos sócios contemplados com a honraria até o ano de 1920.

Tabela 2.7: Sócio grande benfeitor do Asilo de Mendigos e a data na qual seu nome foi proposto para a concessão da honraria

<b>Sócio Grande Benfeitor</b>	<b>Data</b>
Antonio Joaquim Dias	05/02/1893
Visconde da Graça	05/08/1894
Barão de Santa Tecla	05/08/1894
Antonio Jacobs	05/08/1894
Barão de Jarau	05/08/1894
Baronesa de Arroio Grande	05/08/1894
Viscondessa da Graça	05/08/1894
Cel. Urbano Garcia	24/04/1901
Tenente Cel. Monoel Simões Lopes	25/04/1905
José Maria Machado de Abreu	11/02/1908
Felix Antonio Gonçalves	26/12/1909
Dr. Francisco Simões	26/12/1909
Major João Ciriaco Crespo	26/12/1909
Antonio Barbosa Pinho Louzada	26/12/1909
Baronesa de Santa Tecla	26/12/1909
Juan Romeu	23/06/1913
Major João da Silva Tavares	23/06/1913
Dr. Alexandre Cassiano do Nascimento	15/07/1914
Dr. Pedro Luiz Osorio	05/07/1914
Dr. Joaquim A. de Assumpção	05/05/1916
D. Zóla Amaro	29/12/1920
Dr. Augusto Simões Lopes	09/06/1918
Major João Tamborendeguy	22/06/1919
Ernestina A. de Assumpção	04/05/1920

Fonte: **Histórico do Asilo de Mendigos de Pelotas – 1882 a 1935**. Pelotas: A Universal, 1936.

De 1893 a 1920, 24 pessoas foram agraciadas com o título de sócio grande benfeitor, modalidade que estava no topo da hierarquia de sócios da entidade assistencial. O primeiro a ser homenageado foi o jornalista Antonio Joaquim Dias,

grande incentivador e primeiro presidente do Asilo. Os outros 18 homens em sua maioria são charqueadores, comerciantes e profissionais liberais, a lista contém também 5 mulheres, todas elas pertencentes às principais famílias da elite local, assim como a maioria dos sócios agraciados como grandes benfeitores. Apesar de atender um número de pessoas inferior ao da Santa Casa (que além disso também tratava da saúde de pessoas de todas as classes sociais), o Asilo de Mendigos também atraiu donativos dos homens mais ricos e prestigiosos da urbe, como os charqueadores Visconde da Graça, Barão de Jarau e Barão de Santa Tecla e os senadores Joaquim Augusto de Assumpção, Augusto Simões Lopes e Alexandre Cassiano do Nascimento.

Quanto à direção interna do Asilo, esta ficou a cargo das freiras da Ordem de São Francisco. A instituição teve como administradora a Madre Michaela, que contou com a ajuda de mais quatro irmãs (RIEHEL, 2000).

#### **2.4 Asilo de Órfãos São Benedito**

Para falar sobre o Asilo de Órfãos São Benedito é preciso compreender a situação de vulnerabilidade social e econômica em que se encontravam a maioria das pessoas negras residentes na cidade de Pelotas ao final do século XIX e durante as primeiras décadas do século XX. Tal situação impactava diretamente na vida das crianças pertencentes a essas famílias, visto que muitas mães (ou parentes) sem condições de criarem seus filhos os abandonavam ou os criavam em condições precárias. Este contexto está intimamente conectado a necessidade de instalação de um estabelecimento na cidade que recebesse meninas negras, consideradas órfãs.

A Pelotas da segunda metade do século XIX era uma cidade de contrastes e após a abolição da escravatura estes contrastes persistiram, apesar do término da escravidão no país. Sobre o período do pós-abolição, em Pelotas, Loner trás importantes contribuições:

A população afrodescendente de Pelotas foi trazida à região para trabalhar, sob o regime da escravidão. Posteriormente à Abolição eles se radicaram aqui, trabalhando em todo o tipo de serviço [...]. Em 1890, formavam cerca de um terço da população urbana de Pelotas e sua grande concentração na cidade tornou-os um dos principais grupos de trabalhadores do município. Durante a maior parte do século XX, os negros sofreram muito com a segregação e o preconceito racial, que terminaram condicionando suas chances de ascensão social e de busca de emprego na cidade. (LONER, 2010, p.182).

Outra observação necessária, diz respeito às diferenças de oportunidades de acesso ao trabalho na cidade de Pelotas entre a população negra e os imigrantes que aqui decidiam fixar residência. Sobre essa questão, Beatriz Loner escreve:

Era muito mais fácil, naquele momento de um capitalismo ainda incipiente, um artesão branco ascender socialmente do que um negro. Um branco, se imigrante, poderia ser beneficiado pela proteção de seus patrícios, com sorte poderia fazer um bom casamento, ou poderia associar-se a outro com dinheiro e abrir seu próprio negócio. A maior parte destas opções estava vedada aos negros, independente de sua cultura ou inteligência (LONER, 1999, p. 240).

O acesso a emprego, moradia, saúde, educação, entre outros, para a comunidade negra de Pelotas, ao final do século XIX e início do XX era muito limitado, quando não era inexistente. Uma das consequências das variáveis apresentadas acima era o aumento de crianças negras abandonadas ou em situação de vulnerabilidade social. Neste contexto, surge em 1901 o Asilo de Órfãos São Benedito, uma instituição com a finalidade de abrigar e proteger a infância desvalida, aceitando meninas negras sem restrição.

Sobre a situação em que se encontrava a infância desvalida no século XIX em Pelotas, Caldeira contribui dizendo o seguinte: “A primeira alternativa criada em Pelotas para acolhimento da infância desvalida foi a implementação da Roda de Expostos no dia 1º de julho de 1849, na Santa Casa Misericórdia que amparava crianças recém-nascidas”. (CALDEIRA, 2014, p.96).

Seis anos após a criação da roda de expostos é inaugurado o Asilo de Órfãos Nossa Senhora da Conceição, sobre este acontecimento, Caldeira relata que:

No intuito de acolher meninas, alguns membros da sociedade pelotense fundaram o Asilo de Órfãs Nossa Senhora da Conceição em 1855. Grande parte de seus colaboradores, senão todos eram membros da Maçonaria que fizeram muito por esta instituição. Entre seus feitos está a doação do prédio que foi ocupado pelo asilo [...] um dos principais objetivos do Asilo Nossa Senhora da Conceição em Pelotas era transformar meninas órfãs em cidadãs disciplinadas, responsáveis, úteis e aptas para a vida doméstica através do ensino das primeiras letras, práticas culturais, trabalhos manuais como o bordado e trabalho doméstico. (CALDEIRA, 2014, p.99).

Apesar de ter como objetivo o atendimento a meninas órfãs, nem todas eram aceitas na instituição: Segundo Jeane Caldeira, fazendo referência a Beatriz Loner:

Ainda sobre os motivos que excluía o recolhimento de meninas abandonadas no Asilo Nossa Senhora da Conceição, Loner (2001, p.112) relata que foram encontrados indícios de que, até 1910, para as meninas serem aceitas, era necessário à existência de padrinhos e que o asilo também não abrigava órfãs negras. (CALDEIRA, 2014, p.102).

Conforme o primeiro estatuto, a principal finalidade da instituição consistia em “amparar da miséria as meninas desvalidas deste Estado, sem distinção de cor, órfãs ou não”<sup>25</sup>, além de dar “às asiladas instrução e educação primária, moral e religiosa, cuidando, principalmente, de torná-las aptas nos misteres próprios de boa mãe de família”<sup>26</sup>. Nos anais do cinquentenário do Asilo de Órfãs São Benedito (1901-1951) encontra-se referência a Luciana de Araújo, como sendo a principal idealizadora do referido Asilo em Pelotas. Ressalta-se que Luciana era negra, e por ser negra e mulher no começo do século XX, provavelmente vivenciou inúmeros preconceitos, porém isto não a impediu de realizar uma obra de caridade, que conforme consta nos anais do cinquentenário foi uma “consagração a Deus”, pois anteriormente a mesma estava gravemente doente. Abaixo a transcrição de uma parte dos anais do cinquentenário:

---

<sup>25</sup> ESTATUTO do Asilo de Órfãs São Benedito, 1902, p.1.

<sup>26</sup> ESTATUTO do Asilo de Órfãs São Benedito, 1902, p.2.

A formação desta obra de assistência social é muito expressiva. A mãe preta – Luciana Lealdina de Araújo – gravemente enferma, suplicou, e Deus concedeu-lhe a graça de viver, por mais alguns anos, para consagrá-los, como fez à criação de um estabelecimento, onde fossem recolhidas órfãs e meninas desvalidas, sem distinção de cor. Iniciou a sua cruzada, em Pelotas, com a fundação deste Asilo [...] De imediato, Pelotas, confirmando a tradição de filantropia de seus habitantes acolheu carinhosamente, a iniciativa da preta Luciana. Em memorável reunião pública, a 6 de fevereiro de 1901, dava-se a fundação do Asilo, e a 13 de maio do referido ano, a sua instalação, por entre aplausos do povo pelotense. (ANAIS DO CINQUENTENÁRIO 1901-1951: ASILO DE ÓRFÃS SÃO BENEDITO, p.05).

Jeane Caldeira (2014), em sua dissertação, intitulada: O Asilo de Órfãs São Benedito em Pelotas – RS (as primeiras décadas do século XX): trajetória educativa-institucional, nos fornece mais informações sobre Luciana de Araújo:

A iniciativa de fundar um asilo para meninas sem distinção de cor partiu de Luciana Lealdina de Araújo. “Mãe Preta”, como era conhecida carinhosamente, filha de escrava, nasceu em Porto Alegre no dia 13 de junho de 1870 e mudou-se para Pelotas no ano de 1900. Era uma mulher dotada de bondade e extrema determinação, com vontade de praticar o bem e fazer caridade junto aos mais necessitados, principalmente às crianças abandonadas [...] vítima da tuberculose quando jovem, Luciana ficou muito doente e foi desenganada pelos médicos. Pela gravidade da situação em que se encontrava, ela fez uma promessa ao santo de devoção, o São Benedito: caso ficasse curada ajudaria a construir uma casa para abrigar meninas pobres. (CALDEIRA, 2014, p.113-114).

Também o escritor Fernando Osório fornece informações sobre Luciana Lealdina de Araújo, destacando a sua atuação em prol da promoção da caridade e da educação em cidades do Rio Grande do Sul:

ASILO SÃO BENEDITO – “É a primeira vez” – exclamou a brilhante escritora Júlia Lopes de Almeida – “que vejo no Brasil realizada uma obra de benemerência por uma mulher da mais humilde condição, pobre e de cor...” Luciana, essa preta pobre, só pelo influxo de sua piedade e da sua energia conseguiu inspirar a criação e a manutenção, em cidades do Rio Grande, de verdadeiros templos de instrução e caridade, como o Asilo São Benedito, fundado em 6 de fevereiro de 1901. (OSÓRIO, 1997, p.85).

Mesmo que tenha sido um feito notável, ainda mais numa cidade com uma população negra e ex-escrava bastante significativa, não seria possível que Luciana fundasse sozinha o Asilo. Concordando com Caldeira (2014), é certo que ela contou com o apoio de lideranças importantes de Pelotas. O que pode se supor a partir de

pesquisas já realizadas sobre irmandades e associações é creditar o mérito pela inauguração do São Benedito não somente a Lucina de Araújo, mas sim ao envolvimento e participação da irmandade de São Benedito, instituição que infelizmente não possui muitos vestígios documentais e cujas atividades provavelmente tenham se encerrado no início do século XX. Além disso, parte dos esforços para a abertura do referido estabelecimento devem ser creditada à atuação da família Silva Santos. De acordo com Caldeira:

Entre tantas lutas engajadas pelos irmãos da família Silva Santos, destaca-se como a de maior sucesso a fundação do Asilo de Órfãos São Benedito. Apesar de muitos elegerem Luciana Lealdina de Araújo como principal e quem sabe, a única fundadora, em tempos tão difíceis, com tanta discriminação racial, social e dificuldades econômicas, é difícil imaginar que uma mulher, negra e pobre tenha fundado sozinha uma instituição que está ainda hoje em plena atividade, trabalhando em prol das crianças das classes menos favorecidas. Pela trajetória de sucesso da família Silva Santos e de outros homens negros que serão descritas a seguir, se consegue perceber o quanto a sua influência na sociedade pelotense foi decisiva para a fundação e manutenção do asilo. José da Silva Santos foi o primeiro presidente do referido asilo, o irmão João Vicente da Silva Santos foi mordomo na primeira diretoria. (CALDEIRA, 2014, p. 120).

A instituição Asilo de Órfãos São Benedito possuía quatro modalidades de sócios: contribuintes, protetores, benfeitores e beneméritos. Essas modalidades possuíam como fronteiras a questão financeira, ou seja, conforme o valor da doação, o sócio se enquadrava em uma das modalidades.

O Asilo de Órfãos São Benedito teve sua primeira sede no endereço nº 7 da antiga Praça da Matriz, atual José Bonifácio, após passou a ocupar o prédio localizado na Praça Júlio de Castilhos, esquina da antiga Rua General Vitorino, hoje Padre Anchieta. Posteriormente, sua sede social foi transferida para o prédio da esquina, à Rua Felix da Cunha com a Praça José Bonifácio, local em que a instituição encontra-se até hoje, sob a denominação de Instituto São Benedito.

Figura 2.2: Instituto São Benedito



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2016.

Um dos benfeitores do Asilo de órfãos São Benedito foi o charqueador Joaquim Rasgado, que como se vê na notícia abaixo, vinculada num periódico pelotense, contribuiu de forma significativa para o funcionamento do Asilo de Órfãos.

A sede da nova entidade que inicialmente estava localizada na antiga Praça da Matriz – casa nº 07 – em consequência do crescente número de crianças, passou a ocupar o edifício, gratuitamente cedido pelo benfeitor, Joaquim Rasgado, sito à esquina da antiga rua General Vitorino, hoje Anchieta, Posteriormente foi transferida para o prédio da esquina à rua Félix da Cunha com a praça José Bonifácio. (DIÁRIO DA MANHÃ, 11/05/1991, p.8).

Inicialmente, a responsabilidade pelo cuidar das crianças estava a cargo de Luciana Lealdina de Araújo e de suas amigas, como Maria Bárbara de Cerqueira. No ano de 1912 as irmãs do Imaculado Coração de Maria assumem a direção interna do Asilo, conforme a notícia contida na Revista Pelotas Memória:

A diretoria deliberou entregar a direção interna os encargos dos serviços assistenciais da Obra a Congregação de Puríssimo, hoje Imaculado Coração de Maria, atendendo ao pedido de exoneração da Sra. Arminda Machado de Oliveira por motivos de enfermidade. A posse das Irmãs deu-se no dia 25 de setembro de 1912. (MAGALHÃES, 1997, p.03).

Ao longo dos 50 anos iniciais de atividade do Asilo de Órfãos São Benedito, 10 presidentes estiveram à frente da instituição, quatro deles possuem retratos no Salão de Honra (José Veríssimo Alves, Firmo da Silva Braga, Francisco Behrendorf e Antônio Jesuíno dos Santos Júnior). Abaixo exponho a tabela com a relação dos Presidentes do Asilo São Benedito e o respectivo período em que estiveram à frente da diretoria.

Tabela 2.8: Relação dos primeiros presidentes do Asilo de Órfãos São Benedito

<b>Presidente</b>	<b>Período</b>
José da Silva Santos	1901-1903
Carlos Antônio Palma	1904-1910
José Maria de Carvalho e Silva	1911
José Veríssimo Alves	1912-1913
Firmo da Silva Braga	1914
Francisco Carlos de Araújo Brusque	1915-1916
Luiz Mello Guimarães	1917-1921
Francisco Behrendorf	1922-1934
Antônio Jesuíno dos Santos Júnior	1934-1942
Domingos de Souza Moreira	1942-1952

Fonte: MAGALHÃES, Nelson Nobre. Pelotas Memória, 1997.

Sobre o primeiro presidente do Asilo de Órfãos São Benedito, Loner (2013) traz importantes informações:

José da Silva Santos, nascido em 06/10/1863 [...] participou da campanha abolicionista no século XIX[...] foi um dos primeiros membros da junta de coordenadores do Centro Ethiópico, sendo também secretário e presidente. Foi professor das aulas do Clube Abolicionista para libertos e ingênuos em 1884 e também professor do curso noturno da Sociedade Beneficente Fraternidade Artística em 1888[...] Ainda antes do novo século, foi dirigente da Feliz Esperança e da Sociedade Recreio dos Operários no ano de 1888 [...] No século XX, continuou mantendo grande participação em entidades de perfil étnico, como fundador do Asilo São Benedito para meninas negras em 1901, sendo seu primeiro presidente, de 1901 a 1903. Participou da diretoria do clube José do Patrocínio (1905-1909) como orador [...] Foi alferes e era, como toda sua família, muito vinculado à Igreja

Católica [...]Pertencia a Irmandade de São Benedito e atuou na comissão de elaboração de seu estatuto em 1914. Ele foi considerado um lutador pela causa dos negros, não só por sua atuação nas sociedades negras, mas também pelo episódio de denúncia da discriminação contra os negros no teatro Guarany. Este teatro do qual ele foi o construtor, na década de 1920, tinha uma política discriminatória de só aceitar pessoas negras nas galerias mais altas. José fez campanha contra esta medida. (LONER, 2013, p. 10-11).

Pertencer a um quadro diretivo, ser considerado “benfeitor” e “benemérito” de uma instituição de caridade e filantropia ressaltava as características de bom cidadão e igualmente preocupado com as demandas sociais da cidade. Nesse sentido a detenção de cargos diretivos expandia a rede de contatos em âmbito local e em muitas vezes até regional, conseqüentemente aumentando o status social desses indivíduos. Nas primeiras décadas do século XX, muitos imigrantes já haviam se estabelecido em Pelotas e alguns desses haviam prosperado economicamente, e outros, em menor número vinham com condições financeiras favoráveis do Velho Mundo. Aos poucos se tornava mais frequente vermos nos cargos diretivos ou nos colaborativos sobrenomes de origem francesa, alemã, etc. Essas famílias aos poucos foram adentrando na elite, ou melhor, configurando uma nova elite - cujos proveitos já não eram mais oriundos do charque, mas sim da indústria, do comércio, das finanças, da construção civil e de outras atividades econômicas. Ou seja, a caridade se mantinha e se adaptava às novas conjunturas sociais e econômicas, alterando o rosto dos seus benfeitores. Abaixo, colocamos uma relação, contendo os nomes de alguns grandes benfeitores do São Benedito:

Tabela 2.9: Relação dos Grandes Benfeitores do Asilo de Órfãos São Benedito<sup>27</sup>

NOME	INFORMAÇÕES
Nede Lande Xavier	Bacharel em Ciências Comerciais
Maria Mendonça Assumpção	Esposa do Dr. Joaquim Augusto de Assumpção
Ernestina A. Assumpção	Filha do Barão de Jarau e esposa de Fernando Luis Osório
Benedito Lopes Duro	Ex-Escravo, alforriado em 1884. Foi Mordomo e Tesoureiro do Asilo
Francisco Behrendorf	Proprietário de Casa Comercial
Baronesa de São Luís	Cândida Gonçalves Moreira, esposa de Leopoldo Antunes Maciel (2º Barão de São Luis)
Luciana Lealdina de Araújo	Filha de Escrava, devota de São Benedito e idealizadora do São Benedito
José Barbosa Gonçalves	Engenheiro Civil
Edmundo Berchon	Médico
Antonio Augusto Assumpção	Médico
Luiza Behrendorf Maciel	Irmã de Francisco Behrendorf. Foi casada com Leopoldo Antunes Maciel (Filho do Barão e da Baronesa de São Luís)
Haidée B. Assumpção	Esposa de Joaquim Augusto de Assumpção Jr (Filho do Senador Joaquim Augusto de Assumpção)
Antônio J. Santos Jr	Vereador na Legislatura (1929-1930). Presidente do Asilo (1934-1942)
Firmo Silva Braga	Despachante
Augusto Simões Lopes	Advogado
José Veríssimo Alves	Jornalista/Proprietário do Jornal Arauto
Francisco Simões Lopes	Médico

Fonte: Salão de Honra do Asilo de Órfãos São Benedito, atual Instituto São Benedito.

A relação de benfeitores(as) é composta por 17 nomes, alguns não muito conhecidos, pois seus sobrenomes não eram tradicionais na sociedade pelotense à

<sup>27</sup> A relação de Benfeitores que integra a tabela foi elaborada tendo como base os seguintes critérios: recorte temporal de atuação/trajetória dos Benfeitores correspondente aos primeiros 40 anos (1901 - 1941) de atividade do Asilo. As pessoas que constam nesta tabela possuem retrato no Salão de Honra da Instituição e segundo o Estatuto de 1911 do Estabelecimento, somente quem fosse considerado Sócio Grande Benfeitor, poderia fazer parte da galeria de retratos. Portanto, a elite benfeitora do Asilo de Órfãos São Benedito no período analisado é a que consta na tabela acima, com a exceção de alguns indivíduos, que em virtude da falta de fontes, optamos por não colocar.

época, ao contrário de outros, como os Assumpção e os Simões Lopes. A lista é formada por 11 homens e 6 mulheres, entre elas, a idealizadora do Asilo de Órfãos São Benedito, Luciana Lealdina de Araújo, sendo que as outras 5 mulheres pertencem a elite local e são filhas/esposas de homens com protagonismo econômico e ou político. Outra informação relevante é a quantidade de pessoas da comunidade negra que eram benfeitoras e possuíam retrato no Salão de Honra, (Luciana Araújo, Benedito Lopes Duro, José Alves e Firmo Silva Braga). Quanto às informações relativas à profissão/ ocupação dos benfeitores, percebe-se bastante diversidade, porém a grande maioria eram profissões destacadas, com status social. Temos 3 médicos, 1 advogado, 1 bacharel em ciências comerciais, 1 engenheiro civil, 1 comerciante, 1 despachante, 1 jornalista.

Podemos concluir que a galeria de benfeitores do Asilo de Órfãos São Benedito difere das galerias do Asilo de Mendigos e da Santa Casa. No São Benedito, encontramos retratos de benfeitores(as) negros(as), nas outras não. Também se destaca no Asilo de Órfãos o protagonismo de uma mulher negra (Luciana de Araújo), enquanto que no Asilo de Mendigos e na Santa Casa não há mulheres que tiveram tanto protagonismo quanto Luciana. Outra informação relevante sobre o São Benedito, é que este estabelecimento assistencial foi o que mais possibilitou o acesso a benfeitores que não pertenciam a tradicional elite pelotense do período. Pode-se dizer, portanto, que o São Benedito foi o estabelecimento assistencial mais heterogêneo de Pelotas, em relação aos agentes caritativos e aos grandes benfeitores, pois não comportava somente sobrenomes tradicionais da elite pelotense, possibilitando também que pessoas negras e de profissões menos abastadas exercessem cargos importantes e fossem consideradas grandes benfeitoras.

Com o passar dos anos e com a melhora de infraestrutura, o Asilo São Benedito contou com o aumento do número de meninas que ali ficavam sob os cuidados da instituição, conforme se verifica na tabela abaixo:

Tabela 2.10: Número de internas do Asilo de Órfãos São Benedito (1901-1951)

<b>Período</b>	<b>Número de assistidas</b>
1901 – 1904	7 a 15
1905-1916	20 a 25
1917-1929	30 a 35
1930-1951	55 a 60

Tabela correspondente ao número de internas dos primeiros 50 anos de atividade do Asilo de órfãos São Benedito (1901-1951). Fonte: MAGALHÃES, Nelson Nobre. Pelotas Memória, 1997.

Segundo Caldeira (2014), nos primeiros anos, a diretoria do asilo era formada por homens negros. Já a partir de 1914, os nomes de indivíduos brancos se mesclam aos negros. E aos poucos os negros vão se distanciando dos cargos diretivos, sendo formada uma diretoria predominantemente branca. Portanto, o Asilo era uma iniciativa de famílias negras, o que ajuda a explicar a menor participação dos homens das famílias ricas e tradicionais da elite pelotense entre os seus benfeitores mais proeminentes. Isso não significa que tais famílias não viam no São Benedito uma forma de ampliar o seu raio de atuação caritativa, ampliando seu prestígio social. No entanto, a Tabela 2.9 nos mostra que esse espaço era reservado às suas esposas, irmãs e filhos, ou seja, aos olhos da sociedade da época parece que a hierarquia das instituições refletia a hierarquia dos papéis públicos no interior da família.

E assim, nas primeiras décadas do século XX, surge e se consolida na cidade de Pelotas uma instituição com o fim de amparar a infância desvalida, de abrigar meninas órfãs, sem distinção de cor. E aos poucos o asilo vai se inserindo no círculo da caridade pelotense, sendo alvo de práticas caritativas por parte da sociedade, incluindo a elite local.

## **2.5 A elite pelotense e as práticas caritativas**

Este subcapítulo pretende discutir como a caridade era praticada na Pelotas do fim do século XIX e início do século XX. Para isso trabalharemos neste tópico com as instituições: Asilo de Mendigos de Pelotas e Asilo de órfãos São Benedito, dois estabelecimentos assistenciais que até eram contemplados com subvenções oficiais do estado do Rio Grande do Sul e da Prefeitura de Pelotas, porém esses

recursos se mostravam insuficientes para prover todos os serviços necessários para o bom funcionamento das referidas instituições. Dito isso, como estas instituições se mantinham? A resposta para essa questão está nas ações caridosas, na maioria dos casos, realizada por membros da elite pelotense. Além de analisar como a caridade era praticada através de fontes primárias, como atas, relatórios, jornais, este subcapítulo possui o escopo de levantar questões acerca das motivações que alguns membros da elite local possuíam em praticar ações caritativas e quais as retribuições esperadas por esses indivíduos, sejam elas espirituais ou terrenas, como por exemplo, a honraria de ser agraciado como grande benfeitor ou benemérito de uma instituição filantrópica. Com efeito, sempre que necessário para uma maior compreensão textual procurar-se-á tecer explicações acerca das instituições e dos mecanismos utilizados para alavancar doações e para retribuí-las, bem como se dedicará, sempre que oportuno, a dissertar sobre quem eram os sujeitos participantes do círculo da caridade que dispendiam tempo e dinheiro para suavizar a dor dos desvalidos na cidade de Pelotas entre as décadas de 1880 a 1920.

Uma das possíveis formas de retribuição ocorridas ao efetuar a caridade, principalmente relacionadas àquelas pessoas pertencentes a alguma elite local, era ter seu nome (e o sobrenome de sua família) escrito nas páginas dos periódicos, demonstrando assim que a visibilidade e o destaque conferido ao indivíduo caritativo. Na maioria dos casos eram importantes para a sociedade do período, e também era uma prática regular dos periódicos locais, constituindo-se assim uma relação tripartite, formada inicialmente pelo indivíduo que faz a doação (veremos mais adiante algumas formas de doação e como estas eram veiculadas nos jornais), pela instituição que recebe a doação e pelo jornal que confere a publicidade para a ação, jornal que em muitas vezes recebe diretamente as doações e as repassa para os estabelecimentos assistenciais da cidade. Essa relação termina, justamente com quem a começou, o indivíduo caritativo, pois a última etapa da ação generosa foi atingida quando a caridade foi publicada na mídia impressa.

Há de se observar que nem toda a caridade era publicada nos jornais, mas para este trabalho a publicação nos periódicos é interpretada como uma retribuição, conferindo status e prestígio social ao doador, seja ele pessoa física ou jurídica.

Ter o nome associado à filantropia e a caridade e ainda mais em um jornal local de circulação significativa, confere além de visibilidade, prestígio perante a alta e intelectual parcela da sociedade pelotense e mais do que isso, pode se dizer que é um mecanismo de poder. Segundo Larissa Chaves:

A caridade também é o elemento da aparência. Não há caridade efetuada se ela não pode ser mostrada para o público. Não há assistência se ela não ficar evidenciada pelo poder que emana. E é nesse sentido, que funciona também como forma de poder, porque é realizada para que o outro a compreenda enquanto poder. E da mesma maneira, entidades assistenciais funcionariam como suporte para que este tipo de ação se sobreponha constantemente (CHAVES, 2008, p.236).

O relatório do Coronel Urbano Martins Garcia, quando o mesmo estava à frente da direção do Asilo de Mendigos, deixa clara a forte atuação na captação de recursos dos jornais pelotenses para com a caridade na virada do século XIX para o XX, conforme se verifica na tabela abaixo:

Tabela 2.11: Total de recursos financeiros obtidos através de donativos da população pelotense nos anos de 1899 a 1900, destinados ao Asilo de Mendigos, entregues por três periódicos de grande circulação no período

<b>Jornal</b>	<b>Valor</b>
Diário Popular	1:933\$360
Opinião Pública	1:693\$500
Correio Mercantil	1:450\$870

Fonte: Azylo de Mendigos. *Relatório do Presidente Coronel Urbano Martins Garcia*: De janeiro de 1899 a 31 de dezembro de 1900. Pelotas: Livraria Americana, 1901.

Sobre os jornais mencionados acima, há de se fazer algumas considerações. Em relação ao *Correio Mercantil*, Beatriz Ana Loner traz importantes informações:

O Correio Mercantil é um dos mais antigos jornais do período, tendo sido fundado em 1/1/1875, em pleno período imperial por Antonio Joaquim Dias, imigrante português que anteriormente editara o Diário de Rio Grande, o Artista e a revista Arcádia na cidade vizinha e fundara o Jornal do Comércio em Pelotas em 1869. Antonio Joaquim Dias foi um personagem altamente polêmico. [...] Apesar de se fazer presente em várias campanhas beneméritas da cidade, como a fundação da Biblioteca Pública Pelotense e do Asilo de Mendigos, nunca teve em vida, destaque como benemérito e mesmo na Biblioteca, nunca conseguiu ser presidente da instituição, sinal

evidente do desagrado em que incorria frente a elite pelotense. Entretanto, após sua morte em 1893, foi transformado em grande vulto benemérito da cidade, talvez muito por iniciativa de seu filho e sucessor no jornal, o advogado Cesar Dias, que posteriormente segue a carreira da magistratura, chegando a membro do Superior Tribunal do Estado. [...] Em suas mãos, o jornal foi abolicionista e depois republicano, mas sempre com posições moderadas e conservadoras, sem partidatismo explícito (LONER, 1998, p.08-09).

Já o jornal *Diário Popular*, cuja data de fundação remonta a 27 de agosto de 1890, segundo Beatriz Ana Loner, o periódico em questão foi a mídia impressa oficial do Partido Republicano Rio Grandense em Pelotas durante toda a República Velha. Mesmo que tenha sido fundado para ser independente de qualquer partido, poucos meses depois foi vendido ao PRR. Conforme Loner:

Favorecido por ser o órgão oficial, será o primeiro a abandonar o pequeno número de 04 páginas, insuficientes para acomodar todas as notícias e especialmente avisos, editais e outros tipos de publicações. [...] Depois de 30, entretanto, perderá seu posto de jornal oficial para o Diário Liberal, tendo inclusive suspensa sua circulação durante alguns meses devido a publicação de um poema – de péssima qualidade – de um colaborador desconhecido em sua última página. [...] Com a implantação do Estado Novo em 1937, sofreu uma interrupção provisória de sua circulação, até se adaptar as novas leis impostas pelo regime ditatorial sobre os jornais (LONER, 1998, p. 12).

E sobre o jornal *Opinião Pública* Loner tece as seguintes palavras:

O fato de ser um jornal consolidado e respeitado na cidade, possuindo clientela fixa e, ao mesmo tempo, estar disponível para arrendamento, tornou este jornal singular dentro do contexto pelotense da República Velha. Em primeiro lugar, porque permitia a qualquer grupo político ou empresarial com capital suficiente para bancar suas pretensões promover suas ideias, sem ter que passar pela fase inicial de implantação de um jornal, fase extremamente árdua e que normalmente termina produzindo periódicos natimortos. Ao contrário, sendo um órgão já tradicional, incorporado aos costumes da cidade – entre eles o de ler o jornal – A Opinião Pública permitia a rápida difusão das ideias do novo grupo dentro de cada lar e de cada empresa da cidade. Assim, ele é um novo espaço à disposição de quem tem dinheiro e um projeto a veicular (LONER, 1998, p.14).

Poder-se-ia perguntar, o que conecta estes três periódicos pelotenses? Já que seus posicionamentos políticos são distintos em vários momentos de sua existência. O *Correio Mercantil*, embora defensor das ideias republicanas, possuía

nas opiniões moderadas e na ausência de um partidarismo explícito sua principal identidade, já o *Diário Popular* era o órgão oficial do PRR em Pelotas, e ainda temos o *Opinião Pública*, que conforme os proprietários que o alugavam, sofria uma metamorfose nas suas páginas. Pois bem, uma das questões que unem estes três jornais é a caridade, pois os três jornais estimulam ações generosas e agradecem pelos donativos recebidos. Sendo assim, os periódicos constituem importantes meios para que a caridade se firme e se reafirme no tecido social pelotense. Além disso, talvez os benfeitores e doadores em geral não fizessem tanta questão que a notícia saísse por esse ou aquele jornal, desde que fosse amplamente publicizada.

A seguir serão analisadas algumas notícias relacionadas a donativos destinados ao Asilo de Mendigos e ao Asilo de Órfãos São Benedito, dois espaços intimamente ligados à caridade na cidade de Pelotas. A primeira se refere ao Asilo de Mendigos:

Fizeram donativos a este Asylo: Exma: Sra. D. Isabel Rocha de Castro, zeladora em exercício no mês findo, de 25 saias de pelúcia no valor de 100\$000; Sr. Joaquim Ferreira de Castro, mordomo do mês passado, de 1 dúzia de carretéis de linha; Sr. Antonio Ramos, diretor da União Gaúcha, de muitos kilos de carne verde e 80 pães de 80 réis cada um. (*CORREIO MERCANTIL*. 10 de maio de 1901, p.1).

Percebem-se doações não feitas em espécie, porém em produtos de vestuário e gêneros alimentícios. Também se verifica através da notícia acima, que não somente homens faziam doações, mas também as mulheres, embora fosse em menor número. Ainda se destaca a participação de entidades diversas, como a União Gaúcha, que através do seu diretor destinou ao asilo vários quilos de carne e 80 pães.

Outra forma de doação era aquela motivada pelo falecimento de um ente querido. A doação era feita a uma instituição assistencial como forma de homenagear a memória da pessoa falecida, como comprova a notícia abaixo, vinculada no *Correio Mercantil*:

#### Donativos e Esmolas

Em comemoração ao 2º aniversário, que passa hoje, do falecimento de sua estremecida filha Dulce, a Exma. Sra. Baronesa dos Três Serros enviou-nos ontem 40\$000, destinados, em partes iguais ao Asylo de Mendigos a aos pobres do Correio Mercantil. (*CORREIO MERCANTIL*. 6 de Junho de 1901, p.1).

Na notícia acima, a Baronesa de Três Serros envia ao periódico *Correio Mercantil* o valor de 40\$000 que possuía como destinatários os pobres do jornal e o Asilo de Mendigos. A respectiva doação se dá em virtude da passagem de dois anos do falecimento de sua filha Dulce.

Amélia Hartley de Brito Antunes Maciel, Baronesa de Três Serros, nascida no Rio de Janeiro, era filha do Comendador João Diogo Hartley e de Isabel Fortunata de Brito e provavelmente crescera vendo os familiares distribuindo doações para os menos favorecidos. Esta prática provavelmente se manteve e se tornou habitual quando a mesma se uniu em matrimônio com Aníbal Antunes Maciel, filho do Coronel e charqueador rio-grandino homônimo, um dos homens mais ricos da Pelotas oitocentista.

Conforme a historiadora Débora Clasen de Paula (2008), Amélia casou-se em agosto de 1864 com Aníbal Antunes Maciel, vindo a residir em Pelotas numa propriedade dada de presente pelo pai de Aníbal. O futuro barão de três serros possuía formação em Ciências Físicas e Matemáticas, porém ao longo de sua vida, dedicou-se a criação de gado. Aníbal Antunes Maciel foi Comendador da Imperial Ordem de Cristo e condecorado com a cruz de bronze por ter participado da Guerra do Paraguai, também atuou na política e associações locais, tendo sido vereador e vice-presidente da Biblioteca Pública Pelotense. Segundo Paula: “por ter libertado seus escravos, encaminhou uma petição de título e, através do Decreto Imperial de 26 de julho de 1884, foi agraciado com o título de Barão dos Três Serros”. (PAULA, 2008, pg. 50). Sobre a concessão de títulos de nobreza para alguns indivíduos da família Antunes Maciel, Vargas observa o seguinte:

O auge da elite charqueadora em termos de poder político nacional ocorreu, quando Francisco Antunes Maciel, ele próprio advogado e charqueador, tornou-se ministro do Império do Gabinete Liberal de 1883. Tratava-se de uma pasta extremamente poderosa e que fornecia ao seu portador, por exemplo, o direito de intervir na nomeação dos Executivos provinciais. Na época, Maciel não apenas nomeou o seu parente Barão de Sobral para a presidência do Rio Grande do Sul, como influenciou para que sua família

recebesse mais 3 títulos de nobreza. Logo que ocupou a pasta, o seu primo Francisco Antunes Gomes da Costa recebeu o título de Barão do Arroio Grande (1884), o seu irmão Leopoldo Antunes Maciel tornou-se o 2º Barão de São Luís (1884) e outro parente, Aníbal Antunes Maciel, foi titulado Barão de Três Serros (1884). (VARGAS, 2013, pg. 439).

Considerando as palavras acima, podemos dizer que Aníbal Antunes Maciel teve facilitado o seu pedido, haja vista que seu parente, Francisco Antunes Maciel, ocupava o cargo de ministro do Império do Gabinete Liberal. Porém, o Barão de Três Serros não pode usufruir por muito tempo do título honorífico, pois faleceu aos 48 anos de idade, três anos após ser titulado barão, deixando a sua esposa com oito filhos.

No jornal *Opinião Pública*, de 16 de maio de 1896, em uma de suas páginas encontramos mais uma notícia relacionada a donativos pós-morte, hábito que algumas pessoas cultivavam principalmente aquelas pertencentes a famílias abastadas.

Em homenagem ao trigésimo dia do passamento do antigo e conceituado comerciante desta praça Sr. Antonio Ferreira Ramos, foi hoje entregue aos tesoueiros dos Asylos de Mendigos e de Órfãs, Santa Casa de Misericórdia e Beneficência Portuguesa a quantia de 200\$000 repartidamente. (OPINIÃO PÚBLICA. 16 de maio de 1896, p. 1).

A notícia acima é um exemplo perfeito da caridade distribuída para todos, já que a palavra todos contempla a totalidade dos atendidos pelas quatro instituições assistenciais/médicas em funcionamento na Pelotas oitocentista. Sendo as mesmas beneficiárias da quantia de 50\$000, de um montante de 200\$000. Esta foi a única nota veiculada nos periódicos por mim pesquisados que a Sociedade Portuguesa de Beneficência é contemplada por donativos, muito possivelmente por ser uma associação mais fechada e formada por portugueses, e ainda com foco, digamos assim, em um público selecionado, esta não recebia doações com frequência por aqueles que não possuíam algum tipo de relação com o respectivo estabelecimento. Então, infere-se que Ferreira Ramos, além de ser um indivíduo respeitado na urbe pelotense, era um português nato, daí justifica-se esta doação, que infelizmente não sabemos a autoria. A ação generosa é motivada pela passagem do trigésimo dia do falecimento do comerciante português, Antonio Ferreira Ramos. Este sujeito, segundo pesquisas de Padoin e Rossato (2015), era casado com Carolina Silveira Martins, irmã de Gaspar Silveira Martins. Posteriormente, o filho do casal, Eduardo

Ferreira Ramos viria a se casar com a filha de Silveira Martins, cujo nome era Francisca.

Pela pluralidade das instituições que eram contempladas através de donativos financeiros, pode se imaginar várias conexões existentes entre as instituições assistências de Pelotas, e uma conexão perfeitamente possível se dá através do mecanismo da caridade, de uma maneira geral, todas as instituições bebiam da fonte da caridade e da filantropia dos cidadãos mais abastados. A citação abaixo corrobora com essa linha de pensamento:

As relações de poder perpassam as ações de caridade estabelecidas e pré-estabelecidas. As relações políticas e sociais que as Instituições estudadas mantêm com outras entidades locais [...] na maioria das vezes se desenvolviam a partir da caridade, indicando peças chave de um tecido de estratégias políticas de alternância de exercício de poder. Isto significa que, muitas vezes, a concessão de favores pode indicar relações de dependência, ou mesmo de reconhecimento e retribuição [...] (CHAVES, 2008, p.231).

Na segunda década do século XX em Pelotas, a tradição da divulgação dos nomes de doadores, homenageados, instituições se mantém forte nas páginas dos periódicos locais, como reforça a notícia abaixo, veiculada no jornal *Diário Popular*, em 16 de fevereiro de 1917:

Asylo S. Benedicto  
Em homenagem ao Dr. Joaquim Rasgado a exma. Sra. D. Elsa Barbosa Gonçalves, esposa do nosso distinto amigo Sr. Henrique d' Avila Gonçalves, fez a esse asylo o donativo de 20\$000, por intermédio do nosso amigo Sr. Capitão Antonio Rohnelt, presidente desta pia instituição. (DIÁRIO POPULAR. 16 de fevereiro de 1917, p.2).

Percebe-se a importância que algumas famílias da elite pelotense nutriam pela homenagem póstuma a outro indivíduo da mesma condição social, que neste caso é o Dr. Joaquim da Cunha Rasgado, filho do charqueador Joaquim Rasgado e que colaborou muito em vida para com o Asilo de órfãos São Benedito, por isso que a doação acima é direcionada para o respectivo asilo. O charqueador Rasgado era genro e cunhado de outros charqueadores ainda mais ricos, sendo que o mais conhecido deles foi Felisberto Ignácio da Cunha (Barão de Corrientes) – maçom, capitalista, comandante da Guarda Nacional em Pelotas e líder do Partido Liberal no

município. O Barão estava entre os 10 charqueadores mais ricos de Pelotas nas últimas décadas da monarquia (VARGAS, 2013).

Uma das formas da instituição agradecer, de retribuir a graça recebida, era divulgar essa ação nos periódicos pelotenses, e quando a instituição não o fazia, o próprio jornal a publicava em suas páginas, conferindo visibilidade, status e prestígio social aos doadores. As notícias que constam nesse trabalho abarcam uma parte das encontradas por mim, as selecionadas aqui pretendem mostrar que este hábito se mantém regular desde o fim do século XIX, adentrando pelas décadas iniciais do século XX. Com efeito, as notas de doações/donativos não são exclusividade de um periódico, mas como foi demonstrado, são veiculadas pelo *Correio Mercantil*, *Opinião Pública* e *Diário Popular*. Vimos também que a caridade publicada nos jornais contemplava as mais diversas instituições de cunho assistencial na Pelotas dos anos 1880-1920, e que não só pessoas físicas, mas também jurídicas enviavam donativos, e que estes donativos na maioria das vezes eram sob a forma de dinheiro, mas nem sempre. Em alguns casos eram gêneros alimentícios e produtos diversos. Identificou-se que algumas doações possuíam motivações pessoais, como no caso, de ser feita em memória de um ente querido falecido e a mais significativa consideração reside no fato de que as doações em sua grande maioria eram feitas por pessoas da elite pelotense.

Outra forma de ser lembrado perante os membros da diretoria, dos colaboradores de um estabelecimento assistencial era realizar doações ou serviços relevantes e em decorrência disso ter o nome registrado em ata, seja de uma sessão ordinária, extraordinária ou solene. É claro, que a ata é um documento oficial de acesso mais restrito ao público, sendo mais acessado por aqueles que administram a instituição, porém apesar das atas serem sínteses do que ocorreu em determinada reunião, as mesmas são importantes fontes para o trabalho do historiador e no caso das atas pesquisadas para este trabalho, são instrumentos que revelam como eram registradas as doações, o nome dos doadores e quais as ações que seriam realizadas em decorrência do ato caritativo. A seguir irei apresentar e analisar duas atas, cujo conteúdo versa sobre a caridade para com o Asilo de órfãos São Benedito.

Numa noite de primavera em Pelotas, mais precisamente em 3 de novembro de 1911, reuniu-se a diretoria do Asilo de Órfãos São Benedito sob a presidência de

José Maria de Carvalho e Silva. Após o protocolo inicial da reunião, houve a leitura do relatório do mês anterior, neste documento constava de forma detalhada diversos donativos em dinheiro e também em gêneros alimentícios, relatório que depois de lido foi posto em votação pelo presidente e aprovado por unanimidade dos membros. Após a diretoria tomou ciência do donativo de 20.000 reis feito pelo senhor Neloncino Torres, que conforme a ata 134/1911 tinha feito esta doação como forma de comemorar mais um aniversário de fundação de seu comércio na cidade de Pelotas.

Já na ata 136, datada de 15 de janeiro de 1912, também assinada pelo presidente José Maria de Carvalho e Silva, encontramos referência ao estado sanitário do estabelecimento, que segundo o presidente é satisfatório e ainda que a “asylada Armanda, continua em tratamento na Santa Casa, onde é muito tratada”<sup>28</sup>. Esta última informação mostra a parceria existente entre o Asilo de Órfãs e a Misericórdia, duas instituições assistenciais que dependem dos sócios e das contribuições da elite pelotense, não unicamente, mas preponderantemente. Nesta mesma ata há referência à sócia benemerita, D. Palmyra de Carvalho e Silva, mencionando que a mesma foi responsável por arrecadar diversos donativos em dinheiro e em outros gêneros, totalizando aproximadamente 700:000 (setecentos mil réis), este esforço dispendido pela senhora Palmyra tinha como motivação proporcionar festividades de Natal as asiladas do São Benedito. Para as comemorações de natal, do ano de 1909, a Senhora Palmyra de Carvalho e Silva já havia tomado a iniciativa para angariar donativos para que as meninas órfãs do São Benedito tivessem um natal, digamos, mais feliz. Conforme a pesquisa de Caldeira (2014) no jornal *Opinião Pública*:

Os donativos angariados pela Exma. Sra. D. Palmyra de Carvalho e Silva para o Natal das órfãs de S. Benedito, além de grande quantidade de gêneros comestíveis, fazendas, louças, utensílios, brinquedos, doces, bebidas, aves, leitões e objetos para a Arvore de Natal [...] O Presepe e a arvore do Natal foram feitos também com donativos. (OPINIÃO PÚBLICA (04/01/1910) apud CALDEIRA 2014, p.132).

Apesar de não ter sido possível levantar mais dados sobre Palmyra de Carvalho e Silva, pode se inferir que a mesma exercia grande liderança para arrecadar fundos para o Asilo São Benedito. Também esta é uma forma de se

---

<sup>28</sup> INSTITUTO SÃO BENEDITO, ata nº 136, 1912.

destacar na sociedade do período, e ainda é preciso ter em mente que o respectivo asilo tinha o escopo de cuidar de meninas órfãs, e nas primeiras décadas do século XX, o papel de cuidar da infância era desempenhado quase que exclusivamente pelo gênero feminino. Talvez, utilizando-se desse padrão da época, Palmyra se tornou ativa no campo da caridade.

Por último, vou procurar apresentar e analisar alguns textos que dão destaque para a caridade, constantes em relatórios de presidentes que estiveram à frente do Asilo de Mendigos nos primeiros anos do século XX. Os relatórios são preciosos vestígios do passado e revelam toda a atividade anual da instituição, incluindo todo tipo de ação caritativa.

O primeiro relatório a que tive acesso diz respeito à gestão do presidente Coronel Urbano Martins Garcia e corresponde aos anos de 1899 e 1900. Logo na página 06 há um texto relacionado à caridade. “Passamos a relatar os nomes dos ilustres cavalheiros que mandaram suas esmolas, por ocasião dos espetáculos realizados em favor de nossa casa. Coronel Alberto R. Rosa – 14\$000, Barão de Arroio Grande – 10\$000”<sup>29</sup>. Observa-se que o Asilo de Mendigos organizava espetáculos, também no sentido de angariar recursos. Na ocasião, fizeram donativos o Coronel Alberto Rosa (charqueador) e Francisco Antunes Gomes da Costa, o barão de Arroio Grande (charqueador). Segundo Vargas (2013), o barão de Arroio Grande se tornou um rico banqueiro, sendo um dos incorporadores do Banco Pelotense em 1906. Neste sentido, tanto ele como o Coronel Rosa deixaram de lado os negócios com o charque, sem deixar de praticar a caridade, um hábito da elite pelotense do século XIX que continuou sendo realizado nas primeiras décadas do século XX.

Já em 1905, os donativos continuam a ser realizados em prol do Asilo de mendigos de forma bastante significativa e com a assinatura das famílias abastadas de Pelotas, em 10 de janeiro de 1905 o Dr. Augusto Simões Lopes efetua a doação de 200\$000 e em 14 de novembro de 1905 são feitas doações pela Baronesa do Arroio Grande (1:000\$000) e pelo Dr. Joaquim A. Assumpção (200\$000).

Joaquim Augusto de Assumpção (18/07/1950 - 02/04/1916) era natural de Pelotas, filho do Barão de Jarau, Bacharel em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito de São Paulo, vereador em Pelotas (1887-1889), na monarquia

---

<sup>29</sup> AZYLO DE MENDIGOS, relatório de janeiro de 1899 a 31 de dezembro de 1900, p. 06.

era filiado ao partido conservador, já na República ao PRR, ocupou uma cadeira no senado de 1913 a 1915. Também foi um dos fundadores do Banco Pelotense e da Companhia de Fiação e Tecidos Pelotense.

A gratidão também é extensiva a empresas, como a Companhia Ferro Carril e Cais<sup>30</sup> de Pelotas:

Temos o infinito prazer de registrar aqui os bons serviços dispensados á nossa associação, pelas diretorias desta empresa, dando condução gratuita sempre que temos necessidade de fazer passear em seus carros os nossos recolhidos, pelo que lhes testemunhamos nossa gratidão. (AZYLO DE MENDIGOS, relatório de janeiro de 1899 a 31 de dezembro de 1900, p. 09).

Certamente, a boa reputação caía bem para os negócios, então como forma de retribuição pelo gesto generoso a direção do asilo faz um agradecimento via relatório da presidência.

Anteriormente eu citava a parceria entre a Santa Casa e o Asilo de Órfãos São Benedito, no que tange ao recebimento de internas, pois mais antiga era a parceria da Misericórdia com o Asilo de Mendigos, este também torna público para a sociedade a gratidão para com o referido estabelecimento médico:

A ilustre e caritativa administração desta co-irmã temos o grato prazer de exarar aqui os protestos da nossa real e sincera consideração, demonstrando também o agradecimento dos nossos recolhidos, que sempre que precisam de cuidados da casa de Misericórdia, lá encontram conforto e carinho. ( AZYLO DE MENDIGOS, relatório de janeiro de 1899 a 31 de dezembro de 1900, p.14-15).

Esta colaboração entre as instituições mencionadas acima, é reforçada constantemente, muito em virtude de haver mais de um sujeito atuando em ambas, indivíduos que ocuparam cargo em uma, posteriormente vêm a ocupar cargo em outra, como por exemplo, o barão de Arroio Grande, que primeiro ocupou cargo na diretoria do Asilo de Mendigos e mais tarde foi provedor da Santa Casa de Pelotas. Para não citar apenas um, menciono mais três que foram provedores da Misericórdia e atuaram também junto ao Asilo de Mendigos, são eles: Joaquim José

---

<sup>30</sup> Empresa de bondes a tração animal e a vapor, que começou a operar em 9 de novembro de 1873.

de Assumpção (Barão de Jarau<sup>31</sup>), Alberto Rosa e o Dr. Edmundo Berchon des Essarts<sup>32</sup>, este último também muito ativo junto ao Asilo de Órfãos São Benedito.

Outra prática dessas instituições para com os seus benfeitores também merece ser destacada. No tocante as maiores retribuições pela caridade praticada, o Asilo de Mendigos conferia diploma de grande benfeitor, colocação de retrato no salão de honra e também homenageava o benfeitor dando o seu nome a alguma sala do prédio. Veremos que boa parte dos homenageados com essas grandiosas honrarias eram pessoas da elite pelotense, algumas de famílias tradicionais.

#### Justa Homenagem

Esta administração em consideração aos serviços de alta valia, acumulados às esmolas doadas á nossa casa, pelos dedicados amigos de seu bem estar e progresso deliberou prestar culto a essa magnanimidade, fazendo designar com o ilustre nome de seus maiores benfeitores, as salas de nosso edifício social, sendo que dá começo desta forma: (AZYLO DE MENDIGOS, relatório de janeiro de 1899 a dezembro de 1900, p.16-17).

Tabela 2.12: Homenageados do Asilo de Mendigos, que ganharam a honraria da diretoria de ter seus nomes ligados a salas do prédio do referido estabelecimento

<b>Número da Sala</b>	<b>Nome</b>
1	Viscondessa da Graça
2	Baronesa Santa Tecla
3	Baronesa de Arroio Grande
4	Imprensa Pelotense
5	Visconde da Graça
6	Barão de Jarau
7	Antonio Jacob
8	Major João Cyriaco Crespo
9	Povo Pelotense
10	Barão de Santa Tecla
11	Antonio Joaquim Dias
12	Antonio Barboza de Pinho Louzada

Fonte: Azylo de Mendigos. Relatório do Presidente Coronel Urbano Martins Garcia: De janeiro de 1899 a 31 de dezembro de 1900. Pelotas: Livraria Americana, 1901.

<sup>31</sup> Segundo Fernando Osório (1997), foi o homem mais rico do Rio Grande do Sul no século XIX.

<sup>32</sup> Nesta dissertação será dedicado um capítulo para a análise da trajetória de vida de alguns sujeitos da elite pelotense, que se destacaram em prol da caridade, e um desses sujeitos é o Dr. Edmundo Berchon des Essarts.

Das doze salas, três possuem o nome de charqueadores, todos eles detentores de grandes fortunas, outras três são dedicadas a mulheres (ambas as esposas de charqueadores), uma homenageia a imprensa de Pelotas pelo constante apoio em suas causas e outra faz referência à generosidade do povo pelotense. Uma sala leva o nome do idealizador, Antonio Joaquim Dias e as demais homenageiam sujeitos ilustres que a seu modo contribuíram significativamente para com a Instituição.

Dos benfeitores detentores da graça de serem nomes de espaços no prédio do Asilo de Mendigos, 50% eram ligados à economia do charque, considerando as três mulheres, esposas de charqueadores e que muito faziam em prol do referido estabelecimento assistencial. 16,6% não eram indivíduos e sim um grupo, o povo pelotense e a imprensa pelotense. Outros 16,6%, até o prezado momento ainda não há dados concretos sobre suas profissões. Restando apenas dois sujeitos, que correspondem cada um com 8,3%: Antonio Jacob (comerciante) e Antonio Joaquim Dias (jornalista). Estes números são importantes, pois revelam que, se por um lado a elite rica tinha uma grande representatividade entre os benfeitores, também havia espaços para indivíduos oriundos de setores intermediários da sociedade investirem em tal prática. Tal fenômeno será estudado no último capítulo, quando buscarei identificar alguns traços da estratégia de Antônio Joaquim Dias na busca de reconhecimento social via caridade, já que ele não pertencia à nenhuma família tradicional.

Vimos acima uma das grandes retribuições que o Asilo de Mendigos conferia aos grandes sujeitos caritativos, outra retribuição muito significativa, destinada somente aqueles que se dedicavam imensamente ao Asilo é a “diplomação dos sócios”: Abaixo temos uma notícia publicada pelo presidente Dr. Francisco Simões, no relatório dos anos de 1905 a 1907:

#### Entrega de Títulos

12 de Novembro de 1905, o Asylo tornava também público o seu testemunho de agradecimento, fazendo-lhe entrega do diploma de sócio Grande Benfeitor ao Ilmo Sr. Tenente Coronel Manoel Simões Lopes, pelos valiosos serviços prestados á instituição, durante os quatro anos de sua administração, ao Ilmo Sr. José Cyrillo Duarte o título de Benemérito pela dedicação e zelo revelados durante os anos de sua inspetoria. (ASYLO DE MENDIGOS, relatório dos anos de 1905 a 1907, p.11).

Conforme a notícia supracitada, ao Coronel Manoel Simões Lopes foi entregue o diploma de sócio Grande Benefeitor (honraria concedida a quem efetuasse o donativo de 10 contos de réis, de uma só vez ou prestasse serviço ou benefício de um valor moral inestimável) pelos serviços que prestou ao Asilo durante os quatro anos de sua gestão. Além dessa motivação, não esqueçamos as estreitas e bem articuladas relações em família e entre alguns membros da elite, sabemos que Manoel Simões Lopes era filho do Visconde da Graça, que já havia sido homenageado anteriormente pela gestão do presidente Urbano Martins Garcia<sup>33</sup>. Já para o Sr. José Cyrillo Duarte, foi entregue um diploma de sócio benemérito, significativo, mas não tão importante quanto o de Grande Benefeitor.

Atualmente, há no jardim do Asilo de Mendigos, um monumento em homenagem a Antonio Joaquim Dias, o grande idealizador do estabelecimento em Pelotas no final do século XIX. Em relação a esta obra, o relatório do Dr. Francisco Simões nos fornece os detalhes de sua criação: “De acordo com resolução tomada em diretoria, foi aceito o oferecimento da comissão promotora da ereção de um monumento, nesta cidade, á memória de Antonio Joaquim Dias, dedicado propugnador do progresso de Pelotas”<sup>34</sup>. A criação de monumentos em homenagem a sujeitos ilustres, também pode ser entendida como uma retribuição pela caridade, neste caso e na maioria deles, esta honraria é realizada pós-morte. Monumentos como bustos e retratos em quadros preservam a memória do homenageado por várias gerações e conferem prestígio aos seus familiares.

Mesmo após a morte, alguns sujeitos da elite pelotense realizavam uma última caridade, que já estava engatilhada em vida e pronta para ser acionada após o falecimento, essa caridade se chama legado, como os casos ocorridos em 1905 de Ricardo Higgens (100\$000), Ignacia Dias Barboza (200\$000) e os de 1908, conforme a nota abaixo:

Durante o último ano, recebeu o Asylo em legado Rs. 532\$000 em dinheiro como lembrança póstuma dos saudosos Ilmos.Srs. Tenente – Coronel José Simões Lopes (Rs. 500\$) e Francisco Rey Ramalho (32\$000). Com quanto não figure no demonstrativo da despesa e receita deste ano, por

---

<sup>33</sup> Urbano Martins Garcia ocupou mandato eletivo em Pelotas, foi vereador no período compreendido entre os anos de 1877 a 1880, portanto antes de ocupar o cargo de presidente do Asilo de Mendigos.

<sup>34</sup> ASYLO DE MENDIGOS, relatório dos anos de 1905 a 1907, p.20.

determinação do Sr. Dr. Juiz da Comarca o Asylo já providenciou para entrar na posse do legado de 5 apólices de Rs. 1:000\$000 da dívida pública deixado pelo benemérito Sr. Felix Antonio Gonçalves. (ASYLO DE MENDIGOS, relatório do ano de 1908, p.16).

A menção dos nomes dos doadores e dos valores dos respectivos legados, além de ser uma obrigação, digamos que, contábil, é um ato de agradecimento da diretoria para com a família e uma homenagem póstuma a memória do falecido. O legado do Coronel José Simões Lopes é bastante generoso, o que só reafirma a opulência e a cultura da caridade tão presente na família Simões Lopes. Já Felix Antonio Chaves, outro indivíduo benemérito da classe abastada de Pelotas, após seu óbito, deixou cinco apólices da dívida pública, no valor de 1:000\$000 cada.

Por último, tratamos da caridade feita por associações, cuja maioria dos membros, se não sua totalidade, pertencia à elite pelotense no período em questão. Em outras palavras, caridade de uma instituição para com outra, para reforçar tal ideia, optou-se por colocar a notícia abaixo:

Club dos Diamantinos  
Recebemos desta simpática associação local a demonstração viva do seu interesse pela nossa instituição: Fomos por ela brindados com Rs. 1:000\$, produto em benefício do nosso Asylo. (ASYLO DE MENDIGOS, relatório do ano de 1908, p.14).

Conforme vimos acima, O clube Diamantinos, que ainda hoje funciona em Pelotas, destinou uma doação em espécie para o Asilo de Mendigos, possivelmente a arrecadação de um evento beneficente ou algo do gênero. Na Pelotas do início do século XX era muito tímida a atuação dos órgãos públicos em prol das instituições assistenciais, quando não era nula, por exemplo, em 1908 o Asilo de Mendigos foi contemplado com Rs. 2:000\$ pela Intendência Municipal e com Rs. 1:000\$ pelo governo do Estado. Porém esses valores se mostram insuficientes face às demandas existentes na instituição. Para que o Asilo de Mendigos, o São Benedito e outras instituições filantrópicas de Pelotas continuassem a existir, haveria sempre a necessidade da ação generosa dos indivíduos da elite, seja ocupando cargos de direção ou enviando donativos sob as mais variadas formas.

## **2.6 Os salões de honra do Asilo de Órfãos São Benedito e do Asilo de Mendigos de Pelotas: Os usos e possibilidades dos retratos para a pesquisa histórica**

Este subcapítulo propõe-se a analisar alguns aspectos relacionados a retratos de benfeitores do Asilo de Órfãos São Benedito e do Asilo de Mendigos de Pelotas, para que tal escopo possa ser atingido, optou-se por analisar alguns retratos de indivíduos que foram homenageados pelas respectivas instituições. Estes retratos adornam as paredes dos salões de honra, espaço ilustre e de maior prestígio dentro das instituições. A partir de tais imagens, buscar-se-á traçar um breve perfil dos sujeitos retratados, além de saber por que recebiam tal honraria. As imagens presentes nesse trabalho são importantes fontes primárias para o meu estudo e constituem-se em elementos chave para o entendimento da relação entre benfeitor e instituição, porém não tenho pretensões de fazer uma análise aprofundada e com teor crítico das mesmas, tendo em vista o curto espaço de tempo para leituras mais apropriadas sobre a temática.

Ao falar das imagens da História, Paulo Knauss (2006) faz colocações importantes quanto aos usos e a importância das imagens ao longo da história humana, ainda ressalta, que por vezes, nem o próprio historiador as valoriza como fonte de pesquisa:

As imagens pertencem ao universo dos vestígios mais antigos da vida humana que chegaram até nossos dias. O mundo da Pré-História é conhecido pelas inscrições rupestres; o mundo da Antiguidade, pelas suas imagens inscritas em paredes ou em diferentes suportes como os vasos [...] para nos restringimos às menções recorrentes do senso comum. Isso significa dizer que, diante dos usos públicos da História, a imagem é um componente de grande destaque, mesmo que nem sempre seja valorizada como fonte de pesquisa pelos próprios profissionais da História. (KNAUSS, 2006, p.98).

Já o trabalho de Ulpiano Meneses (2003), intitulado: “Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares”, traz importantes considerações sobre História visual. Ao criticar o uso incorreto de um objeto de conhecimento histórico a partir de um fato documental, mencionando como exemplo a história oral, o autor faz as seguintes considerações: “Não se estudam fontes para melhor conhecê-las, identificá-las, analisá-las, interpretá-las e compreendê-las, mas elas são identificadas, analisadas, interpretadas e compreendidas para que, daí, se

consiga um entendimento maior da sociedade, na sua transformação” (MENESES, 2003, p.26).

No decorrer deste subcapítulo, fontes escritas, como por exemplo, os anais do cinquentenário do Asilo de Órfãos São Benedito se mesclam e se somam a outras fontes, tais como as visuais (retratos). Esse somatório de fontes é que enriquece e possibilita a resolução de questionamentos propostos pelo pesquisador. Sobre a importância do uso de todo tipo de fonte, Meneses disserta o seguinte: “Para que a observação seja eficaz, é indispensável usar-se todo e qualquer tipo de fonte (fontes materiais, escritas, orais, hábitos corporais, etc., etc.)” (MENESES, 2003, p.26). Também, segundo o autor, utilizar somente fontes visuais na pesquisa pode ocasionar numa “História iconográfica”, de fôlego curto e de interesse, sobretudo documental.

Não são, pois documentos os objetos da pesquisa, mas instrumentos dela: o objeto é sempre a sociedade. Por isso, não há como dispensar aqui, também, a formulação de problemas históricos, para serem encaminhados e resolvidos por intermédio de fontes visuais, associadas a quaisquer outras fontes pertinentes. Assim, a expressão “História Visual” só teria algum sentido se se tratasse não de uma História produzida a partir de documentos visuais, mas de qualquer tipo de documento e objetivando examinar a dimensão visual da sociedade. (MENESES, 2003, p.28).

Knauss menciona que numa pesquisa, por exemplo: “a vida das elites pode ganhar outros enfoques a partir de álbuns de fotos de família que podem ser contrastados com diários íntimos” (KNAUSS, 2006, p.99). Menciono o exercício que se procurou realizar neste trabalho, como sendo semelhante ao que diz Knauss (2006), pois se pretendeu contrastar e cruzar as imagens (retratos) de benfeitores dos dois Asilos com fontes escritas e primárias, como por exemplo, documentos oficiais da instituição, a fim de traçar um perfil dos sujeitos homenageados, cujos retratos adornam as paredes dos salões de honra.

Outra sugestão realizada por Meneses (2003) refere-se ao fato de que o historiador que trabalha com imagens, necessita observar o ciclo completo de sua produção, circulação e consumo. Adaptando as três variáveis para o presente trabalho, podemos considerar que a produção corresponde ao pedido realizado pela direção da instituição a um determinado artista, pedido este que é realizado como forma de homenagear um determinado sujeito que durante sua vida fez uma

grandiosa ação caridosa para com a instituição, já a circulação corresponde ao ambiente em que os retratos estiveram e foram alocados, sendo que os retratos por mim analisados tinham como destinação final as paredes dos salões nobres de ambas as Instituições, e por fim o consumo destas obras se dá pelos seus pares, demais indivíduos, na maioria dos casos pertencentes a algum grupo considerado como elite local, que com o passar dos anos revezam-se na prática da caridade, além é claro daqueles que vivenciam a realidade e a rotina da instituição e demais pessoas, que em virtude da realização de algum evento naquele recinto, possam ter contato com os retratos.

O local onde estão alocados os quadros das pessoas consideradas como Grandes Benfeitoras denomina-se Salão de Honra. Tal denominação altera-se dependendo do estabelecimento, sendo que algumas instituições utilizam salão/galeria nobre, etc. Porém, a finalidade de todos estes recintos é a mesma, representar através dos retratos a imortalidade, guardar na expressão de um rosto as ações caritativas e contributivas dos sujeitos para com as instituições, servindo também como uma representação de status positivo perante seus pares e perante a sociedade local. Em muitos casos, a família ou o próprio homenageado arcavam com os custos da produção do quadro.

Figura 2.3: Salão de honra do Instituto São Benedito



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2016. Salão de Honra do Instituto São Benedito.

O salão de honra do Instituto São Benedito está localizado numa das primeiras salas do prédio, logo a esquerda de quem adentra na instituição. No espaço estão 70 quadros, desse total, 18 são de mulheres. Em 15 quadros não é possível saber quem é o retratado, pois não há nenhuma informação nominal e nem datação da obra.

Chaves (2014) ao analisar os retratos de caridade nas instituições de Beneficência menciona que:

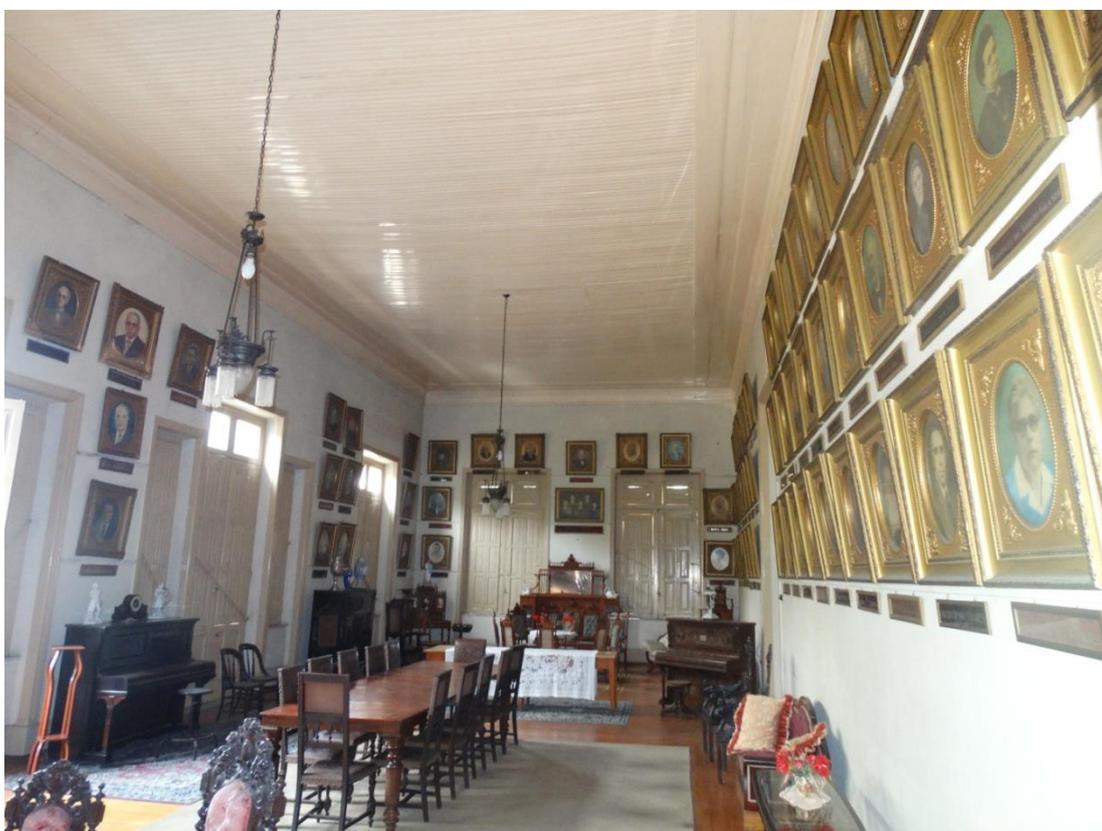
A imagem advinda do “retrato” concedido aos associados foi uma das formas de garantia de visibilidade social. O associado que realizava uma doação ou préstimo efetivo passava a gozar das melhores considerações frente à diretoria e comunidade local, quando também acendia, muitas vezes, a membro diretivo, ganhando um lugar no salão de honra através da imagem. Uma pintura representaria o seu retrato oficial, a sua chance de imortalidade no saguão do edifício-sede, um requisito importante para a sua autoafirmação perante a sociedade local. (CHAVES, 2014, p.07).

Para ter um retrato no salão de honra, era necessário prestar serviços

inestimáveis à Instituição ou fazer grandes doações, e só aqueles que recebiam a distinção de Grandes Benfeitor (a) podiam ter um retrato seu no salão de honra. Conforme se verifica no estatuto do Asilo de Órfãos São Benedito, de 1911, para ter um quadro no salão de honra, os sócios deveriam preencher alguns critérios: “só aos sócios Grandes Benfeitores é concedida a regalia especial de fazerem parte da galeria de retratos desta associação, sendo, entretanto, respeitadas as já concedidas neste sentido, pelas diretórias e assembleias gerais transatas”<sup>35</sup>.

Já o salão de honra do Asilo de Mendigos possui maior número de quadros e maior espaço físico.

Figura 2.4: Salão de Honra do Asilo de Mendigos de Pelotas



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017. Salão de Honra do Asilo de Mendigos de Pelotas.

No salão de honra há um total de 92 quadros de grandes benfeitores (as), e mais dois quadros em que constam casais de benfeitores, totalizando 67 homens e 29 mulheres. Os três principais nomes que podem ser apontados como responsáveis pela construção do Asilo (Antônio Joaquim Dias, Visconde da Graça e

<sup>35</sup> ESTATUTO, 1911, p. 05.

Barão de Santa Tecla) possuem seus quadros no salão de honra, porém o único quadro que não está em destaque, tendo maiores dimensões e representando o corpo inteiro, é o Barão de Santa Tecla. Não sabemos o porquê.

Na galeria do Asilo de Mendigos, os membros da mesma família aparecem lado a lado, como por exemplo, os Simões Lopes, os Tavares. Assim como nas demais instituições assistenciais da época, as mulheres que tinham direito a ter um quadro na galeria nobre, em sua maioria, pertenciam à elite local, sendo esposas de benfeitores. Difícil saber o grau de autonomia das mulheres frente aos seus maridos no que diz respeito à caridade. Como foi mencionado anteriormente, às vezes elas apareciam fazendo doações e eram homenageadas na imprensa local. É provável que a caridade fosse um espaço no qual as mulheres podiam se inserir com algum protagonismo, desde que fossem de famílias de elite. Contudo, uma análise mais aprofundada da atuação das mulheres no âmbito da caridade exige outras pesquisas e é algo que não nos foi possível realizar na presente pesquisa.

Nas próximas páginas iremos apresentar e tecer alguns comentários a respeito de alguns benfeitores (as) <sup>36</sup> que foram homenageados com um retrato nos salões de honra do Asilo de Mendigos e do São Benedito. Vamos ver que havia espaço, ainda que limitado, para homens negros e mulheres serem benfeitoras, todavia, a grande maioria dos benfeitores era formada por homens brancos pertencentes às famílias da elite local.

Os primeiros retratos que iremos apresentar são de benfeitores (as) do Asilo de Órfãos São Benedito.

---

<sup>36</sup> A escolha dos retratos deve-se a disponibilidade de fontes e também a critérios próprios da pesquisa.

Figura 2.5: Retrato de José Veríssimo Alves. 4º Presidente e Grande Benfeitor do Asilo de Órfãos São Benedito



Fonte: Foto do Pesquisador. Ano: 2016. Salão de Honra do Instituto São Benedito.

No retrato de José Veríssimo Alves se verifica a existência da assinatura do artista, que no caso identifica-se como: “H. Farjat” e abaixo do nome, está à localidade e a data “Rio Grande 7-3-1918”, esta identificação está escrita na cor branca. Para o presente trabalho, não foi despendida maior atenção na investigação do artista em questão, tendo em vista que este não é um dos escopos da pesquisa. O retrato de José Veríssimo Alves ilustra uma pessoa séria, com vestes que indicam uma boa posição social e ou cultural.

José Veríssimo Alves, jornalista, fez parte da primeira diretoria do Asilo São Benedito, tendo ocupado o cargo de tesoureiro e também foi o 4º presidente da instituição, no período de 1912 a 1913. Além de ter sido um dos primeiros sócios a serem proclamados benfeitores, conforme consta nos anais do cinquentenário:

Em 1902, em reconhecimento a serviços prestados ao nascente instituto, foram proclamados sócios benfeitores Luciana Lealdina de Araújo e sua grande cooperadora, Maria Bárbara de Sequeira, Ataliba Borges Ribeiro da Costa, charqueador, José Veríssimo Alves, jornalista; Júlio Teixeira, comerciante; Dr. Domingos Alves Requião, médico, e o Dr. Albino da Silva Fagundes, médico homeopata, ainda vivo. (ANAIS DO CINQUENTENÁRIO 1901-1951: ASILO DE ÓRFÃS SÃO BENEDITO, p.05).

Quando houve campanha na cidade de Pelotas, objetivando a aquisição de um prédio mais adequado para receber as asiladas, tendo em vista que o crescente número de meninas assistidas não era compatível com as acomodações atuais, José Alves também foi uma das pessoas que ajudaram, integrando uma comissão, conforme a fonte abaixo:

Motivado pelo crescente número de recolhidas, o Asilo passou a ocupar o edifício à Praça Júlio de Castilhos, esquina da antiga Rua General Vitorino, hoje Padre Anchieta, cedido gratuitamente, pelo seu grande-benfeitor, o saudoso Dr. Joaquim Rasgado, de onde se transferiu a sede social, para o prédio de esquina, à Rua Felix da Cunha com a Praça José Bonifácio. Envolvido pelo apreço da população, dirigida pela comissão: Dr. Luiz Melo Guimarães, então Juiz da Comarca de Pelotas; e dos saudosos José Veríssimo Alves; Antônio Leivas de Carvalho, guarda-livros; José Nunes da Silva Tavares, industrialista. (ANAIS DO CINQUENTENÁRIO 1901-1951: ASILO DE ÓRFÃS SÃO BENEDITO, p.06).

Podemos dizer que José Veríssimo Alves foi um homem influente na cidade de Pelotas. Como jornalista e proprietário do jornal *Arauto*, seus posicionamentos atingiam um número grande de pessoas e considerando que a população letrada era a que possuía recursos financeiros para contribuir com doações, seus apelos por caridade funcionavam muito bem na sociedade da época.

Outro Grande Benfeitor do São Benedito foi Firmo Silva Braga que assim como José Veríssimo Alves, também fez parte da primeira diretoria do Asilo de Órfãs São Benedito, ocupando o cargo de mordomo, tendo chegado à presidência da instituição no ano de 1914. Com patente militar de alferes e ofício de despachante, Firmo Silva Braga era um cidadão conceituado em Pelotas, inclusive participando como jurado de concursos locais. Temos o exemplo do concurso de balões reclame, promovido pela marca cigarros Diabo, de propriedade de João Simões e Cia. O evento tinha como escopo premiar os melhores e bem acabados balões inscritos. O certame ocorreu em Pelotas, no dia 10 de novembro de 1901 e contou com a

presença do seguinte corpo de jurados: “Foram convidados para juízes o Sr. tenente-coronel Godoy, despachante Firmo Braga e inspetor Martins”<sup>37</sup>. Seu nome também aparece numa publicação do jornal Opinião Pública de 11/05/1910, onde constata-se que o mesmo foi escolhido como padrinho de casamento da união civil de uma asilada do São Benedito, ressaltando assim a importância de sua pessoa no quadro de colaboradores da instituição. Abaixo a notícia da união matrimonial da interna Juventina Pereira dos Santos com o Sr. Manoel da Conceição Pinheiro:

Amanhã realizar-se á o consórcio da recolhida do Asylo de Órphãs de S. Benecdito Juventina Pereira dos Santos com o Sr. Manoel da Conceição Pinheiro [...] O atcto civil terá logar, ás 5 horas da tarde no Asylo, sendo presidido pelo Sr. Dr. Juiz districtal. Serão paranympfos; por parte do noivo, o Sr. Alberto Luiz da Costa e sua Exma. Esposa e, pela da noiva o Sr. Alferes Firmo da Silva Braga conceituado despachante, e sua Exma. consorte. O acto religioso será ás 5 ½ horas, na capella do asylo, sendo celebrante o Rev. Padre Julio do corpo docente do Gymnasio Gonzaga. (*OPINIÃO PÚBLICA*, 11 de maio de 1910 apud CALDEIRA, 2014, p.135).

Abaixo temos a imagem do retrato de Firmo Braga:

---

<sup>37</sup> [http://pelotasdeontem.blogspot.com.br/2015\\_11\\_01\\_archive.html](http://pelotasdeontem.blogspot.com.br/2015_11_01_archive.html), acesso em 26/01/2016.

Figura 2.6: Fotopintura de Firmo Silva Braga. 5º Presidente e Grande Benfeitor do Asilo de Órfãos São Benedito



Fonte: Foto do Pesquisador. Ano: 2016. Salão de Honra do Instituto São Benedito.

Ao olhar para a imagem acima, nota-se uma postura frontal e séria do retratado, o mesmo está bem trajado, transparecendo assim sua condição favorável na sociedade pelotense do período. Novamente não há assinatura do autor e nem o ano da produção da obra.

No salão de honra do atual Instituto São Benedito há também o quadro de uma mulher negra, Luciana Lealdina de Araújo, a grande idealizadora do referido Estabelecimento Assistencial.

Figura 2.7: Fotopintura de Luciana Lealdina de Araújo. Fundadora e Grande Benfeitora do Asilo de Órfãos São Benedito



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2016. Salão de Honra do Instituto São Benedito.

Conforme vemos na imagem, Luciana é retratada com a expressão facial séria, na posição frontal, portando vestimenta religiosa e com um crucifixo que aparenta ser de prata no pescoço.

Entre os três salões de honra que integram este trabalho, somente no São Benedito há um quadro de uma mulher negra. Acrescentando os quadros de José

Veríssimo Alves, Firmo Braga e Benedito Lopes Duro<sup>38</sup>, temos quatro Grandes Benfeitores negros<sup>39</sup>, mostrando assim, que no São Benedito, num local de prestígio e distinção social, havia espaço para os negros e também para as mulheres ocuparem lugar de destaque. Lá, os quadros de benfeitores (as) negros ficavam lado a lado com os quadros dos benfeitores da elite local – algo que destoava bastante das outras instituições de caridade que foram analisadas nas páginas anteriores.

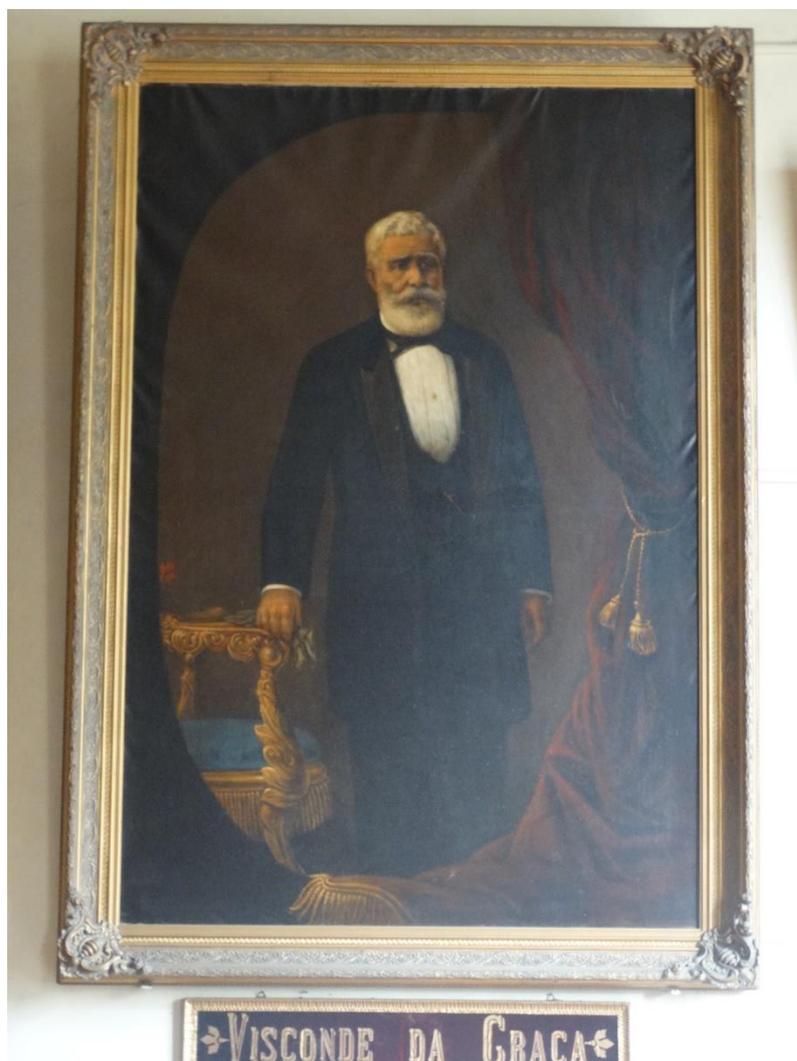
Após a exposição dos três retratos do São Benedito, vamos apresentar e tecer algumas palavras sobre os retratos de dois benfeitores do Asilo de Mendigos de Pelotas. Diferentemente do Asilo de Órfãos, não havia benfeitores negros no Asilo de Mendigos, porém, a instituição não era formada só por membros da elite, como no caso dos benfeitores da Santa Casa. Contudo, nos salões de honra das três instituições, a grande maioria dos quadros é de sujeitos da elite local. Os dois retratos que veremos a seguir representam muito bem essa elite local, ou melhor, eles são a “nata da elite” pelotense:

---

<sup>38</sup> Benedito Lopes Duro, Ex-Escravo que foi alforriado em 1884, herdou o sobrenome dos seus donos, que eram Bernardo Lopes Duro e Camila Lopes Duro. Benedito foi mordomo e tesoureiro do Asilo de Órfãos São Benedito. Fonte: CALDEIRA, Jeane dos Santos. **O Asilo de Órfãos São Benedito em Pelotas – RS (as primeiras décadas do século XX)**: trajetória educativa-institucional. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014, p.143.

<sup>39</sup> Segundo Caldeira (2014), os quadros de pessoas negras, que estão alocados no salão de honra do Instituto São Benedito são de: Luciana de Araújo, José Veríssimo Alves, Firmo Braga e Benedito Lopes Duro.

Figura 2.8: Pintura de João Simões Lopes Filho (Visconde da Graça). Grande Benfeitor do Asilo de Mendigos



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017. Salão de Honra do Asilo de Mendigos.

João Simões Lopes Filho, o Visconde da Graça, é retratado de corpo inteiro, em trajes finos, sua mão direita está apoiada sobre uma mesa (na imagem, não é possível ter certeza se é uma mesa ou outro móvel). Seu quadro, juntamente com o de Antônio Joaquim Dias (será abordado no capítulo 3) são os únicos que apresentam dimensões maiores, o que confere maior prestígio e valor ao retratado.

Como vimos anteriormente, o Visconde da Graça foi o grande patrocinador do Asilo de Mendigos, sem a sua contribuição financeira, não existiria a Instituição, por isso que ele foi considerado Grande Benfeitor e muito provável que esta seja a causa dele ter um quadro com maiores proporções.

Segundo Jonas Vargas (2013), o Visconde foi um dos sujeitos mais ricos do

Rio Grande do Sul no século XIX, não se dedicando somente ao comércio do charque, mas também diversificando suas atividades econômicas, atuando inclusive no alto comércio e na banca local. Sua riqueza era tanta, que ele chegou a emprestar grandes quantias ao Estado, também reabilitou a Companhia Hidráulica Pelotense com um investimento de 300 contos de réis, colocou outros 750 contos na Companhia de Iluminação Pública de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, além de ter sido um dos líderes na iniciativa da abertura da barra e canalização do rio São Gonçalo, da Companhia de bondes e da estrada de ferro Rio Grande a Bagé, entre outros empreendimentos regionais. Por tudo isso foi agraciado com o título de Visconde da Graça. (VARGAS, 2013, p.379). João Simões Lopes Filho também foi político, chegando a ser vice-presidente da província do Rio Grande do Sul, onde por alguns meses assumiu a presidência (24/05/1871 a 12/09/1871) da província.

Outro Grande Benfeitor do Asilo foi Joaquim da Silva Tavares, o Barão de Santa Tecla.

Figura 2.9: Joaquim da Silva Tavares (Barão de Santa Tecla). Grande Benfeitor do Asilo de Mendigos



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017. Salão de Honra do Asilo de Mendigos.

O retrato do Barão de Santa Tecla nos mostra um senhor de traje elegante, rosto levemente inclinado para a direita e expressão facial séria. Conforme vimos anteriormente, foi um benfeitor muito importante para o Asilo de Mendigos, foi ele quem fez a doação do terreno para a construção do Prédio do Asilo. Tavares também fora um homem muito rico e influente na cidade de Pelotas na segunda metade do século XIX. A partir de uma tabela que reúne os charqueadores mais ricos de Pelotas, elaborada por Vargas (2016), o Barão era o 10º empresário mais

rico, com um patrimônio de 56.808 libras esterlinas. E da mesma forma que o Visconde, Tavares foi vice-presidente da província do Rio Grande do Sul, tendo ocupado a presidência entre 9 de agosto de 1888 a 7 de dezembro de 1888.

Pode-se dizer que os retratos dos sujeitos benfeitores funcionavam como um espelho para os seus pares, ou seja, não somente o sujeito retratado, mas sua família, assim como os demais membros da elite ou as demais pessoas imbuídas de boas condutas morais e cristãs se enxergavam representadas naqueles retratos. Também, como já foi mencionado aqui, ter um retrato seu no salão de honra de uma instituição, significa de certa forma ficar imortalizado através de uma imagem. O retrato foi uma das mais importantes retribuições simbólicas utilizadas pelas instituições para agradecer pela caridade recebida e o seu potencial em conferir prestígio social às famílias de elite da época não deve ser desprezado.

### 3. Poder, prestígio e caridade: as trajetórias de Augusto Simões Lopes, Antônio Joaquim Dias e Edmundo Berchon Des Essarts

O capítulo que fecha a pesquisa pretende analisar a trajetória pessoal e profissional de três sujeitos que possuíam fortes laços com a cidade de Pelotas, ainda que, somente Augusto Simões Lopes tenha nascido na cidade. O português Antônio Joaquim Dias e o gabrielense Edmundo Berchon des Essarts viveram grande parte de suas vidas na urbe, participando com muita intensidade de sua vida política e exercendo o ofício e a caridade para com diversas instituições assistenciais e associações culturais, entre elas o Asilo de Mendigos, o Asilo de Órfãos São Benedito, a Santa Casa, a Biblioteca Pública Pelotense, entre outras.

No entanto, por que os escolhidos são estes e não outros sujeitos? É possível esboçar a trajetória desses indivíduos de forma satisfatória?

Cada um deles, num determinado período de suas vidas, dedicaram-se a prática da caridade para com as duas instituições assistenciais que são objetivo da pesquisa. Portanto, a escolha desses três indivíduos se conecta com a proposta de pesquisa (caridade e elite), pois eles foram muito atuantes neste círculo. Apenas para citar alguns exemplos que corroboram nesse sentido: Augusto Simões Lopes foi por 12 anos presidente do Asilo de Mendigos, Edmundo Berchon foi provedor e médico da Santa Casa e grande benfeitor do Asilo de Órfãos São Benedito e Antônio Joaquim Dias, proprietário do jornal *Correio Mercantil*, não foi apenas o imigrante português que deu sorte em terras brasileiras. Além de ter ascendido socialmente, foi um dos fundadores da Biblioteca Pública e do Asilo de Mendigos, instituição da qual foi o primeiro presidente.

Outro motivo da escolha desses três indivíduos se deve a disponibilidade de fontes (os três destacaram-se social, econômica e politicamente, deixando alguns rastros e pistas), ainda que esparsas e de difícil acesso.

Não se pretende aqui fazer uma biografia, nem uma trajetória<sup>40</sup> com pretensões de dar conta de toda a vida profissional, política e social dessas três figuras, mas sim, capturar, a partir da construção dos seus percursos sociais e profissionais, informações que nos possibilite traçar o perfil de homens da elite

---

<sup>40</sup> Sobre a reconstrução da trajetória de um indivíduo, através da investigação e perseguição de várias fontes, vários documentos em que este indivíduo é citado, ver: GINZBURG, Carlo. "O Nome e o Como: troca desigual e mercado historiográfico". In: GINZBURG, Carlo. **A Micro-história e outros ensaios**. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1989. p. 169-178.

pelotense que dedicaram parte de suas vidas à caridade. Para tanto, partimos da concepção crítica conferida por Bourdieu (2006) aos estudos biográficos:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto de metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. Os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão em jogo no campo considerado [...] não podemos compreender uma trajetória (isto é, o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. (BOURDIEU, 2006, p.189-190).

Apesar das observações feitas por Bourdieu (2006) no tocante a construção dos estados contínuos do campo e no conjunto de relações objetivas que envolvem os sujeitos analisados e outros tantos do mesmo campo, acredita-se que o escopo principal desse capítulo, que é relacionar a prática da caridade como mecanismo de impulsão social, econômica e/ou política na trajetória de Augusto Simões Lopes, Antônio Joaquim Dias e Edmundo Berchon des Essarts, através da utilização de fontes primárias, tenha sido alcançado.

Karsburg (2015), no texto intitulado *A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias* nos fornece as principais diferenças entre biografia e trajetória, “a biografia costuma seguir o sujeito do “nascimento à morte”, ou, ao contrário, da morte ao nascimento [...] a biografia deve contemplar a totalidade da vida do indivíduo, problematizar os vários momentos da existência”. O autor também menciona que o tempo de duração do mestrado e do doutorado é insuficiente para quem pretende utilizar o método biográfico, enquanto que a trajetória “não tem por obrigatoriedade abordar toda a vida do sujeito; antes procura centrar as análises num período determinado” (KARSBURG, 2015, p. 33-34). Mas, segundo o autor, ambos os métodos precisam seguir certos procedimentos: “o principal deles é a construção detalhada dos passos do biografado, com o máximo possível de fontes (de preferência fontes de natureza diferente), que devem ser

sistematicamente confrontadas” (KARSBURG, 2015, p.34).

Por último, Karsburg (2015) entende que biografia e trajetórias têm por preceitos dois pontos que se complementam: “o primeiro é investigar o lugar do indivíduo no mundo, restituí-lo ao seu tempo histórico para perceber que recursos estão ao alcance e como são utilizados para minimizar as incertezas da vida”, ao observar essas considerações, o historiador atinge o segundo ponto: “todo indivíduo só vale por aquilo que o singulariza”. “Mas como chegar às singularidades de um indivíduo? Uma das saídas é confrontar sistematicamente nosso sujeito ao grupo que era semelhante a ele”. (KARSBURG, 2015, p.47-48). Com todas as limitações inerentes a uma pesquisa de mestrado e considerando que o objetivo desse capítulo não consiste na análise da trajetória de apenas um indivíduo e sim de três, com o máximo de fontes disponíveis, não conseguimos seguir todas as recomendações que Karsburg (2015) fez no seu trabalho, porém acredito que as próximas páginas venham contemplar de forma satisfatória a trajetória caritativa de Augusto Simões Lopes, Antônio Joaquim Dias e Edmundo Berchon des Essarts.

### **3.1 Augusto Simões Lopes**

A primeira trajetória que iremos apresentar e analisar refere-se ao Sr. Augusto Simões Lopes, formado em direito, jornalista, intendente de Pelotas, benfeitor do Asilo de Mendigos, do Asilo de Órfãos São Benedito, da Santa Casa de Misericórdia, presidente do Grêmio Esportivo Brasil, Deputado Constituinte, Senador, entre outras ocupações e atividade públicas. Enfim, nas seis décadas de sua existência, Augusto deixou marcas na política, no esporte, na advocacia, nos negócios, na caridade, enfim, na sociedade local.

Augusto Simões Lopes nasceu no dia 15 de julho de 1880, em Pelotas, filho de João Simões Lopes Filho, o Visconde da Graça e de Zeferina Antônia da Luz Simões Lopes.

Augusto, após a conclusão dos estudos elementares e secundários realizados em Pelotas, foi para Porto Alegre, onde iniciou o curso de humanidades na Escola Brasileira, concluindo-o em São Paulo. Na capital paulista cursou Direito, mas veio a concluir na Faculdade França Carvalho (em 1905), no Rio de Janeiro, na época,

capital do país<sup>41</sup>. . Após o término da faculdade voltou à Pelotas para exercer a profissão. Casou-se em 1906 com Hilda Campello Duarte, do matrimônio nasceram os filhos Paulo, Laura, Augusto, Homero, Sueli, Leda, Rui e Clóvis. Seu óbito ocorreu no Rio de Janeiro, no dia 15 de outubro de 1941, aos 61 anos de idade.

Figura 3.1: Bengala com castão de ouro e signo da Justiça. Pertenceu ao Dr. Augusto Simões Lopes



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017. Acervo pessoal de Hilda Simões Lopes.

### 3.1.1 Atuação caritativa

Augusto Simões Lopes foi um sujeito muito atuante junto aos estabelecimentos médicos e asilares de Pelotas (Santa Casa, Beneficência Portuguesa, Asilo de Órfãs São Benedito, Asilo de Mendigos). Desse último fora presidente por um longo período (12 anos), de 1916 a 1923 e de 1929 a 1932, além

<sup>41</sup> <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lopes-augusto-simoes>, acesso em 26/07/2017.

de sócio grande benfeitor, título do qual foi agraciado em 1918, quando estava à frente da instituição.<sup>42</sup>

Figura 3.2: Fotopintura do Dr. Augusto Simões Lopes. Grande Benfeitor do Asilo de Mendigos



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017. Salão de Honra do Asilo de Mendigos.

No dia da inauguração do seu retrato, Simões estava em viagem ao Rio de Janeiro, quando retornou a Pelotas, e ficando a par da homenagem, ele com humildade teria afirmado que não era merecedor de tal honraria (KRAMER, 1996, p.36). Mas, mesmo que não seja o caso do Dr. Augusto, retratos em salões de honra, além de serem recorrentes para aqueles que eram considerados benfeitores (as), conferiam status e prestígio social para o homenageado, e em algumas circunstâncias a colocação do retrato se dava após o falecimento do benfeitor (a), como forma de homenagem a sua memória.

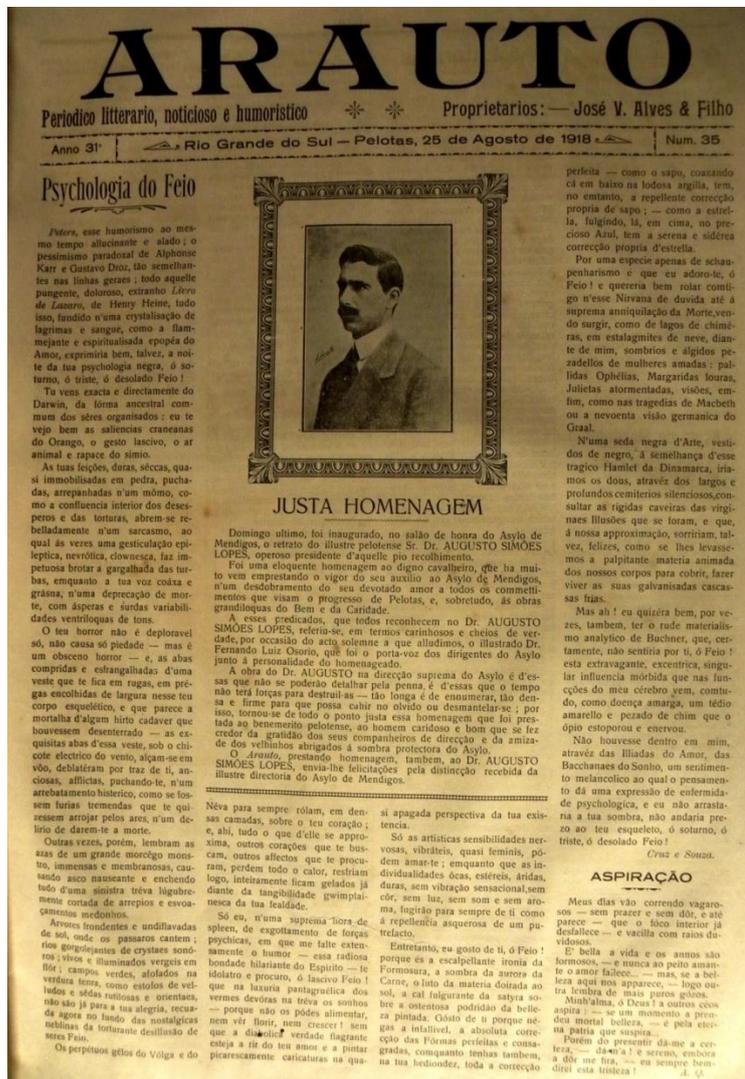
O jornal *Arauto*, na data de 25 de Agosto de 1918, divulgou em sua capa a

---

<sup>42</sup> HISTÓRICO do Asilo de Mendigos de Pelotas – 1882 a 1935. Pelotas: A Universal, 1936.

notícia da inauguração do retrato do Dr. Augusto Simões Lopes:

Figura 3.3: Capa do Jornal *Arauto*, de 25/08/1918, dando destaque para Augusto Simões Lopes



Fonte: ARAUTO. 25 de Agosto de 1918, p.1. Disponível para consulta no Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas – IHGPel.

Anos antes, mais precisamente em 1905, quando Augusto completava 25 anos, o mesmo jornal, já dava espaço em sua capa ao jovem, cumprimentando-o pela passagem de seu aniversário e destacando suas virtudes pessoais, políticas e profissionais. Abaixo transcrevemos partes da homenagem prestada pelo jornal:

É sempre grande júbilo para nós quando se oferece ocasião de ilustrarmos a primeira página do nosso modesto periódico com o retrato de um patricio distinto, de um desses proeminentes vultos que, ornamentando a sociedade hodierna, tem deixado após si um passado de glória e filantropia, garantindo para o futuro inigualáveis serviços, que passarão aos vindouros como exemplos de civismo e aproveitamento em bem da pátria, da família e dos amigos. É no dia do aniversário natalício do ilustre moço, cujo retrato hoje nos honra, que não poderíamos deixar passar despercebida a ocasião de presentearmos os nossos leitores com uma lembrança desse que, no curto tirocínio de sua existência, tem já sabido angariar para si a gratidão, o bom conceito e a estima geral, pelo seu talento e já não pequenos serviços prestados á terra natal[...]Orador fluentíssimo, com o peso vultuoso da sua palavra tem, por vezes, arrebatado os auditórios, tocando as raias do entusiasmo. Político devotado pela causa que abraçou, tem sido sempre um republicano impoluto, sem jaça, enfrentando valorosamente todas as lutas partidárias com o denodo próprio de quem, visando no seu ideal uma meta de glória, trabalha incansavelmente para o bem de sua pátria. (Arauto, 15 de julho de 1905, p.1).

A Ata de número 99 do Asilo de Mendigos, datada de 17 de maio de 1916, registra a primeira reunião do conselho administrativo presidida pelo Dr. Augusto, nela, Simões Lopes comunica ter recebido o legado do ex-presidente, Joaquim Augusto de Assumpção. Outros assuntos, como a doação de dinheiro para a Instituição e homenagens a Joaquim Assumpção também são abordados.

Já a Ata número 100, datada de 8 de Junho de 1916 não trás muitas informações relevantes, a mais considerável diz respeito às cotas das loterias federais que o Asilo tinha direito, mas não estava recebendo desde 1914, ficando a incumbência de agilizar o recebimento das mesmas junto ao Governo Federal com os Senhores Ildfonso Simões Lopes e Joaquim Luis Osorio.

As Atas são documentos valiosos para o pesquisador, pois mesmo que nelas não estejam contidas todas as informações referentes à vida da Instituição, via de regra, podemos considerar que nelas estão às informações mais importantes, segundo a ótica da diretoria. Como mencionado na introdução do trabalho, encontrei imensas dificuldades para ter acesso às fontes de posse do Asilo, o que de certa forma inviabilizou um trabalho mais completo e lapidado. Devido ao acesso tardio que tive às fontes da Instituição, foi possível a transcrição de cinco Atas, duas delas, assinadas pelo Dr. Augusto Simões Lopes.

As reuniões realizadas pelo Conselho Administrativo aconteciam no Salão de Honra do Asilo. O relatório da Gestão do Presidente Augusto Simões Lopes (1916-1920) trás a imagem de uma dessas reuniões:

Figura 3.4: Reunião da Diretoria do Asilo de Mendigos



Fonte: ASYLO DE MENDIGOS. Relatório do Presidente Augusto Simões Lopes, referente aos anos de 1916-1920. Pelotas: Oficinas Graphicas d'A Guarany, 1921.

O Presidente do Asilo, Dr. Augusto está sentado na parte superior da mesa, os outros seis participantes da reunião estão ao seu redor. Em cima da mesa, além do vaso de flores, estão dois livros, muito provável que sejam os livros de Atas. Nas paredes do Salão de Honra, aparecem na imagem oito quadros de Grandes Benfeitores, sendo que na parede ao fundo estão os maiores quadros, do Visconde da Graça (Pai do Dr. Augusto) e do jornalista Antônio Joaquim Dias.

O Relatório do Asilo de Mendigos de Pelotas, referente à primeira gestão de Augusto Simões Lopes (1916-1920) nos fornece informações a respeito do estabelecimento e também sobre o perfil do Presidente, Dr. Augusto.

Na introdução do documento percebem-se traços marcantes da personalidade do Dr. Simões Lopes, que o acompanharam também na vida profissional e política, a cordialidade, a diplomacia e a gratidão. Uma das primeiras palavras da introdução escrita pelo Dr. Augusto faz referência aos benfeitores e companheiros de direção: “Apoiado no concurso dos inúmeros beneméritos deste Asilo e dos exemplares companheiros de diretoria, procurei empregar o melhor de

minha boa vontade para conservar e elevar esta grande obra de geração bendita que a empreendeu” (ASYLO DE MENDIGOS. Relatório do Presidente Augusto Simões Lopes, referente aos anos de 1916-1920, 1921, p. 4-5).

Algumas queixas quanto à dificuldade para manter o estabelecimento funcionando em perfeitas condições também podem ser observadas no relatório do Dr. Augusto, esses lamentos advinham do acréscimo de asilados que oscilou entre 103 e 132 e também em relação ao aumento do custo dos gêneros alimentícios e vestuário. Apesar das dificuldades, segundo o Presidente, o Asilo prosperou em sua gestão.

No relatório, também constam as obras de melhoramento das estruturas físicas do Asilo, feitas sob a presidência de Simões Lopes, como a pintura geral do prédio, a ampliação da rede de água até a chácara e jardins, beneficiando assim a produção de verduras e flores através da irrigação. Essa produção, também era uma forma de levantar recursos para o Asilo. Já a grande obra, o grande legado da 1ª gestão Simões Lopes foi à instalação de luz elétrica nas principais salas do prédio.

Não foi objetivo da presente pesquisa avaliar os resultados filantrópicos alcançados pelos serviços prestados pelos Asilos, algo que pode atrair o interesse de outros pesquisadores. Contudo, não se pode negar que por trás das imagens até aqui vistas e de todo o tempo e recursos gastos por estes homens estava uma visão de mundo que imprimia certas responsabilidades sociais às elites da época – herança de uma sociedade na qual o Estado não atendia as mesmas demandas.

Em sua primeira passagem pela diretoria do Asilo de Mendigos, no ano de 1916, o Dr. Augusto teve ao seu lado as seguintes pessoas: Vice-Presidente – José Maria Machado de Abreu; 1º Secretário – Dr. Fernando Luis Osorio; 2º Secretário – Dario Moreira Lopes; Tesoureiro – Juan Romeu, nos dois anos seguintes a diretoria foi reeleita. Em 1919, alguns nomes mudam: A Vice-Presidência passa a ser ocupada pelo Dr. Urbano Garcia e o cargo de 1º Secretário por Eça de Queiroz. Já no ano de 1920, esteve como Vice-Presidente o Dr. Fernando Luis Osorio.<sup>43</sup>

Na gestão Simões Lopes foram inaugurados no Salão de Honra, os seguintes retratos: Joaquim Augusto de Assumpção (02/04/1916), que era seu primo; Major João Tamborindeguy (17/04/1920); Ernestina Augusto de Assumpção (02/05/1920) e

---

<sup>43</sup> ASYLO DE MENDIGOS. Relatório do Presidente Augusto Simões Lopes, referente aos anos de 1916-1920. Pelotas: Oficinas Graphicas d'A Guarany, 1921.

do próprio presidente, Dr. Augusto Simões Lopes (19/07/1918).<sup>44</sup>

Sob a presidência do Dr. Augusto (1916-1920)<sup>45</sup>, foram emitidos quatro Diplomas de Grandes Benfeitores do Asilo de Mendigos, para as seguintes pessoas: João Tamborindeguy; Augusto Simões Lopes; Ernestina Augusto de Assumpção<sup>46</sup> e Zola Amaro<sup>47</sup>.

Em relação às finanças do Asilo, no quinquênio de 1916 a 1920, encontramos registrado no relatório da Gestão Simões Lopes, os seguintes dados: Receita – 195.031\$160; Despesa – 160.229\$490 e Saldo líquido de 34.801\$670. Portanto, a administração do Presidente Augusto Simões Lopes e do Tesoureiro Juan Romeu foi responsável e eficiente, pois se gastou menos do que se arrecadou, por consequência deixando um saldo positivo considerável. E o patrimônio do Asilo que em 1915 era de 221.148\$050 passou para 255.949\$720 em 1920.<sup>48</sup>

Nas conclusões do relatório de sua gestão, o Dr. Augusto menciona os fatos mais importantes do período em que esteve à frente do Asilo de Mendigos, como por exemplo, a necessidade de ampliação do edifício, que não foi iniciada em sua gestão, pelo alto custo dos produtos à época, sendo mais específico, dos materiais de construção. A obra de ampliação/conclusão do prédio não foi iniciada no quinquênio (1916-1920), porém no ano de 1917 a direção começou a levantar fundos para tal finalidade e em 3 de agosto de 1917 efetuou um depósito sob o título “Conta Especial para a conclusão do edifício do Asilo” no Banco Pelotense, com juros de 7% ao ano. Em 31 de dezembro de 1920, último dia da gestão Simões Lopes, o saldo da respectiva conta estava em R\$ 25:190\$000.

Ao terminar o relatório, Augusto uma vez mais demonstra humildade e gratidão para com todos que colaboraram com o Asilo em sua gestão: “reitero-vos a minha profunda gratidão, pelo desprendimento, abnegação, amor e caridade com

---

<sup>44</sup> ASYLO DE MENDIGOS. Relatório do Presidente Augusto Simões Lopes, referente aos anos de 1916-1920. Pelotas: Oficinas Graphics d'A Guarany, 1921, p.9.

<sup>45</sup> ASYLO DE MENDIGOS. Relatório do Presidente Augusto Simões Lopes, referente aos anos de 1916-1920. Pelotas: Oficinas Graphics d'A Guarany, 1921, p.14.

<sup>46</sup> Ernestina de Assumpção era filha do Barão de Jarau (Joaquim José de Assumpção), que segundo dados levantados por Jonas Vargas (2013), era o chefe de polícia mais rico na cidade de Pelotas ao final do século XIX.

<sup>47</sup> Zola Amaro era neta do Visconde da Graça, portanto, mais uma Simões Lopes com retrato na galeria do Asilo de Mendigos. Conforme Vargas, ela “tornou-se uma grande cantora de ópera, tendo se apresentado nas principais cidades da América e da Europa ao lado de grandes tenores e sob a regência dos principais maestros da época” (VARGAS, 2013, p.429).

<sup>48</sup> ASYLO DE MENDIGOS. Relatório do Presidente Augusto Simões Lopes, referente aos anos de 1916-1920. Pelotas: Oficinas Graphics d'A Guarany, 1921, p.15-16.

que, cada um de vós, concorreu para o êxito, o mais satisfatório, com o qual esta despreziosa presidência encerrou o quinquênio de sua ação administrativa”. (ASYLO DE MENDIGOS. Relatório do Presidente Augusto Simões Lopes, referente aos anos de 1916-1920, 1921, p. 17-18).

Outra idealização criativa e singular da gestão do Dr. Augusto a frente do Asilo de Mendigos foi à utilização de uma carrocinha para arrecadar donativos em dinheiro “moedas” e principalmente gêneros alimentícios.

Figura 3.5: Carrocinha de Donativos do Asilo de Mendigos



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017. Jardim do Asilo de Mendigos de Pelotas.

A carrocinha da imagem acima é a mesma que começou a circular nas ruas em 1º de Julho de 1917, apenas com pequenas modificações, passando a mesma por um processo de restauro. Ela era puxada por força humana e não animal, como dá a entender observando a presença de um cavalo na imagem. As doações sob a forma de moedas eram coladas numa pequena abertura lateral, já as doações de gêneros alimentícios eram colocadas na parte traseira da carrocinha. Acreditamos

que esta “engenhoca” circulando com a presença de um mendigo, trajando o uniforme do Asilo, tenha provocado forte apelo emocional, e, portanto incentivando a população pelotense a praticar a caridade, angariando mais fundos para a Instituição, mostrando-se uma decisão acertada fazê-la circular nas ruas da urbe.

O relatório da gestão do Dr. Augusto nos fornece maiores detalhes sobre a carrocinha:

A carrocinha, toldada, de feitio estranho, com acomodações folgadas para receber os gêneros, e pintada vistosamente, foi confeccionada na Fábrica de Carros do Sr. Luiz Schröder pela importância de R\$ 1:441\$000, incluídos os arreios. Além do condutor da carrocinha, acompanha-a um mendigo, vestido com o uniforme do Asilo e munido de um talão, com canhoto, onde vão sendo registradas os donativos, ficando o original em poder dos doadores. (ASYLO DE MENDIGOS. Relatório do Presidente Augusto Simões Lopes, referente aos anos de 1916-1920. Pelotas: Oficinas Graphicas d'A Guarany, 1921, p.10-11).

Ao lado da Carrocinha há uma placa com informações sobre a mesma.

Figura 3.6: Placa de identificação da Carrocinha do Asilo de Mendigos



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017. Jardim do Asilo de Mendigos de Pelotas.

Abaixo do lema: “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”, há a data de criação da Carrocinha, seu objetivo e a data de inauguração/colocação da mesma

no Jardim do Asilo e em qual gestão.

Por todas as obras, pelo tempo e dedicação em prol da Instituição (12 anos), há várias homenagens que se encontram materializadas nos espaços do Asilo de Mendigos, como o seu retrato, alocado no Salão de Honra, além de uma placa e de um busto.

Figura 3.7: Busto de Augusto Simões Lopes



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017. Jardim do Asilo de Mendigos.

O busto do Dr. Augusto foi inaugurado pouco tempo após sua morte. Ele foi o único indivíduo considerado Grande Benfeitor da Casa Asilar que recebeu um busto em sua homenagem, com bastante convicção, nesse caso em específico, uma

honraria maior que um retrato no Salão Nobre.

Também no *Hall* de entrada do Asilo há uma placa homenageando-o pelos serviços prestados à Instituição no decorrer de 12 anos.

Figura 3.8: Placa em homenagem ao Dr. Augusto Simões Lopes



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017. Asilo de Mendigos de Pelotas

De todos os estabelecimentos asilares e médicos que o Dr. Augusto colaborou, foi no Asilo de Mendigos o local de maior dedicação e maior atuação. Nos 12 anos em que esteve à frente do referido estabelecimento, muitas obras e ideias foram lançadas e executadas. Por tudo isso, há no prédio do Asilo tantas e tão variadas honrarias dedicadas a sua pessoa e a sua memória.

Há na Santa Casa e também no Asilo de Órfãos São Benedito, atual Instituto São Benedito sinais da atuação de Augusto Simões Lopes como Grande Benfeitor, porém não foram encontradas fontes documentais para proporcionar uma maior discussão a cerca do trabalho do Dr. Augusto nessas Instituições. A seguir, apresentamos os quadros que se encontram alocados nos salões de honra das

referidas instituições:

Figura 3.9: Retrato de Augusto Simões Lopes, Grande Benfeitor da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017. Salão de Honra da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.

O retrato acima integra o conjunto de quadros alocados no Salão de Honra da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. Não sabemos a data de inauguração do retrato do Dr. Augusto e nem o seu histórico de atuação junto à Santa Casa de Pelotas, o que sabemos, é que ele, por ser considerado Grande Benfeitor da Instituição, certamente colaborou de forma significativa com a Santa Casa. Caso contrário, não teria sido agraciado com um retrato.

Figura 3.10: Augusto Simões Lopes. Grande Benfeitor do Asilo de Órfãos São Benedito



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2016. Salão de Honra do Instituto São Benedito.

Na figura acima, o Dr. Augusto é retratado frontalmente, portando terno e gravata e com a expressão facial séria, aparentando meia idade. Igualmente à figura anterior, nesta também nos faltaram subsídios para melhor compreensão a cerca dos aspectos que envolveram o pedido e a produção da obra.

Para finalizar esse tópico, ousamos fazer algumas considerações sobre a trajetória caritativa do Dr. Augusto. Em primeiro lugar, ele deu seguimento a uma

tradição da elite pelotense, da qual sua família faz parte, que é o hábito ou a prática regular da caridade. Não esqueçamos que Augusto era filho do Visconde da Graça, um dos maiores patrocinadores da caridade local, e como filho, herdou e exerceu de forma notável a caridade para com as instituições de Pelotas.

Sobre sua atuação na Sociedade Portuguesa de Beneficência, na Santa Casa de Misericórdia e no Asilo de Órfãos São Benedito, nos falta um número maior de fontes, tornando-se difícil afirmar quais foram as exatas contribuições de Simões Lopes, porém, no Asilo de Mendigos encontramos várias fontes que dão ideia do comprometimento do Dr. Augusto com as causas dos mais necessitados.

Afinal, caso não fosse o Dr. Simões Lopes um Grande Benfeitor de Pelotas, este poderia ter retratos nos Salões de Honra do Instituto São Benedito, do Asilo de Mendigos e da Santa Casa? Certamente que não. Augusto reúne em si todos os elementos que permeiam essa pesquisa: origem familiar tradicional e de elite, profissional renomado, político destacado no cenário local e nacional e um grande benfeitor das instituições de Pelotas. Apesar de a caridade ser um hábito, recheado de valores simbólicos na sociedade da época, Augusto a praticava com gosto e entrega, porém, isso não anula o fato de que a caridade era sim, uma ferramenta de poder e prestígio.

Antes de adentrar no meio político, o Dr. Augusto se dedicou bastante à caridade, acumulando capital social advindo de práticas caritativas. Esse capital social que mencionamos, provavelmente o ajudou a obter êxito na política.

### **3.1.2 Atuação Profissional e Desportiva**

Após concluir os estudos e regressar a Pelotas, Augusto, além de exercer a advocacia, foi nomeado em 1904, pelo desembargador geral do Estado, promotor público interino da Comarca de Pelotas. No ano de 1907, lecionou direito marítimo na Academia de Comércio do Clube Caixeiral, também exerceu a suplência do cargo de juiz federal, atuou ainda no *Correio Mercantil*, jornal do qual foi redator e diretor por muitos anos.<sup>49</sup>

No ano de 1914, Simões Lopes investiu no ramo da construção civil, criando um

---

<sup>49</sup> <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lopes-augusto-simoes>, acesso em 26/07/2017.

bairro residencial com o seu nome, nas proximidades do São Gonçalo, em dois anos foram construídas 31 casas. Segundo a Coleção Cadernos de Pelotas essas residências foram “edificadas sob os rigorosos princípios da higiene contemporânea” (KRAMER, 1996, p.35).

Já que no parágrafo acima mencionamos sobre obras e construções, é oportuno citar aqui a esplêndida morada do Dr. Augusto Simões Lopes, também conhecido como “Castelinho” ou “Castelo Simões Lopes”, localizado na Rua Conde de Porto Alegre, esquina com a Rua 15 de Novembro. A obra foi iniciada em 1921 pelo engenheiro “Rulmann” e a inauguração se deu em 1922. Atualmente o prédio encontra-se bastante avariado pela ação do tempo e pela falta de reformas.

Não sabemos ao certo, se o Dr. Augusto foi também criador de gado, ou se ele fez uma compra de gado isolada, o fato é que o jornal *A Federação* publicou no dia 12 de novembro de 1927 a compra de “3 bovinos da raça British para o Dr. Augusto Simões Lopes, intendente municipal de Pelotas”<sup>50</sup>.

Segundo a Coleção Cadernos de Pelotas, número 26 (1996), o Dr. Augusto foi fundador do Grêmio Esportivo Brasil<sup>51</sup> e grande apoiador em todos os âmbitos. O terreno onde foi construído o estádio, a preparação do campo, a construção de um pavilhão de madeira, tudo ficou a cargo de seu fundador.

Em 1919, a felicidade do idealizador do “Xavante” foi imensa, pois além do clube ter se sagrado campeão da Liga Pelotense de Futebol, o único título de Campeão Estadual de Futebol do clube foi quando o Dr. Augusto estava à frente da presidência da Agremiação.

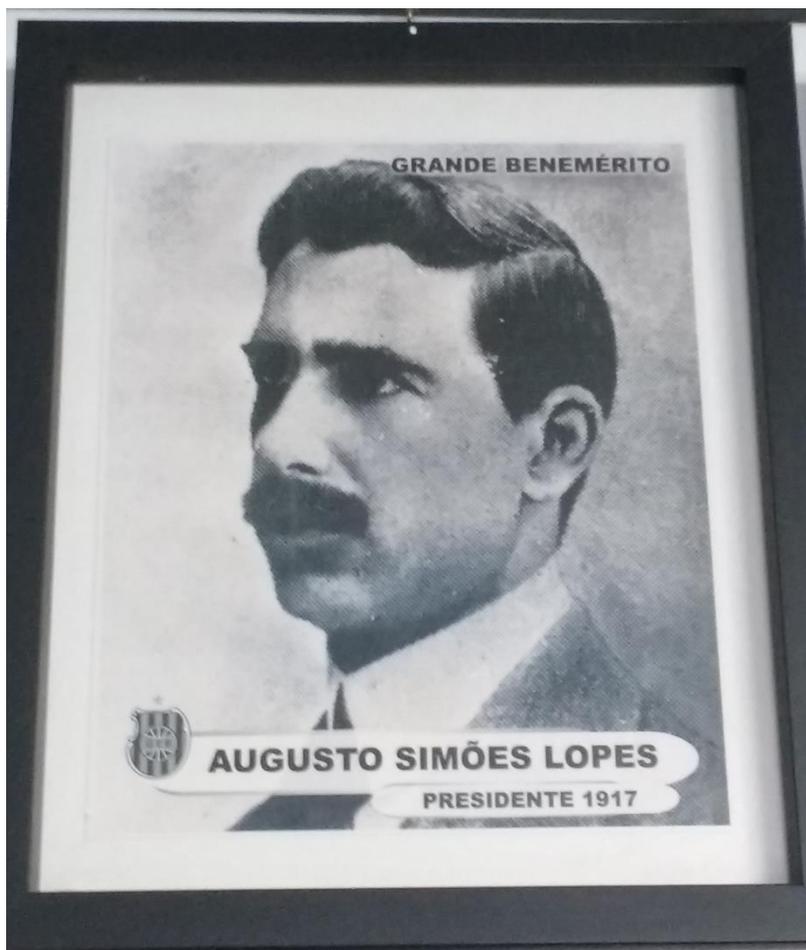
Por tudo que ele fez pela entidade esportiva, o mesmo foi agraciado com o título de Grande Benfeitor.

---

<sup>50</sup> *A Federação*, 12 de novembro de 1927.

<sup>51</sup> A fundação do clube ocorreu no dia 7 de setembro de 1911, devido à data, foi dado o nome de Brasil ao clube de futebol, em homenagem ao nosso país. Fonte: KRAMER, Flávio Azambuja. Benfeitores de Pelotas. Cadernos de Pelotas. Pelotas, n. 26, 1996.

Figura 3.11: Augusto Simões Lopes. Presidente do G.E.BRASIL



Fonte: Foto do Pesquisador. Ano: 2017. Sala de Troféus do Grêmio Esportivo Brasil.

Não se tem a informação do ano de inauguração do quadro do Dr. Augusto, sendo que provavelmente tenha sido em 1917, ou seja, antes do título descrito nas páginas anteriores. E diferentemente do que consta na Coleção Cadernos de Pelotas, número 26 (1996), no quadro não consta Grande Benfeitor e sim Grande Benemérito, provavelmente seja apenas uma questão de denominação. O que é inegável é o trabalho do Dr. Simões pelo clube, desde antes de sua fundação.

Portanto, a sua atuação no G.E.BRASIL, também precede a sua trajetória na política.

### 3.1.3 Atuação Política

Augusto Simões Lopes esteve à frente do executivo pelotense entre os anos de 1924 a 1928<sup>52</sup> e de junho de 1932 a março de 1933. Em 1924, quando se elegeu intendente de Pelotas, contou com a preciosa ajuda do Coronel Pedro Osório, chefe local do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR)<sup>53</sup>. Sua atuação política não se limitou ao município de Pelotas, sendo que de 1933 a 1935 foi Deputado Constituinte (PRL) e entre os anos de 1935 a 1937 Senador da República (PRL).

Através dos dados constantes na Coleção “Cadernos de Pelotas”, número 26 e na Revista Pelotas Memória, fascículo III se verificou que a gestão de Augusto Simões Lopes fora atuante e destacada nas áreas de educação, saneamento e infraestrutura.

Durante o governo de Simões Lopes, foi construído o canaleta de drenagem na Rua General Argolo desde a esquina com a Rua Marechal Deodoro até a Rua Almirante Barroso, obra que foi concluída em 1928. Também foi edificada a casa de tratamento de esgotos, localizada na Avenida Saldanha Marinho, e ainda foram adquiridos modernos coletores para efetuar a coleta de lixo. Destacam-se também os melhoramentos realizados nas represas do Quilombo e do Sinott.

Na área educacional, o governo Simões Lopes se notabilizou pela construção de escolas, foram 8 estabelecimentos criados, entre eles o Grupo Escolar Dona Antônia, o Grupo Escolar Dr. Joaquim Assumpção e o Colégio Piratinino de Almeida<sup>54</sup>, localizado no Areal. O Colégio Pelotense foi submetido a uma completa remodelação. E para melhor atender nas áreas de instrução, estatística e política foi criada a 5ª Diretoria, onde atuou como diretor o Dr. João Brum de Azeredo.

Em agosto de 1928, o governo de Pelotas, chefiado pelo Dr. Augusto efetuou a doação de um terreno para a Faculdade de Direito, localizado na Praça Conselheiro Maciel, a gleba de terra seria usada pela Faculdade para a construção de um edifício.<sup>55</sup>

---

<sup>52</sup> Augusto Simões Lopes venceu a eleição municipal com 3.500 votos, do outro lado estava o candidato Urbano Garcia. Fonte: *A Federação*, 5 de julho de 1924.

<sup>53</sup> <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lopes-augusto-simoes>, acesso em 26/07/2017.

<sup>54</sup> O Colégio Piratinino de Almeida, na ocasião dos festejos de um ano de funcionamento, prestou uma homenagem ao intendente Augusto Simões Lopes, quando foi inaugurado o seu retrato na Sala de Honra do Estabelecimento de Ensino. Fonte: *A Federação*, 21 de maio de 1927.

<sup>55</sup> Fonte: *A Federação*, 30 de agosto de 1928.

Na infraestrutura, destacou-se a gestão Simões Lopes por ter remodelado o “Instituto de Higiene Borges de Medeiros”, que recebeu novos aparelhos e utensílios. Os logradouros públicos receberam cuidados de ajardinamento e plantio de árvores, e novas e modernas máquinas para a construção de estradas de rodagem foram adquiridas, também foi construído um prédio em 1925, com a finalidade de ser o almoxarifado da Intendência Municipal de Pelotas, situado na Rua Benjamin Constant, este mesmo prédio encontra-se em ótimo estado de preservação nos dias atuais. Por fim, citamos a construção de duas pontes de cimento armado, sobre o Arroio Fragata.

A economia local também contou com incentivo de Augusto Simões Lopes, sendo que quando este era intendente, foi construído um matadouro modelo que foi passado para a iniciativa privada administrar<sup>56</sup>, assim como um Entrepasto do Leite.

Na sua gestão, Pelotas também se tornou uma das cidades gaúchas pioneiras na aviação postal e também comercial, através da criação do Aeródromo, na Tablada, atual Aeroporto Internacional João Simões Lopes Neto. As primeiras empresas a operarem no Aeródromo foram a Aero Postal e a Viação Aérea Rio Grandense (Varig)<sup>57</sup> que operou a primeira linha aérea regular no Rio Grande do Sul entre as cidades do Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre.

Após o término do seu mandato de Intendente, Augusto se dedicou com afinco à candidatura de Getúlio Vargas à presidência e de João Pessoa à vice-presidência da República, tendo inclusive integrado a comissão gaúcha que se fez presente na convenção da Aliança Liberal (formada por políticos do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba) em setembro de 1929, realizada no Rio de Janeiro. No começo de 1930, Simões Lopes atuou com dedicação na coordenação da campanha da Aliança Liberal em Pelotas, organizando com o amigo e padrinho político Coronel Pedro Osório, as atividades eleitorais na eleição de março de 1930.

Após a derrota da Aliança Liberal, Augusto se mobilizou e fez parte da junta revolucionária de Pelotas, somando - se a outros movimentos de igual teor no Rio Grande do Sul, movimentos que ajudaram a formar o levante de 3 de outubro e por

---

<sup>56</sup> O contrato de concessão, construção e exploração do Matadouro Modelo foi assinado em 21 de março de 1928 pelo intendente Dr. Augusto Simões Lopes e pelo Major Martin Guilyan. Fonte: *A Federação*, 22 de março de 1928.

<sup>57</sup> O nome de Augusto Simões Lopes consta na primeira Ata da Viação Aérea Rio Grandense (VARIG), realizada em 15 de junho de 1927, não ficou claro, mas acreditamos que Simões Lopes foi um dos primeiros acionistas da VARIG. Fonte: *A Federação*, 06 de julho de 1927.

consequência colocando Getúlio Vargas no poder, tirando da presidência da República, Washington Luís.

Como já foi mencionado no início desse tópico, em julho de 1932, Augusto Simões Lopes voltou a ocupar a prefeitura de Pelotas, permanecendo no cargo até março de 1933, quando se afastou para concorrer a deputado pelo Rio Grande do Sul à Assembleia Nacional Constituinte, pelo Partido Republicano Liberal (PRL).

A posse do Dr. Augusto como prefeito de Pelotas, pela segunda vez, ocorreu em 24 de julho de 1932, diferentemente da anterior, esta se deu de forma indireta, através de nomeação pelo interventor federal do Rio Grande do Sul, General Flores da Cunha. Ao assumir o cargo de chefe do executivo local, Augusto Simões Lopes proferiu o seguinte discurso:

Ao assumir o cargo de prefeito do município de Pelotas, honrado pela confiança do eminente interventor federal do Estado, General Flores da Cunha, empenhado patrioticamente em manter a ordem e o prestígio da autoridade nesse instante de tão severas apreensões para a Pátria em que mais do que nunca ocorre-nos o cumprimento dos nossos deveres cívicos, dirijo-me, confiante e tranquilo aos meus conterrâneos. (*A Federação*, 26 de julho de 1932, p.1).

No discurso reproduzido acima, Augusto manifesta agradecimentos para com Flores da Cunha, por este ter confiado em sua pessoa para dirigir a cidade de Pelotas e destaca valores como ordem, dever cívico, que segundo sua ótica deveriam ser cumpridos naquela conjuntura política.

Em 15 de abril de 1933, o PRL indicou 17 nomes para concorrer nas eleições para Deputado Constituinte, entre eles, estava o nome do Dr. Augusto.<sup>58</sup>

Quando chegou a data das eleições para a Assembleia Nacional Constituinte (3 de maio de 1933), Augusto Simões Lopes elege-se deputado<sup>59</sup>. A partir da instalação da Assembleia, em 15 de novembro de 1933, o pelotense teve pela frente muito trabalho, pois competia a Assembleia votar a nova constituição, deliberar sobre os atos do Governo Provisório e eleger o presidente da República. Simões Lopes, não só foi líder do seu partido, como de toda a bancada gaúcha no decorrer dos

---

<sup>58</sup> *A Federação*. 15 de abril de 1933, p. 1.

<sup>59</sup> Para falar sobre o período de Augusto Simões Lopes na Assembleia Constituinte e no Senado Federal, foram quase que em sua totalidade utilizadas como referência às informações disponíveis em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lopes-augusto-simoes>, acesso em 26/07/2017.

trabalhos da Assembleia Constituinte. O trabalho do Dr. Augusto e do PRL era manter Getúlio no poder e respaldar os interesses de Vargas na nova constituição. Augusto foi no legislativo federal fiel representante de Vargas e do interventor gaúcho Flores da Cunha.

Há de se dizer que Augusto fora um grande articulador e um notório orador, construindo relações com bancadas de outros estados e com outros partidos, principalmente na defesa dos interesses varguistas. Entre janeiro e março de 1934 o parlamentar gaúcho esteve nos holofotes, pois foi o autor da proposta conhecida como Fórmula Simões Lopes, que era uma alternativa a indicação Medeiros Neto, proposta que “sugeriu a inversão dos trabalhos, de modo a efetuar em primeiro lugar a eleição do presidente da República para depois então elaborar e votar o texto constitucional”<sup>60</sup>. Já a proposta de Simões Lopes consistia na dispensa da:

primeira discussão do texto em plenário, considerando que esta primeira discussão já ocorrera na Comissão Constitucional — conhecida como Comissão dos 26 e encarregada da elaboração do substitutivo ao anteprojeto governamental — quando as comissões parciais apresentaram suas emendas ao anteprojeto. Desse modo, tornava-se possível “votar em bloco” o substitutivo imediatamente, o que permitiria realizar a eleição presidencial no prazo de um mês, sem que houvesse inversão dos trabalhos. Caso fosse aprovado, o texto poderia receber emendas em segunda discussão e, num prazo máximo de 30 dias, passaria à votação final. Deste modo, se os prazos fossem cumpridos, a eleição se daria após a votação final e a promulgação da Constituição definitiva. Caso contrário, a Fórmula Simões Lopes previa a promulgação do projeto aprovado em bloco como Constituição provisória, apenas para efeito da sucessão presidencial. (<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lopes-augusto-simoes>, acesso em 26/07/2017).

Uma das principais pautas defendidas por Augusto na Assembleia e que beneficiavam diretamente Getúlio Vargas era a eleição indireta para presidente, o que mais tarde viria a ser aprovado pela Assembleia. Em 19 de abril de 1934, o jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro, destaca as divergências entre as bancadas gaúcha e mineira quanto à forma de realização da eleição para presidente, os gaúchos defendiam a eleição indireta, enquanto que os mineiros a direta. Augusto Simões Lopes argumentava ser favorável da eleição indireta para Presidente, destacando entre outras razões a incapacidade do povo do interior de escolher um presidente,

---

<sup>60</sup> <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lopes-augusto-simoes>, acesso em 26/07/2017.

votando em quem o coronel indicasse. Segue um trecho da opinião de Augusto publicada no jornal: “na eleição direta, grande massa eleitoral no interior, vota sem saber em quem vota – vota naquele que lhe indica o coronel”<sup>61</sup>.

A atuação de Augusto Simões Lopes no Senado Federal também foi de protagonismo, talvez até mais do que na Assembleia Constituinte, no senado, o pelotense foi vice-presidente. Eleito em 1935, pela Assembleia Constituinte do Rio Grande do Sul, pelo PRL.

No senado Federal, Augusto continuou a defender o governo de Getúlio Vargas, mesmo em questões delicadas e polêmicas, como por exemplo: a defesa de medidas repressivas contra os envolvidos no levante comunista de novembro de 1935, porém desautorizando qualquer ato ilegal por parte do governo, qualquer ato que não estivesse descrito na constituição.

A respeito da instalação do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, Hilda Simões Lopes (2017), disserta que o Dr. Augusto não se solidarizou e nem apoiou o golpe de Vargas. Segundo Lopes (2017), no dia 9 de novembro de 1937, Augusto fora chamado para uma reunião com Getúlio no palácio do Catete, e o presidente muito esperto e ardiso, teria convencido Simões Lopes de que estava acuado e se sentindo abandonado e que não daria de jeito nenhum um golpe, além disso, manteve Augusto no Catete até o começo da madrugada, argumentando que precisava do apoio do amigo senador. As muitas horas que passou na companhia do presidente impossibilitaram Simões Lopes de agir contra o golpe e de se inteirar de outras notícias. Ainda, segundo Lopes (2017), o Dr. Augusto teria ficado a par do golpe, por volta das cinco horas da manhã do dia 10 de novembro de 1937, ao receber um telefonema:

Às cinco horas da manhã toca o telefone na casa do senador. É Aloysio, um genro. Insiste que o acordem, é urgente. Augusto Simões Lopes pega o telefone e ouve: - Dr. Augusto, o exército está nas ruas, os prédios do Congresso estão cercados por tanques e o Getúlio está falando no rádio. Ele deu o golpe. (LOPES, 2017, p.547).

Após a madrugada do dia 10 de novembro de 1937, Augusto Simões Lopes teria se magoado muito e rompido relações com Getúlio Vargas:

---

<sup>61</sup> *O Paiz*, 19 de abril de 1934.

O democrata Augusto Simões Lopes, desde aquela despedida nas garagens do Catete, nunca mais viu, falou ou se solidarizou com qualquer ato de Getúlio Vargas. Sem salário, passou por dificuldades com as minguadas rendas que tinha no sul dado ter vendido propriedades para angariar fundos à vida política. Passado um tempo, Getúlio Vargas mandou lhe oferecer um emprego e ele mandou dizer que não aceitava. Fez um câncer e morreu. (LOPES, 2017, p.547-548).

Sobre a relação de Augusto Simões Lopes com Getúlio Vargas pós-golpe do Estado Novo, não encontramos outras fontes ou referências bibliográficas para dialogar com a citação acima, porém, considerando o perfil político de Simões Lopes, e levando em conta os acontecimentos descritos por Lopes (2017), o rompimento das relações com Vargas não seria um fato tão surpreendente.

O sobrenome tradicional, a profissão, a caridade, foram elementos que contribuíram para Augusto Simões Lopes ter obtido êxito na política local e nacional, além é claro, do apadrinhamento político do Coronel Pedro Osório, e de outros aspectos, como por exemplo, a vocação política. É difícil dimensionarmos o quanto cada item elencado acima influenciou no sucesso político do Dr. Augusto. As práticas caritativas tiveram sua parcela de contribuição, todavia, não podem os afirmar quais eram as motivações pessoais de Simões Lopes ao praticar ações caridosas, o que uma vez mais queremos mencionar é que a prática caritativa por indivíduos da elite no período estudado conferia ao agente benfeitor prestígio e visibilidade social, sendo assim o capital caritativo do Dr. Simões Lopes, contribuiu na formação do seu capital político. Augusto Simões Lopes, veio a falecer, em virtude de câncer, na cidade do Rio de Janeiro em 15 de outubro de 1941, provavelmente desgostoso da política.

### **3.2 Antônio Joaquim Dias**

Antônio Joaquim Dias nasceu em Portugal, no ano de 1848, veio para o Brasil com 13 anos de idade, estabelecendo-se inicialmente no sul do Brasil, na cidade do Rio Grande. Por lá, arranhou um emprego no *Diário do Rio Grande* e segundo Calderan (2002), talvez tenha sido neste periódico que o mesmo tenha aprendido a ler e escrever, já que provavelmente tenha vindo para o Brasil na condição de

analfabeto. Em 1867, já dominando a técnica da tipografia, tomou coragem, e ele próprio abriu seu jornal, denominado *Artista* e também a Revista literária *A Arcádia* – ambos de tiveram duração efêmera. No ano de 1869, após casar com Cesaria Dias, Antônio mudou-se para Pelotas, fundando o *Jornal do Comércio*. Em 1875, por sua vez, fundou o jornal *Correio Mercantil*<sup>62</sup>, que figurou entre os principais periódicos de Pelotas no final do século XIX e começo do XX.

Antônio e Cesaria tiveram dois filhos: Antonieta Dias e César Dias<sup>63</sup>. Tanto Cesaria que faleceu primeiro, em 30 de março de 1885, quanto Antônio que faleceu<sup>64</sup> em 8 de março de 1892 a bordo do paquete Rio Pardo, quando estava em viagem para Porto Alegre, morreram jovens. Mesmo tendo vivido pouco, Antônio Joaquim Dias foi uma figura emblemática para o nosso estudo, de vida agitada e de ideais e realizações caritativas, tendo fundado o Asilo de Mendigos e a Biblioteca Pública Pelotense. Através das páginas do seu jornal, o *Correio Mercantil*, fomentou a criação das duas instituições e participou ativamente delas.

Após sua morte, a Biblioteca Pública e o *Correio Mercantil*, em sinal de respeito e pesar, decretaram luto, como verificamos na notícia abaixo, publicada pelo jornal *A Federação*:

A Biblioteca Pública cerrou suas portas por 3 dias e suspendeu o expediente por 24 horas. O *Correio Mercantil* não foi publicado no dia 8. Todo o pessoal do *Correio Mercantil*, em sinal de pesar pelo falecimento do seu chefe, resolveu tomar luto por 8 dias. Em verba testamentária Antonio Joaquim Dias legou a empresa do *Correio Mercantil* ao seu filho, o Sr. César Dias, estudante da Faculdade de São Paulo. (*A Federação*, 1892).

Ao falarmos da vida pessoal de Antônio Joaquim Dias, não podemos deixar de mencionar os seus filhos, pois, segundo fontes e referências bibliográficas, Dias se dedicou com muito afinco na formação dos seus herdeiros.

Conforme Calderan (2002), até mesmo jornais opositoristas ao *Correio Mercantil*, transmitiam uma imagem de que Dias era “um ótimo pai de família, pois abandonou seus interesses e seguiu para o Rio de Janeiro para acompanhar a filha

---

<sup>62</sup> De acordo com CALDERAN (2002), um periódico republicano e abolicionista, porém com posições moderadas e conservadoras.

<sup>63</sup> Cesar Dias, à época da morte do pai ainda não havia concluído a faculdade de Direito, mesmo assim, ele assume a propriedade e a direção do *Correio Mercantil* até 1912.

<sup>64</sup> Antônio Joaquim Dias faleceu em decorrência de problemas cardíacos.

que foi graduar-se em Medicina e só retornou quando a mesma concluiu o curso”, (CALDERAN, 2002, p.21). Ainda, segundo Magalhães (1993):

Um de seus desejos era o de que a filha fosse a primeira médica do Brasil. Em 1879 passou a ser permitido ao sexo feminino frequentar escolas superiores em território brasileiro, e Dias passou a almejar a ideia de matricular a filha na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Isso também aconteceu com outro pelotense, um charqueador chamado Francisco Lobato Lopes, que tinha o mesmo objetivo. (MAGALHÃES, 1993 apud CALDERAN 2002, p.21).

No entanto, nem tudo são flores na história de Antônio Joaquim Dias, pois notícias negativas a respeito do seu comportamento também chegaram à contemporaneidade. Segundo Calderan (2002), Dias teria ameaçado os professores da filha do charqueador Lobato Lopes, para assim conseguir vantagem e fazer de sua filha a primeira médica do Brasil. Num primeiro momento as ameaças surtiram efeito, pois Rita, a filha de Lobato Lopes, transferiu-se para Porto Alegre, porém quando ambas cursavam a faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, enquanto que Antonieta cursou toda a faculdade na capital, Rita, concluiu o curso na Bahia, em menor tempo. Dias não conseguira fazer de sua filha a primeira médica do país, porém, foi a terceira, formando-se com 20 anos<sup>65</sup>, ficando atrás apenas de Rita Lobato Lopes e de outra gaúcha, chamada Ermelinda Lopes Vasconcellos. Esta história é interessante, pois demonstra o quanto Dias estava disposto a fazer para obter certo prestígio social por intermédio da formação educacional dos filhos, algo importante para as elites da época.

O outro filho de Joaquim Dias, César, formou-se em direito, chegando a ser membro do Supremo Tribunal Estadual. E após a morte do pai, ficou 20 anos na direção do *Correio Mercantil*.<sup>66</sup>

Nos próximos tópicos iremos abordar a trajetória de Antônio Joaquim Dias sob a perspectiva profissional e caritativa.

---

<sup>65</sup> Em 14 de setembro de 1889, dois meses antes da Proclamação da República, o jornal *A Federação* noticiava a entrega da tese de doutoramento de Antonieta Dias na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Fonte: *A Federação*, 14 de setembro de 1889.

<sup>66</sup> CALDERAN, Ana Paula. **Antonio Joaquim Dias: Uma figura polêmica**. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura em História. Pelotas: UFPel, 2002, p.22.

### 3.2.1 Atuação profissional

Iremos começar pela trajetória de Antônio Joaquim Dias a frente do jornal literário *A Arcádia*, que assim como o jornal *Artista*, foram os primeiros veículos de comunicação que Dias fundou, no final da década de 1860.

Desde cedo, Joaquim Dias se portou a favor do progresso e do maior conhecimento literário da humanidade, como demonstra uma publicação sua no *A Arcádia*, datada de 1868, sob o título de Panteão Literário. No texto, Antônio destaca a criação de um clube literário em Porto Alegre, denominado Panteão Literário, mencionando que a “ideia é nobre e sublime” e incentivando os membros para não dar importância diante dos críticos e das dificuldades:

Desprezando os maldizentes críticos desapiedados, transpondo as barreiras do ignorantismo, eis essa mocidade estudiosa, esperanças da província, unindo-se num só recinto, a mesma influência, para tornar-se forte, vencer, e à sombra dos lauréis da vitória, adquirir um renome na posteridade. Avante! Avante sempre, mancebos. – No presente, o trabalho. No porvir, a glória. (*A ARCÁDIA*, 1868, p.153-154).

Na citação acima, o autor menciona a “mocidade estudiosa”, da qual muito provavelmente ele próprio julgava fazer parte. No final do texto, Joaquim Dias parabeniza os fundadores do Panteão Literário e se solidariza com os seus membros, proferindo as palavras coragem e trabalho.

Ao mudar-se para a cidade de Pelotas, Antônio Joaquim Dias, fundou a sua primeira folha diária, sob a denominação de '*Jornal do Comércio*'. Segundo o *Correio Mercantil*, em texto publicado logo após a morte de Antônio Joaquim Dias e, portanto sob forte apelo emocional e nada imparcial, o *Jornal do Comércio* teria sustentado “lutas medonhas, sangrentas, não só com colegas desta cidade como com colegas de Rio Grande, encontrou embaraços por todos os lados, viu-se rodeado de ódios encarniçados, que o pretenderam, às vezes, até, levar aos tribunais”<sup>67</sup>, porém, a acolhida pelos leitores teria sido positiva.

O *Jornal do Comércio* funcionou por poucos anos. Após vendê-lo para o Sr. Arthur Lara Ulrich sob a promessa de que não abriria outro jornal na cidade, em 1º de janeiro de 1875, Antônio fundou o seu último e mais exitoso jornal, o *Correio*

---

<sup>67</sup> *Correio Mercantil*, 10 de março de 1892.

*Mercantil*, contrariando a palavra que havia dado para o Sr. Ulrich. O *Correio* foi um “jornal republicano e abolicionista, mas sempre com posições moderadas e conservadoras” (CALDERAN, 2002, p.14).

Antônio Joaquim Dias também teve o seu nome associado a uma série de polêmicas, situações constrangedoras e acusações enquanto residia em Pelotas e estava à frente do *Correio Mercantil*, como por exemplo: acusações de vender defesas que eram publicadas no *Correio Mercantil* beneficiando assassinos de um escravo; a introdução de moedas falsas na cidade e o roubo de um bilhete premiado da loteria (AL-ALAM, 2002).

O periódico ilustrado o *Cabron* acusou Antônio Joaquim Dias<sup>68</sup> de ter sido “um dos algozes responsáveis pelo assassinato” (GONÇALVES, 2013, p.8) do escravo Jerônimo no ano de 1881, na charqueada de Paulino Leite. Conforme Mariana Gonçalves:

Dias não estava envolvido no crime, contudo foi considerado um dos algozes devido a defesa dos verdadeiros idealizadores – atuando como porta-voz dos acusados – ocultando a verdade, promovendo uma mentira e persuadindo os leitores. Além disso, segundo o *Cabron*, Dias recebia para defender os mandantes do caso. (GONÇALVES, 2008, p. 8).

Não sabemos se de fato Joaquim Dias recebeu para defender Paulino Leite e seu irmão Antonio Leite. Ao fim do processo, como era de se esperar, numa sociedade escravista, somente o capataz da fazenda, Manoel Pedro de Oliveira e outros três escravos, Antonio, Marcelino e Casimiro são condenados e presos. Aos “senhores” Antonio e Paulino nada aconteceu.

Outra acusação que Dias sofreu envolveu um simples padeiro e um bilhete premiado da loteria da Província. Segundo CALDERAN (2002), o padeiro teria entregado o bilhete para Dias, com a promessa de receber o dinheiro do prêmio, que nunca foi entregue por Joaquim Dias.

Excetuando as acusações que não podem ser confirmadas ou negadas, Dias contribuiu de forma proativa exercendo o ofício de jornalista em Rio Grande e Pelotas, muitas vezes despertando a ira de outros jornais, por motivos diversos,

---

<sup>68</sup> Antônio Joaquim Dias recebeu o nada agradável apelido de Mondongueiro pelos editores da folha ilustrada o *Cabron*. Fonte: GONÇALVES, Mariana Couto. A Princesa do Sul de Bernardo e Gerônimo: A Pelotas escravista a partir de crônicas e folhetins. **6º Encontro Escravidão e Liberdade**. Florianópolis: UFSC, maio de 2013, p.12.

entre eles a disputa por clientes, por espaço político, etc. Outro fato que incomodava a concorrência, dizia respeito ao fato de Antônio ser estrangeiro, como menciona Calderan:

O fato de Dias ser estrangeiro causou-lhe alguns aborrecimentos, pois os jornais de oposição, principalmente o Diário de Pelotas acusaram o Correio Mercantil de funcionar ilegalmente, de não ter editor, pedindo providências ao promotor público da comarca dizendo que este jornal a tudo e a todos atacava, insultava e injuriava, sejam instituições; indivíduos, partidos políticos, religiões, etc, mas que, no entanto, ninguém poderia responder por ele perante os tribunais do país. (CALDERAN, 2002, p.18).

A vida profissional de Joaquim Dias não esteve atrelada somente ao mundo da imprensa, nas palavras de Santos (2017), “A.J.Dias também foi um visionário como empresário”. No ano de 1884, ele recebeu autorização para explorar linhas telefônicas entre o centro da cidade até o armazém da Companhia São Pedro, situado na região do Porto. Essa nova atividade, possibilitou lucros significativos a Antônio Joaquim Dias. Conforme Santos (2017), as linhas telefônicas possibilitaram aos empresários agilidade na informação a cerca da movimentação portuária, “como a chegada de navios e de mercadorias, e pagavam 200 réis por recado enviado”. Segundo o autor, em 1886, dois anos após Joaquim Dias ter começado a explorar as linhas telefônicas na cidade, a paisagem começou a se alterar devido à introdução do cabeamento telefônico, “passando pelos telhados de algumas casas, com a montagem de uma central telefônica, pioneira no Estado” (SANTOS, 2017, p.61). Esses novos ganhos financeiros, além de trazer maior notabilidade à figura de Dias, certamente o ajudaram a custear as despesas da sua filha, que iniciou a faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, coincidentemente, no ano de 1886.

Por mais que os jornais que questionavam ou atacavam Joaquim Dias estivessem com a razão em algumas acusações ou argumentos, não podemos ser ingênuos e desprezar a existência de interesses, os mais diversos que permeavam as publicações dos periódicos, que por ventura quisessem prejudicar de alguma forma a figura de Antônio Joaquim Dias. Era difícil exercer atividades jornalísticas no Brasil imperial sem cair nas redes de interesses políticos que permeavam a imprensa da época. Além do mais, as publicações dos periódicos podiam mexer com a vida pública das pessoas, afetando sua reputação tanto para o bem quanto para o

mal, gerando descontentamentos. Um processo-crime datado de 18 de janeiro de 1888, revela como tais situações podiam ultrapassar os limites da boa convivência. Na ocasião, ao meio dia daquela data, Antônio Joaquim Dias encontrava-se acendendo um cigarro na rua Voluntários da Pátria, quando Antônio Batista Pereira acertou-lhe uma paulada na cabeça, seguida de vários outros golpes. Interrogadas as partes, descobriu-se que o motivo da agressão foi o *Correio Mercantil* ter publicado, dias antes, uma notícia de que Batista Pereira não tinha capacidade para administrar os correios da cidade<sup>69</sup>.

Portanto, enquanto jornalista, Dias era um homem público capaz de mobilizar alianças pessoais ao preço de gerar inimizades. Sendo um indivíduo de origem social modesta, soube manipular tais regras sociais e políticas e, a forma como investiu no estudo dos filhos, denota certo desejo de ascensão social, mesmo que geracional. Neste sentido, a caridade pode ter servido como uma forma de acessar tais mecanismos, diminuindo os obstáculos colocados àqueles que vinham “debaixo” e possibilitando o ganho de um maior prestígio no interior de uma prática social na qual as elites da cidade detinham certa proeminência. É disso que tratemos a seguir.

### **3.2.2 Atuação Caritativa**

Antônio Joaquim Dias pode ser considerado um dos maiores benfeitores de Pelotas no final do século XIX. Embora não possuísse sobrenome tradicional e nem as riquezas da elite local, Dias possuía uma boa oratória e uma ferramenta de largo alcance em suas mãos, o jornal *Correio Mercantil*. O jornal começou a circular em 1º de janeiro de 1875, e logo em sua 3ª edição, já continha um texto de Antônio, incentivando e expondo a necessidade de criação de uma Biblioteca Pública. Dizia o texto:

---

<sup>69</sup> Processo-crime, n. 1353, Pelotas, Tribunal do Juri, Caixa 006.347 (APERS).

A fundação de uma biblioteca pública nesta cidade, é uma verdadeira necessidade. – Não temos um bom gabinete de leitura, nem uma sociedade literária, nem uma escola onde a mocidade adulta aprenda os conhecimentos exigidos pela rigorosa civilização da atualidade [...] E as classes desprotegidas, os pobres que não podem comprar bons livros – ou privam-se do alimento intelectual, ou limitam-se á leitura dos manuais e catecismos. Entretanto, a instrução do povo é a primeira garantia do aperfeiçoamento social e a base indispensável á sua tranquilidade. Sem instrução, não há progresso nem civilização, nem liberdade possível. A cidade de Pelotas, contando com uma população superior a 16.000 almas, postada na vanguarda do progresso material rio-grandense, precisa, além das comodidades e riquezas físicas que possuem alguma coisa que a coloque pelo menos em paralelo com as outras principais cidades da província. – Precisa de uma biblioteca pública. (*Correio Mercantil*, 3 de janeiro de 1875 apud Anais da Biblioteca Pública Pelotense).

O autor também mencionou sobre os prejuízos que a privação aos livros traria para a população carente e fez uma crítica discreta a religião, ao falar da leitura do catecismo. Por fim, Joaquim Dias escreve que, sem instrução não há progresso e nem civilização e afirma que Pelotas precisa de uma Biblioteca Pública para equiparar-se a outras grandes cidades da Província.

De acordo com Corrêa (2008), a instalação da Biblioteca possui relação com a prosperidade econômica vivenciada por Pelotas ao final do século XIX, haja vista que foram os recursos dos cidadãos pelotenses que bancaram a referida Instituição. As colocações de Gomes (1983) corroboram nesse sentido:

As bibliotecas florescem geralmente em sociedades em que prevalece a prosperidade econômica, em que a população é estável e instruída [...] Estas conclusões demonstram a estreita relação que há entre a biblioteca e evolução sociocultural. Dependendo da forma como se estrutura a sociedade, as variáveis apresentadas atuam em maior ou menor grau de intensidade. Torna-se também evidente o caráter elitista que predomina na história da biblioteca como agência social, não só a nível de sociedade como a nível de indivíduos. (GOMES, 1983, p.14 apud CORRÊA, 2008, p.19).

Segundo Corrêa (2008), no transcorrer do ano de 1875, as laudas do *Correio Mercantil* registravam com frequência os discursos e apelos em favor da criação da Biblioteca Pública, porém o poder público nunca se sensibilizou com a causa. Por conta disso, “diante dessa situação, a imprensa mudou de estratégia, conclamando a sociedade a participar da fundação da biblioteca: (CORRÊA, 2008, p.19)

[...]e assim em meados de outubro o teor das notícias mudou. Tanto o jornal *Correio Mercantil* como o jornal do Comércio começaram a estimular a ideia de fundar uma Biblioteca Pública, nesse momento não mais apelando aos poderes públicos, como fizeram, como fizeram ao longo do ano, mas estimulando a iniciativa privada para que concretizasse a ideia. A mocidade, vinculada pela união, é forte, cumpre-lhe pois meter ombros ao grande comedimento, escreveu o *Jornal do Comércio* em 09/11/1875. (PERES, 1995, p.82 apud CORRÊA, 2008, p. 19-20).

Em 14 de novembro de 1875, os apelos do periódico *Correio Mercantil* e de outros veículos impressos da cidade dão resultado, como podemos verificar na Ata de Fundação da Biblioteca Pública Pelotense:

Aos 14 de novembro de 1875, achando-se reunidas várias pessoas nos salões da Sociedade Terpsychore<sup>70</sup>, a convite da imprensa desta cidade, a fim de tratar da fundação de uma biblioteca pública, o Sr. Antônio Joaquim Dias pediu permissão para dizer algumas palavras e como órgão das pessoas ali reunidas, indicou para que ocupasse o lugar de presidente o Ilmo. Sr. José Vieira da Cunha, o que foi geralmente aprovado [...] Exposto o motivo da reunião pelo Sr. Presidente, usou da palavra o Sr. F. de P. Ipirapuitam Ourique, pedindo explicações sobre o fim da reunião, ao que responderam os SRS. Afonso Alves, Arnizaut Furtado, Arruda, Antônio Joaquim Dias e Artur Ulrich[...]Terminando este incidente, o Sr. Arruda pronunciou uma alocução análoga ao ato, propondo para se colocar duas listas, em uma das que se inscrevessem como sócios os que o assim quisesse sê-lo, e na outra os que desejassem concorrer com donativos, o que levou-se a efeito, inscrevendo-se na primeira os senhores Joaquim Marques de Oliveira, Francisco de Paula Ipirapuitam Ourique, Antônio Joaquim Dias[...] Em segunda lista, os SRS.: José Vieira da Cunha .....50 volumes [...]Antônio Joaquim Dias .....10 volumes[...]Resolveram, mais, que fossem considerados sócios fundadores as pessoas inscritas, assim como que se dirigisse em nome da assembleia geral um agradecimento ao Sr. Barão da Graça pela oferta espontânea de uma de suas propriedades para nela funcionar a Biblioteca Pública Pelotense[...] Sala da Sociedade Terpsychore em Pelotas, 14 de novembro de 1875. Saturnino Epaminondas de Arruda, Antônio José R. Araújo, Carlos Pinto” (ETCHEVERRY, José Vieira. Biblioteca Pública Pelotense. Cadernos de Pelotas. Pelotas, n. 23, 1995, p.1-3).

A Ata de Fundação nos fornece importantes informações sobre os acontecimentos e personagens envolvidos em prol da edificação de uma Biblioteca Pública em Pelotas, e nela percebemos que Antônio Joaquim Dias foi um dos sujeitos protagonistas desse processo. De imediato, ele proferiu algumas palavras e

---

<sup>70</sup> A Sociedade Terpsychore era “formada por intelectuais interessados no progresso de Pelotas, que organizavam bailes e festividades, nas antigas dependências do Hotel Universo, um sobrado de propriedade do Visconde da Graça, localizado na esquina das ruas Anchieta e General Neto”. (SANTOS, 2017, p.17).

sugeriu o nome do Sr. José Vieira da Cunha para presidir a reunião, o que foi aceito pelos demais. No decorrer do encontro, foram elaboradas duas listas, a pedido do Sr. Arruda, uma contendo o nome daqueles que desejavam ser sócios da Instituição<sup>71</sup> e outra lista com os nomes daqueles que desejavam fazer donativos de livros, o nome de Antônio Joaquim Dias, consta nas duas listas. Antes do término da reunião, ficou decidido que as pessoas que colocaram os seus nomes na lista de sócios, seriam consideradas sócios fundadores e também que se fizesse em nome da Assembleia um agradecimento especial para o Visconde da Graça<sup>72</sup>, por este ter cedido de forma espontânea um prédio<sup>73</sup>, para o funcionamento da Biblioteca Pública Pelotense<sup>74</sup>. Segundo Santos (2017), o ato generoso do Visconde foi estimado pelo *Jornal do Commercio* em 1:200\$ (um conto e duzentos mil réis).

Conforme Santos (2017), na data de 28 de novembro de 1875, ocorreu uma assembleia geral, com o proposito de discutir os estatutos elaborados por Saturnino de Arruda, um dos pontos do documento era definir as categorias de sócios, que foram divididas em três: efetivos, honorários e beneméritos. “Os primeiros pagariam 5\$ (cinco réis) de joia e 1\$ mensal. Os últimos receberiam a honraria por serviços relevantes ou mesmo por aportes financeiros e ainda poderiam ganhar um busto ou retrato nos salões da Bibliotheca”. (SANTOS, 2017, p.18). No ano seguinte, a solicitação de donativos, continua a ser um importante instrumento utilizado pela diretoria e pelos jornais, dessa vez o apelo é direcionado para a doação de livros.

---

<sup>71</sup> De acordo com Santos (2017), cem pessoas estiveram presentes na reunião, porém, somente 41 delas assinaram a lista de sócios da instituição.

<sup>72</sup> Embora o Visconde da Graça não tenha participado da reunião de fundação da Biblioteca Pública, seu nome foi incluído na lista de fundadores da Instituição, em virtude da generosa ação que realizou em prol da Biblioteca.

<sup>73</sup> Prédio situado na Rua General Vitoriano (atual Rua Anchieta) esquina da Rua General Neto, local que até meados de 2016 abrigou a Secretaria Municipal de Educação de Pelotas. Fonte: ETCHEVERRY, José Vieira. Biblioteca Pública Pelotense. Cadernos de Pelotas. Pelotas, n. 23, 1995, p.3.

<sup>74</sup> A primeira Diretoria da Biblioteca teve a composição dos seguintes nomes: Presidente – José Vieira da Cunha; Vice-Presidente – Saturnino Epaminondas de Arruda; Secretário – Carlos Pinto e Tesoureiro – Antônio José R. Araujo. Fonte: ETCHEVERRY, José Vieira. Biblioteca Pública Pelotense. Cadernos de Pelotas. Pelotas, n. 23, 1995, p.4.

#### BIBLIOTHECA PÚBLICA

De ordem da directoria provisória rogo ás pessoas que contribuam com livros para este estabelecimento, bem como áquelas que queiram concorrer, no mesmo sentido, o obsequio de mandar entregar desde já no edifício da mesma Bibliotheca, rua da Igreja esquina da General Neto (onde esteve o Hotel Universo), ou em casa do bibliothecario, em frente á praça do Commercio n.88, afim de, quanto antes, proceder-se à instalação desse sociedade. Carlos Pinto, secretario. (Correio Mercantil, 27 de janeiro de 1876 apud CORRÊA, 2008, p.20).

Ao longo do ano de 1876, a Biblioteca Pública recebeu inúmeras doações de livros<sup>75</sup>. Doações que certamente contribuíram de maneira significativa para a instalação da Biblioteca. A inauguração da Biblioteca Pública Pelotense ocorreu na data de 5 de março de 1876, “um domingo, às 11h, no andar térreo do prédio do antigo Hotel Universo, que estava todo enfeitado. A instituição já contava com 600 volumes e mobiliário próprio”. (SANTOS, 2017, p.18-21).

Embora a inauguração da Biblioteca tenha ocorrido em março de 1876, somente no ano de 1878 é adquirido o terreno, e se dá início a construção do prédio próprio, local onde a Biblioteca encontra-se até os dias atuais, em frente à Praça Coronel Pedro Osório, ao lado da Prefeitura Municipal. A construção da sede só foi possível graças a múltiplas doações e sob as mais variadas formas. No mês de setembro daquele ano iniciaram-se as escavações no terreno e a pedra fundamental fora colocada numa data simbólica para a nação, 7 de setembro, sendo escolhidos para tal gesto: Visconde da Graça e Saturnino de Arruda (Presidente), juntamente com a pedra fundamental, foram colocados exemplares dos periódicos *Correio Mercantil*, *Diário de Pelotas*, *Jornal do Commercio* e *Onze de Junho*. “E, na lápide, foi colocada uma lâmina de cobre feita pelo artista Aurélio Seixas Jr., com a inscrição: BIBLIOTHECA PÚBLICA PELOTENSE – FUNDADA EM 1878 – IMPÉRIO DO BRAZIL – PROVÍNCIA DE S. PEDRO DO SUL – CIDADE DE PELOTAS”. (SANTOS, 2017, p.34).

Joaquim Dias, embora tenha tentado, nunca conseguiu ser Presidente da

---

<sup>75</sup> Entre janeiro e setembro de 1876, a Biblioteca Pública, recebeu 1620 doações de livros. Fonte: CORRÊA, Vivian Anghinoni Cardoso. “**Uma dádiva da Biblioteca Pública Pelotense aos seus leitores de um palmo e meio**”: a Seção Infantil Erico Verissimo (1945-1958). Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008, p.20.

Biblioteca<sup>76</sup>, o cargo mais próximo que chegou foi Vice-Presidente em 1878. Antes de ser Vice-Presidente participou da 2ª e 3ª Diretoria, ocupando o cargo de Diretor (ETCHEVERRY, 1995). Pela dedicação em prol da Biblioteca Pública, Antônio Joaquim Dias recebeu algumas homenagens, entre as principais estão: Os Votos de Louvor, honraria que recebeu três vezes (16/03/1876), (09/08/1876) e (22/12/1876) e o título de Sócio Benemérito, no ano de 1884, distinção que era concedida, somente para os sujeitos que tivessem prestado relevantes serviços e valiosas contribuições à Biblioteca. (ETCHEVERRY, 1995). Após ser considerado Sócio Benemérito, Dias recebeu uma grande homenagem, um retrato.

---

<sup>76</sup> Em 1879, Antônio envolveu-se num conflito na Biblioteca Pública, almejava ele se tornar o próximo presidente da Instituição, para isso tentou a aprovação de 45 novos sócios, que votariam nele. Mas, um grupo, denominado “grupo dos oito” vetou a inscrição desses novos sócios e ainda apresentou outra chapa contrária a Joaquim Dias, que se sagrou vencedora, extinguindo com a esperança de Dias se tornar Presidente da Biblioteca. Fonte: CALDERAN, Ana Paula. **Antonio Joaquim Dias**: Uma figura polêmica. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura em História. Pelotas: UFPel, 2002, p.15.

Figura 3.12: Retrato de Antônio Joaquim Dias<sup>77</sup>. Grande Benemérito da Biblioteca Pública Pelotense



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017. Acervo BPP.

É interessante ressaltar este interesse de Dias pelo fomento à educação e pela criação de uma biblioteca na cidade. Pelotas possuía uma elite ciosa de sua cultura letrada e das influências europeias que se encontravam no auge. Ao apostar nesse tipo de investimento, Dias estava articulando elementos estimados pelos homens mais ricos da urbe. Conforme Vargas (2016), os charqueadores tinham grande apreço na formação educacional de seus filhos e filhas, patrocinando eventos, doando livros às bibliotecas, contratando professores de música, pintura e línguas estrangeiras, reunindo, em suas famílias, os pouco privilegiados que compartilhavam da alta cultura na cidade. Neste sentido, participando desses

---

<sup>77</sup> A obra é assinada por Izabel Almeida.

círculos, Dias se aproximava deles.

Outra instituição da qual Antônio Joaquim Dias foi idealizador e sócio fundador foi o Asilo de Mendigos de Pelotas, estabelecimento assistencial do qual foi o primeiro presidente e também o primeiro a ser homenageado com o título de Sócio Grande Benfeitor. Na composição da primeira diretoria do Asilo de Mendigos, Joaquim Dias teve ao seu lado os seguintes nomes: José Ferreira Alves Guimarães – Vice-Presidente; Cel. Luiz Carlos Massot – Secretário Geral; Antonio Francisco da Rocha – Tesoureiro e os senhores Domingos Fernandes da Rocha, Joaquim Francisco Meireles Leite e Adolfo Rezende no cargo de Diretores<sup>78</sup>.

Por tudo que fez pelo Asilo de Mendigos, há no jardim e no salão de honra, honrarias que foram concedidas a Antônio Joaquim Dias. No Asilo, as homenagens que recebeu foram concedidas após sua morte. Ao adentrar no belíssimo Salão de Honra do Asilo de Mendigos, entre tantos quadros de benfeitores (as) que dão um significado tão simbólico ao espaço, há dois quadros que chamam mais a atenção do observador, um é do Visconde da Graça, e o outro é do jornalista Antônio Joaquim Dias. Estas duas obras se destacam, pois são as únicas que possuem dimensões distintas das demais, contemplando não só o rosto, mas o corpo inteiro do retratado.

Ainda que de forma póstuma, Antônio Joaquim Dias foi o primeiro nome agraciado como Grande Benfeitor (05/02/1893) do Asilo de Mendigos, e mais tarde, em 5 de setembro de 1897 (SANTOS, 2017, p.59) foi homenageado com um belo quadro de grandes proporções, alocado na parede frontal do Salão de Honra, a esquerda de quem adentra no recinto.

---

<sup>78</sup> HISTÓRICO do Asilo de Mendigos de Pelotas – 1882 a 1935. Pelotas: A Universal, 1936, p.20.

Figura 3.13: Pintura de Antônio Joaquim Dias, 1º Presidente e Sócio Grande Benfeitor do Asilo de Mendigos de Pelotas



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017. Salão de Honra do Asilo de Mendigos de Pelotas.

No quadro, Antônio é retratado com a expressão séria, seus olhos não olham diretamente para o observador, suas vestes são escuras e ele é retratado com a mão direita sobre um objeto, que parece ser um suporte.

Outra honraria prestada a Antônio Joaquim Dias encontra-se no pátio do Asilo, estamos falando do monumento em homenagem a Joaquim Dias que foi erguido por iniciativa da imprensa local, “a ideia foi encabeçada pelo *Diário Popular*, através do seu redator, capitão Rodrigues de Souza, que fez uma campanha para arrecadar os recursos para a construção da coluna” (SANTOS, 2017, p.55). Em março de 1906, o jornal *A Federação*, publicava um texto a respeito: “Deve inaugurar no dia 21 de abril, em Pelotas, o monumento erguido em Honra ao

jornalista A. J. Dias. O monumento ficará no pátio do Asilo de Mendigos e será orador da solenidade o Dr. Augusto Simões Lopes<sup>79</sup>. Portanto, por meio da caridade, Dias parece aproximar-se cada vez mais do círculo da elite local – no caso, aqui, representado por um dos membros da notável família Simões Lopes, presente em todos os círculos caros às elites da época.

Figura 3.14: Monumento erguido em homenagem a Antônio Joaquim Dias



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017. Jardim do Asilo de Mendigos.

No monumento há três identificações: na parte inferior está escrito o nome de Antônio Joaquim Dias sobre uma folha aberta, que muito provável seja a

---

<sup>79</sup> *A Federação*, 6 de março de 1906

representação de uma folha de jornal. Logo acima desta, há a imagem de um grande livro fechado e sobre este se encontra representado um recipiente com tinta e duas canetas feitas de pena, um pequeno livro aberto e a representação de um jornal fechado e dobrado, na qual está escrito: “*Correio Mercantil*”. Do outro lado do monumento encontramos a seguinte frase: “Monumento erigido por iniciativa da imprensa local 24-6-908”. Com base nessa última informação, podemos concluir que o “Monumento Antônio Joaquim Dias” foi inaugurado só em 24/06/1908 e não em 21/04/1906 que era a previsão inicial, publicada pelo jornal *A Federação*.

Além do reconhecimento e distinções como Grande Benfeitor do Asilo de Mendigos e da Biblioteca Pública Pelotense, Antônio Joaquim Dias recebeu em vida, outros diplomas, distinções e honrarias. Entre os principais estão: Protetor da Sociedade Musical União; Sócio efetivo da Associação Emancipadora Clube Abolicionista; Medalha de ouro na Exposição Alemã-Brasileira, realizada em Porto Alegre, em novembro de 1881; Sócio Benemérito da Sociedade Portuguesa de Beneficência; Sócio Protetor da Associação Musical Apolo; Sócio Honorário do Clube Carnavalesco Demócrito (ETCHEVERRY, 1995, p.58). Portanto, estamos diante de um homem que não economizava tempo para estender suas redes relacionais na busca de ampliar seus capitais sociais nos mais distintos espaços e círculos de sociabilidade locais.

No entanto, como afirma Calderan (2002), a trajetória de vida e de trabalho de Antônio Joaquim Dias parece ter recebido maior reconhecimento após o seu falecimento<sup>80</sup>.

Este personagem parece ter recebido maior reconhecimento após a sua morte, quando a direção do jornal fica para seu filho César Dias, que vai dar destaque às obras realizadas por seu pai. Dias passa a ser visto como um benfeitor, pois foi responsável por inúmeras melhorias em Pelotas, preocupando-se com a instrução pública e com o desenvolvimento e progresso da cidade em vários aspectos. A imagem que prevaleceu de Dias como um grande colaborador para a sociedade pelotense, é mostrada até nos dias de hoje, como prova o reconhecimento pelo seu trabalho pela Academia Pelotense de Letras fundada em 05 de junho de 1999, que tem Antonio Joaquim Dias como patrono da cadeira 28[...] por outro lado, Dias

---

<sup>80</sup>Após sua morte, Joaquim Dias recebeu outras homenagens, entre as principais, estão: A denominação de Rua Antônio Joaquim Dias à antiga Rua nº 4, localizada no bairro Areal, proposição aprovada pela Câmara Municipal de Pelotas, em 29 de abril de 1975. Na cidade de Pelotas há também uma escola, localizada no bairro Fragata, com o seu nome, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Joaquim Dias.

tinha comportamentos que não condiziam com esta imagem e tinha passado fora dos padrões clássicos da elite. Provavelmente tenha enfrentado tanta resistência por ser oriundo da classe proletária, por ser tipógrafo, profissão não muito reconhecida na época, além de ter ideias inovadoras e de manter certa independência em relação aos partidos políticos. (CALDERAN, 2002, p.23-24).

Antônio Joaquim Dias parece ter sido um sujeito que nunca se enquadrou em grupo algum, alguém difícil de rotular, que devido à sua infância pobre, buscou agarrar todas as oportunidades de ascender financeiramente e socialmente. Agora, é inegável a sua contribuição como benfeitor de várias instituições e associações, sendo o Asilo de Mendigos e a Biblioteca Pública, as principais. Mesmo que tenha usado as páginas do *Correio Mercantil* para fins, muitas vezes polêmicos e com pretensão de promoção social, ainda assim, as referidas instituições foram gestadas nas páginas do *Mercantil*. Sua trajetória nos ajuda a perceber o quanto a caridade necessitava da imprensa para se afirmar e se tornar pública e o quanto os agentes que controlavam parte dessa imprensa podiam usar de tais práticas para o seu próprio benefício. Contudo, ao contrário de outros sujeitos que fizeram muito em prol das instituições da Princesa do Sul, Joaquim Dias não era brasileiro e não pertencia a elite local, o que provavelmente tenha provocado o fechamento de muitas oportunidades e gerado preconceito. A caridade, podemos dizer, foi uma ferramenta utilizada por ele, com o propósito de superar vários obstáculos e se inserir no seio da elite pelotense, criando assim para si e para sua família privilégios, distinções e reconhecimento social.

### **3.3 Edmundo Berchon des Essarts**

O médico Edmundo Berchon foi um sujeito de sucesso profissional e também um grande benfeitor. Berchon não se enquadra no típico perfil da elite pelotense oitocentista, mas, também está distante de ser um “Antônio Joaquim Dias”. O Dr. Edmundo nasceu no seio de uma família de origem francesa, com posses, e se destacou exercendo a profissão de médico em Pelotas, no Rio de Janeiro e até no Velho Continente.

Edmundo nasceu na cidade de São Gabriel em 1º de maio de 1864, veio cedo para Pelotas, aos 10 anos de idade, em virtude do falecimento de seu pai. Estudou

no colégio de Carlos André Laquintini, denotando que talvez houvesse uma rede de solidariedade importante no interior da pequena comunidade francesa que residia em Pelotas. Depois disso, continuou os estudos em Porto Alegre, e por fim, foi estudar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde ficou até o 5º ano do curso, vindo a concluir os estudos na Faculdade da Bahia. Berchon se destacou na área médica desde cedo, pois seu trabalho final na academia versava sobre o câncer, ainda pouco estudado na época.

O Dr. Edmundo Berchon casou-se em 1893 com Antonia de Castro Chaves, filha do Dr. Antonio José Gonçalves Chaves Filho e neta do charqueador José Gonçalves Chaves<sup>81</sup>. Utilizando a expressão de Jonas Vargas (2013), esse pode ser considerado um casamento “intra-elite” (VARGAS, 2013, p.412), que beneficiava as duas famílias. Contudo, é inegável que ao contrário dos Berchon, os Gonçalves Chaves estavam mais bem estabelecidos na cidade enquanto “aristocracia” local, pois estiveram entre as 10 maiores fortunas do charque na época, além de atuarem na política provincial há muito mais tempo. Assim sendo, o matrimônio não deixava de ser um importante passo dado por Berchon em direção ao topo da elite local. Edmundo Berchon Des Essarts faleceu aos 77 anos de idade, no dia 14 de março de 1942.

### **3.3.1 Atuação profissional**

Berchon iniciou a carreira de médico, efetivamente, na cidade do Rio de Janeiro, lá foi chefe da Policlínica. Após o 1º emprego, foi se capacitar na França, onde teve aula com os Senhores Richelot; Fournier; Potain; Lucas Champisière e Guyon.

Após os estudos na Europa, o Dr. Edmundo foi nomeado médico cirurgião da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, tendo se ausentado durante um período

---

<sup>81</sup> Antonio José Gonçalves Chaves era “Natural da comarca de Chaves, em Portugal, estima-se que ele tenha nascido por volta de 1790 e chegado ao Brasil, em 1805, vindo a estabelecer-se no porto de Rio Grande, onde trabalhou inicialmente como caixeiro. Desembarcando num momento favorável para os negócios do charque e dos couros com o Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, Chaves aparentou-se por meio do matrimônio e do compadrio com uma das principais famílias da terra, vindo a tornar-se um dos comerciantes-charqueadores mais respeitados da região. O enriquecimento levou-o à política. Em 1828, ele ocupou uma cadeira no conselho administrativo da Província, em 1832, foi eleito vereador em Pelotas e, em 1835, tornou-se deputado provincial” (VARGAS, 2013, p.263).

para representar o Brasil no Congresso Médico de Roma, no ano de 1894. Quando voltou a Pelotas, ele reassumiu o seu trabalho na Santa Casa, onde acabou por formar, juntamente com outros dois médicos, o grupo dos pioneiros da cirurgia moderna no Rio Grande do Sul. Na Santa Casa, foi por muito tempo diretor do serviço de cirurgia, que contemplava as seguintes seções: clínica cirúrgica, clínica ginecológica, clínica obstétrica, clínica cirúrgica geral de homens, clínica cirúrgica geral de mulheres (PIMENTEL, 1940, p.121-122).

O Almanaque de Pelotas do ano de 1917 nos trás maiores informações sobre o ingresso do Dr. Berchon na Santa Casa de Misericórdia:

Em 1890 entrou efetivamente a prestar os seus auxílios profissionais o Dr. Edmundo Berchon des Essarts, que, já no ano anterior, havia prestado seus serviços interinamente. Em sessão da Mesa, realizada a 31 de março de 1890, foi o mesmo eleito médico efetivo. De acordo com os seus colegas, tomou ele conta das Enfermarias de Cirurgia. A entrada do Dr. Edmundo Berchon para o corpo médico do nosso hospital marca um início verdadeiramente lisonjeiro para a nossa cidade e para a boa e exemplar orientação hospitalar. Realmente, data dali o impulso recebido pela cirurgia moderna e pela remodelação dos demais serviços, para o que concorreu grandemente o Dr. Berchon com a sua reconhecida competência profissional, aumentada pelas suas viagens de estudos ao velho continente e por ter sabido chamar ao hospital outros ilustrados colegas que cooperaram, como fortes elementos, para elevar o bom nome de que justamente hoje desfruta a Santa Casa no conceito público e profissional. (ALMANAQUE DE PELOTAS, ANO: 1917 p.178).

Segundo o Almanaque, o Dr. Edmundo ingressou de forma efetiva como médico da Misericórdia de Pelotas na data de 31 de março de 1890. Berchon foi o 1º médico a introduzir no estado do Rio Grande do Sul um tipo de vacina, chamada de “Generiana”. Indo além, criou as suas custas um Instituto de Vacina para distribuição gratuita aos que necessitavam, mais tarde fora firmado um contrato com o governo do estado para ampliação do fornecimento de vacinas<sup>82</sup>. Edmundo Berchon foi também o primeiro profissional médico a introduzir o uso do equipamento de RX no Rio Grande do Sul.

Saindo da área médica, indo para a agrícola, Edmundo Berchon foi também um grande fazendeiro<sup>83</sup>. Constituindo-se no maior proprietário da zona rural de Pelotas, era dono da Estância da Gruta, no Passo das Pedras e também o maior

---

<sup>82</sup> Arquivos Rio Grandenses de Medicina, p.146.

<sup>83</sup> Há na zona rural de Pelotas, mais precisamente no 3º distrito, na Colônia Osório, uma escola, denominada Escola Municipal de Ensino Fundamental Edmundo Berchon.

criador de gado Devon<sup>84</sup>. Essa pluralidade das atividades econômicas, em busca de maiores ganhos financeiros e poder econômico e político foi bastante utilizada pela elite local, desde o período do charque, quando alguns charqueadores conciliavam suas atividades com outros negócios.

Berchon também foi um dos fundadores e Vice-Presidente do Centro Médico de Pelotas, sócio da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, da Sociedade de Medicina de Porto Alegre e de Pelotas, da Sociedade Francesa de Cirurgia de Paris, da Sociedade de Cirurgia e Ortopedia de Roma, do Colégio Americano de Cirurgias dos Estados Unidos<sup>85</sup>.

Creemos que esses dados demonstram a importância do Dr. Edmundo Berchon em sua área de atuação profissional, denotando a notabilidade social que alcançara em sua época. Mas nem todo o médico destacou-se na caridade local, sendo provável que Berchon reconvertia prestígio de alguns campos de atuação para outros, o que nos exige incursionar um pouco mais na sua trajetória nas páginas a seguir.

### 3.3.2 Atuação Política

Edmundo Berchon des Essarts bem que tentou ocupar cargo eletivo, mas parece que não conseguiu transferir seu capital profissional, econômico e caritativo para o político, pois todas as vezes que colocou seu nome a disposição para concorrer a uma eleição, o resultado fora píffio.

Em 1891, um ano após ter ingressado como médico efetivo na Santa Casa, o Dr. Berchon lança seu nome para concorrer a uma das vagas ao Conselho Municipal, a época eram 6 vagas, todavia, ele obteve apenas 125 votos<sup>86</sup>. Muitos anos depois temos mais uma prova que o Dr. Berchon des Essarts não conseguia ser bem sucedido na política. Nas eleições federais, realizadas em 24 de fevereiro de 1927, Edmundo concorreu ao cargo de Senador da República, e obteve no 1º Distrito 2.702 votos, ficando em segundo lugar no Distrito, mas com um oceano de

---

<sup>84</sup> A raça Devon chegou ao Brasil em 1906, introduzida por Joaquim Francisco de Assis Brasil, na região de Pedras Altas, Rio Grande do Sul. Fonte: <http://ruralpecuaria.com.br/tecnologia-e-manejo/racas-gado-de-corte/raca-devon.html>, acesso em 23/09/2017.

<sup>85</sup> Arquivos Rio Grandenses de Medicina, p.146.

<sup>86</sup> *A Federação*, 29 de setembro de 1891.

diferença para o candidato Carlos Barbosa que alcançou o número de 40.031 votos<sup>87</sup>.

Edmundo parece ter se interessado pela política desde cedo<sup>88</sup>, porém, nunca alcançou o êxito e a projeção que teve como médico, fazendeiro e benfeitor. Tal constatação é de grande importância para a nossa análise, uma vez que ela demonstra que alguns indivíduos, por concentrarem certos capitais e distinções valorizados em sua época, conseguiam dar saltos em direção a outros espaços de atuação, mas nem todos obtinham sucesso nesse sentido. Não sabemos as condições nas quais Berchon lançou suas candidaturas, em que sintonia política estaria com o PRR ou com os coronéis locais, o que nos exigiria outra pesquisa e tempo disponível. O fato é que comparando a sua trajetória com a de Augusto Simões Lopes, percebemos o quanto este teve facilidade para ingressar no campo da política, o que certamente tenha sido facilitado pela sua origem familiar, refletindo os limites impostos àqueles que não pertenciam aos ramos das famílias mais tradicionais de Pelotas.

### 3.3.3 Atuação Caritativa

Se na política Berchon não teve um maior êxito, ele foi uma figura de destaque na caridade e no associativismo local, atuando nas mais diversas instituições e associações de Pelotas, entre as principais: Provedor da Santa Casa de Misericórdia em duas oportunidades, Presidente da Biblioteca Pública Pelotense (1911), um dos fundadores do Asilo de Mendigos, benfeitor do Asilo de Órfãos São Benedito e criador da Fundação dona Antonia Chaves Berchon des Essarts (31/07/1925).

E além de criar e atuar em instituições e associações, Edmundo realizava doações para os mais necessitados da cidade, como mostra o texto publicado pelo jornal *A Federação*: “Remetem o Dr. Edmundo Berchon o donativo de 500\$000 ao intendente, para socorros aos necessitados”<sup>89</sup> e também para a Santa Casa, conforme demonstrado pelo relatório do provedor Alberto Rosa: “Em abril de 1902,

---

<sup>87</sup> *A Federação*, 2 de abril de 1927.

<sup>88</sup> Edmundo Berchon des Essarts foi um dos fundadores do Clube Republicano Rio-Grandense. Fonte: *A Federação*, ano: 1885.

<sup>89</sup> *A Federação*, 21 de novembro de 1918.

Dr. Edmundo Berchon fez a doação de 53\$150”<sup>90</sup>.

De 1905 a 1908, Berchon ocupou o cargo de provedor da Santa Casa. Sobre a sua gestão não encontrei fontes, o que inviabiliza sabermos maiores detalhes, quais os melhoramentos que foram realizados, entre outros aspectos<sup>91</sup>.

Nas próximas páginas iremos falar sobre as homenagens concedidas ao Dr. Edmundo pela Santa Casa e pelo Asilo de Mendigos. Começamos pela placa de bronze. Sobre essa honraria, encontramos a seguinte notícia: “Ao completar 30 anos de atividade ininterrupta à Santa Casa, recebeu grandes demonstrações de carinho e gratidão da parte da sua Mesa Administrativa e do Corpo Médico, sendo por essa ocasião inaugurada, no hospital, uma belíssima placa comemorativa de bronze”. (Arquivos Rio Grandenses de Medicina, p.146). O periódico *A Federação* também destacou a honraria concedida ao Dr. Edmundo: “Será inaugurado, domingo próximo, no salão nobre da Santa Casa, às dez horas, em sessão solene, a placa comemorativa de trinta anos de efetivo serviço do cirurgião Dr. Edmundo Berchon”<sup>92</sup>.

Há também uma placa em homenagem ao Dr. Berchon que dá nome a sala da provedoria da Santa Casa:

---

<sup>90</sup> SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PELOTAS. Relatório do provedor Coronel Alberto Roberto Rosa, referente aos anos de 1901-1902.

<sup>91</sup> Durante o período dessa dissertação, o Acervo da Santa Casa de Pelotas não esteve aberto para pesquisa, inviabilizando a busca de maiores informações a respeito de sua gestão na referida Instituição.

<sup>92</sup> *A Federação*, 29 de abril de 1921.

Figura 3.15: Placa denominando a Sala da Provedoria da Santa Casa de “Gabinete Dr. Berchon”



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017. Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.

Na sala da provedoria da Santa Casa, há os quadros de todos provedores da Instituição, incluindo o quadro do Dr. Berchon e no Salão de Honra, também há um quadro seu inaugurado em 26 de fevereiro de 1900<sup>93</sup>.

---

<sup>93</sup> *A Federação*, 27 de fevereiro de 1900.

Figura 3.16: Dr. Edmundo Berchon des Essarts, Grande Benfeitor da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017. Salão de Honra da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.

O retrato de Edmundo Berchon des Essarts também está presente nos salões de honra do Instituto São Benedito e do Asilo de Mendigos. A seguir, mostraremos os quadros do Dr. Berchon, alocados nas referidas instituições:

Figura 3.17: Fotopintura de Edmundo Berchon des Essarts, Grande Benfeitor do Asilo de Mendigos



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017. Salão de Honra do Asilo de Mendigos.

Na Foto pintura acima, alocada no salão de honra do Asilo de Mendigos, Edmundo Berchon está mais velho, comparado ao quadro presente na Santa Casa e seu rosto está inclinado para a direita do observador, seu traje é composto por terno e gravata. A próxima figura do médico é muito semelhante a esta, porém, há algumas diferenças. Vejamos:

Figura 3.18: Edmundo Berchon des Essarts. Grande Benfeitor do Asilo de Órfãos São Benedito



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2016. Salão de Honra do Instituto São Benedito.

Na figura acima, o Dr. Edmundo é retratado de terno e gravata, com um lenço branco dentro do paletó e expressão facial séria, tronco e rosto inclinados para a direita do observador. Nesse quadro o retratado aparenta ter mais idade que no quadro anterior, considerando a fisionomia do rosto e brancura do bigode.

Como se dedicou por muito tempo e em diferentes funções, existe na Santa Casa mais uma homenagem ao Dr. Edmundo, é um busto, que se encontra no jardim da Instituição Médica. O busto é de 1928, mas ainda hoje, encontra-se muito

bem preservado, como podemos ver na figura 3.19:

Figura 3.19: Busto do Dr. Edmundo Berchon des Essarts



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017. Jardim da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.

Na coluna, logo abaixo do busto está escrito: “Ao grande cirurgião, Edmundo Berchon des Essarts, celebrando os contínuos e grandes serviços prestados nesta casa em quarenta anos de exemplar dedicação e proficiência. Os seus amigos e agradecidos admiradores. 31-XII-1928”.

Vejamos que são 40 anos dedicados a uma instituição, é um longo tempo, onde foi médico, provedor e benfeitor. Talvez seja por toda essa trajetória que as fontes revelam ser grandiosa, que o Dr. Edmundo tenha recebido tantas

homenagens. Ter um retrato no Salão de Honra já seria uma grande distinção para qualquer sujeito contemporâneo ao Dr. Berchon, mas, ele além de retrato, possui uma sala com o seu nome, um quadro seu nessa sala, uma placa de bronze e um busto. Quando estive na Santa Casa, não encontrei essa quantidade de honrarias para nenhum outro sujeito. Podemos dizer com tranquilidade que o Dr. Edmundo integra a lista da “elite dentro da elite”, considerando o universo particular da caridade praticada por benfeitores da Santa Casa.

Nos dias atuais, além de emprestar seu nome a uma escola da zona rural de Pelotas, há no centro da cidade de Pelotas, uma rua chamada “Doutor Edmundo Berchon”. Juntamente com o acervo material que se encontra em diversas Instituições, as homenagens mais contemporâneas servem como atestado da importância que teve Berchon para a Princesa do Sul.

Poderíamos ter contado a trajetória de outros indivíduos da elite local, ou de homens negros e mulheres que foram benfeitores e benfeitoras, não fizemos, pois nos faltaram fontes primárias. Quiçá, outros personagens da caridade pelotense, poderão ser estudados em pesquisas futuras. De todo modo, no capítulo 2, quando falamos da importância e do significado dos salões de honra e dos retratos, mencionamos alguns aspectos sobre outros benfeitores (as), vimos que no Asilo de Órfãos São Benedito havia possibilidade para o ingresso de benfeitores (as) negros ao salão de honra. Acreditamos que contemplamos o que nos propusemos a fazer, que era analisar a trajetória de sujeitos pelotenses que praticaram a caridade e a utilizaram, direta ou indiretamente, como ferramenta para ascensão e prestígio social.

Por último, cabe salientar, que cada um dos três sujeitos analisados nesse capítulo, praticaram a caridade de forma intensa e para com diversas instituições da cidade de Pelotas. Em alguns estabelecimentos, ambos deixaram sua marca, ainda que não simultaneamente, como no Asilo de Mendigos, em outros foram contemporâneos, como Simões Lopes e Berchon no Asilo de Órfãos São Benedito. Todos eles foram grandes benfeitores nas instituições que passaram, e por isso receberam muitas distinções, que se converteram em prestígio e status social, possibilitaram alianças, fomentaram a vida profissional e também ajudaram na construção da carreira política, no caso do Dr. Simões Lopes. Nesse trabalho e em especial na trajetória dos três indivíduos, não levamos em consideração as crenças

religiosas e nem a participação em outros tipos de sociedades, como a maçonaria. O que se buscou discutir refere-se à transformação do capital caritativo em capital político, econômico, social e simbólico, além da importância da tradição e dos vínculos familiares nesse meio. O nome da família Simões Lopes ajudou a abrir todas as portas para o Dr. Augusto, ao contrário do Dr. Edmundo e de Joaquim Dias, que utilizaram de meios profissionais (medicina e jornalismo) para inserirem-se com maior notabilidade no círculo das elites locais. Para o médico, que também se inseriu no círculo das elites tradicionais por meio do seu casamento, o mundo da política foi vedado. Para o jornalista, que tinha muitos inimigos na cidade, a ascensão social e a busca de prestígio foi mais difícil, estimulando-o a apostar na educação dos filhos e no investimento nos aspectos educacionais e culturais da cidade para alcançar o respeito das elites.

## Considerações Finais

De acordo com o presente trabalho, os sujeitos caritativos de Pelotas foram muitos e a maioria pertencia à elite local, e como tal, não economizavam nas boas ações que geravam visibilidade social perante a sociedade. Seja no período de auge do charque ou no de sua decadência, as doações e os gestos contributivos de cavalheiros e damas da Princesa do Sul foram essenciais para a implantação e manutenção de diversas instituições, como as citadas ao longo dessa pesquisa, que por seu turno, acabaram ajudando a construir a imagem de cidade próspera, letrada, moderna e preocupada com a saúde e a assistência aos mais necessitados, sejam crianças desvalidas ou mendigos e idosos sem amparo.

Nesse cenário de ausência dos tentáculos do Estado, nas questões referentes à saúde e assistência, a figura do benfeitor foi extremamente vital para que o alicerce e as paredes de diversas instituições de Pelotas fossem edificadas. A prática da caridade remonta a meados do século XIX, quando os benfeitores identificavam-se como charqueadores<sup>94</sup> e perpassa para as primeiras décadas do século XX, quando os agentes benfeitores se identificavam como profissionais liberais, comerciantes, industriários, entre outros. As novas elites das primeiras décadas do novecentos eram mais diversificadas economicamente, porém, assim como seus antepassados, plantavam bem as sementes da caridade para depois colher generosos frutos de prestígio e status social.

Considero que a presente pesquisa, apesar das limitações e dificuldades, foi satisfatória para entendermos como a caridade era praticada pelas elites locais de Pelotas, no período de quarenta anos (1880-1920). O presente trabalho, de nenhuma forma, teve a pretensão de esgotar todas as possibilidades metodológicas e sanar todas as perguntas a cerca da temática. Faltam pesquisas para melhor elucidar o período e a temática, outros trabalhos a cerca do tema são necessários e sempre bem-vindos.

Podemos fazer a seguinte indagação: Por que a temática da caridade, das instituições e das elites foi importante no decorrer do século XIX e ao menos até o primeiro quartel do século XX? Segundo minha ótica, porque a caridade realizada,

---

<sup>94</sup> Segundo o saudoso professor Mario Osorio Magalhães, quando em seu trabalho, fez referência aos charqueadores pelotenses do século XIX, este mencionou que “Pelotas já foi cognominada cidade da caridade” (MAGALHÃES, 2012, p.18). A prática regular da caridade por parte das elites de Pelotas perdurou nas primeiras décadas do século XX, conforme vimos no decorrer desse trabalho.

principalmente por homens e mulheres da elite para com instituições que na maioria dos casos eram dirigidas pelo mesmo grupo social, se constituiu num valioso mecanismo utilizado por esses indivíduos e também por aqueles que almejavam se aproximar do topo da pirâmide social ou adentrar nela.

No período da pesquisa (1880-1920), os benfeitores se beneficiavam da caridade, ainda que indiretamente, como instrumento de ascensão e prestígio social, esse parece ter sido o caso do português Antônio Joaquim Dias, que chegou ao Brasil com uma mão atrás e outra na frente, mas com o passar dos anos foi ascendendo economicamente e a partir de 1875 começou a incentivar a população pelotense a praticar doações em prol da Biblioteca Pública e mais tarde em favor do Asilo de Mendigos, com esses atos e através da participação na diretoria de ambas às instituições, o Sr. Joaquim Dias ampliou sua rede de contatos, tornou-se ainda mais conhecido e continuou a ascender socialmente. Já o Dr. Augusto Simões Lopes, muito provavelmente foi favorecido pelo capital simbólico e caritativo que acumulou como benfeitor e presidente de várias instituições e que mais tarde converteria em capital político. As instituições assistenciais, suas reuniões, seus salões nobres, seus eventos beneficentes também eram um espaço de sociabilidade entre as elites e frequentá-los era um hábito dessas famílias, assim como as grandes doações, que em alguns casos era hereditária, ou seja, o filho continuava a praticar, porque o pai também praticou.

Além de sociabilidade, a caridade e as instituições assistenciais podem ser vistas como espaços de disputa por visibilidade entre as elites, havia o interesse por estar no panteão de cada instituição, que era o salão nobre. Estar entre os maiores benfeitores e se diferir desses de alguma forma, era desejo de muitos, porém possibilidade para poucos. A chave de acesso ao panteão da caridade era conquistada através de muito dinheiro, ou pela doação de bens imóveis e móveis ou ainda através de serviços inestimáveis. Os sujeitos que eram a “nata” da elite local, buscavam preferencialmente ser grandes benfeitores da Santa Casa de Misericórdia, depois do Asilo de Mendigos e por último do Asilo de Órfãos São Benedito, isso demonstra que existia uma hierarquia entre as instituições assistenciais.

Para melhor dimensionarmos o quão importante era para as elites locais a prática da caridade no período estudado, basta efetuarmos um cruzamento de

dados entre os maiores benfeitores (as) da Santa Casa, Asilo de Mendigos e Asilo de Órfãs São Benedito que encontraremos alguns nomes presentes em todas as instituições ou em pelo menos duas delas. Os benfeitores Edmundo Berchon des Essarts, Augusto Simões Lopes e Francisco Simões Lopes atuaram na Santa Casa, Asilo de Mendigos e Asilo de Órfãs São Benedito, enquanto que outros benfeitores atuaram na Santa Casa e no Asilo de Mendigos: Barão de Jarau, Joaquim Augusto de Assumpção, Felix Antonio Gonçalves, Viscondessa da Graça, Baronesa de Arroio Grande, Antonio Jacobs, João Ciriaco Crespo e ainda temos o caso de Ernestina de Assumpção, benfeitora do Asilo de Mendigos e do São Benedito. Esses exemplos de pessoas que foram caridosas para com mais de uma instituição reforçam que as elites se importavam muito com a caridade, tanto que, quanto mais instituições fossem ajudadas, maior seria a demonstração de poder perante os seus pares e por consequência o reconhecimento e o prestígio social também aumentariam.

## **Anexos**

**Anexo 1: Jardim interno do Asilo de Mendigos de Pelotas**



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017.

**Anexo 2: Detalhe da fachada do Asilo de Mendigos de Pelotas**



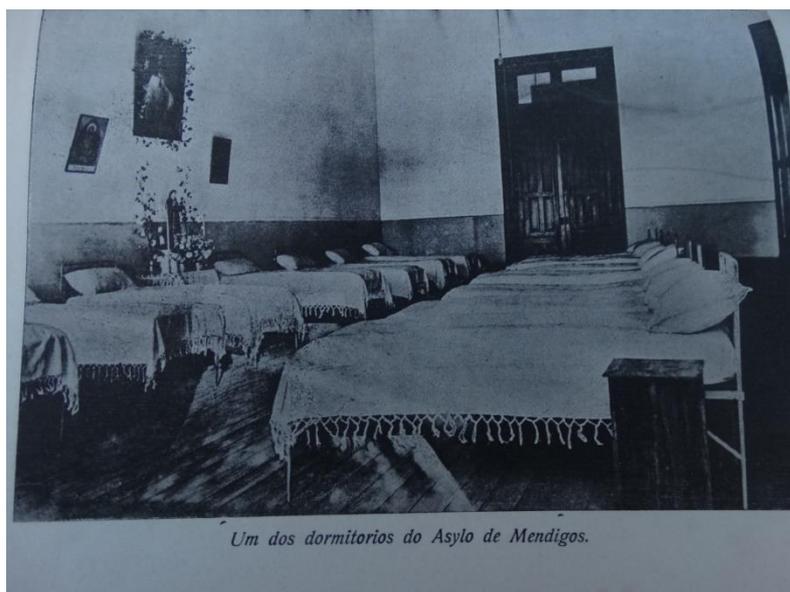
Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017.

**Anexo 3: Ruínas do “Castelo Simões Lopes” ou “Castelinho” – Prédio que foi residência do Dr. Augusto Simões Lopes**



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017.

**Anexo 4: Dormitório do Asilo de Mendigos de Pelotas**



Fonte: ASYLO DE MENDIGOS. Relatório do Presidente Augusto Simões Lopes, referente aos anos de 1916-1920. Pelotas: Oficinas Graphicas d'A Guarany, 1921.

### Anexo 5: Pátio do Asilo de Mendigos de Pelotas



Fonte: Fonte: ASYLO DE MENDIGOS. Relatório do Presidente Augusto Simões Lopes, referente aos anos de 1916-1920. Pelotas: Oficinas Graphicas d'A Guarany, 1921.

### Anexo 6: Salão de Honra da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas



Fonte: Foto do pesquisador. Ano 2017: Salão de Honra da Santa Casa de Pelotas.

**Anexo 7: Estação de Esgotos. Obra iniciada na gestão do intendente Augusto Simões Lopes**



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017.

**Anexo 8: Placa de inauguração do canaleta de drenagem, localizado na Rua General Argolo, entre as ruas Marechal Deodoro e Almirante Barroso.**



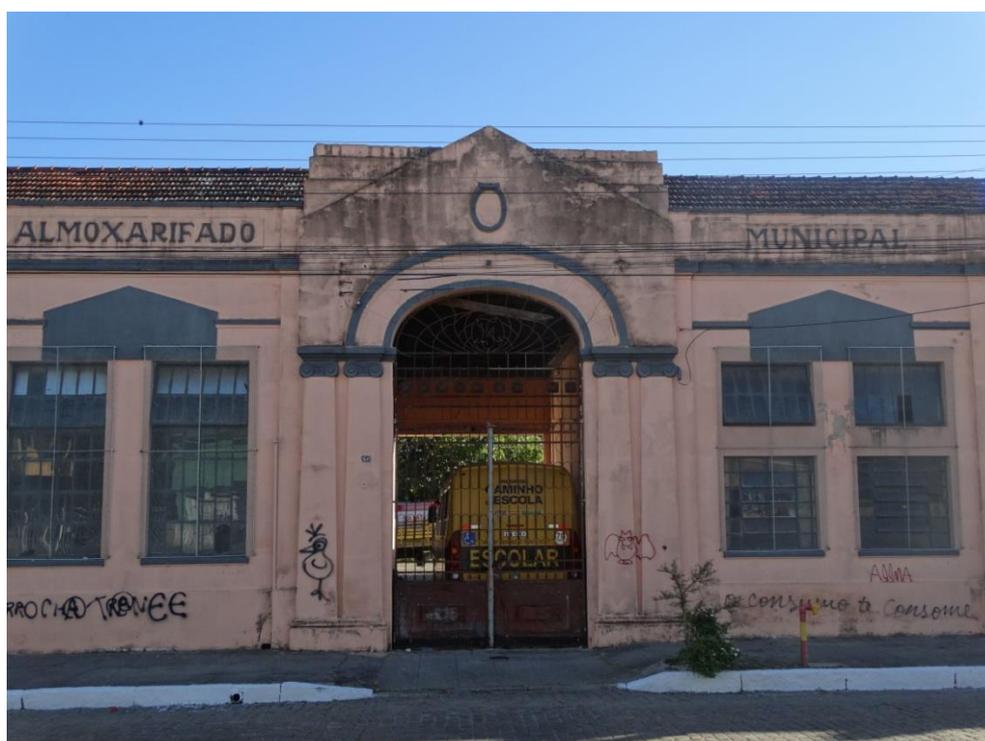
Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017.

**Anexo 9: Grupo Escolar Dona Antonia. Inaugurado na gestão do intendente Augusto Simões Lopes**



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017.

**Anexo 10: Antiga sede do Almojarifado Municipal. Inaugurado na gestão do intendente Augusto Simões Lopes**



Fonte: Foto do pesquisador. Ano: 2017.

## **Fontes Primárias**

### **Acervo pessoal de Hilda Simões Lopes**

Recortes dos Jornais A Nação (Rio de Janeiro), Correio de São Paulo, O Paiz (Rio de Janeiro) e O Radical (Rio de Janeiro), reproduzidos pelo jornal Lux de Buenos Aires.

### **Arquivo do Asilo de Mendigos de Pelotas**

Atas do Conselho Administrativo do Asilo de Mendigos de Pelotas. Anos: 1893; 1915 e 1916.

Retratos do Salão de Honra do Asilo de Mendigos de Pelotas.

### **Arquivo do Instituto São Benedito**

ANAIS do Cinquentenário 1901-1951: Asilo de Órfãs São Benedito. Pelotas. 11p.

Atas da diretoria do Asilo de Órfãs São Benedito. Ano: 1911.

Retratos do Salão de Honra do Instituto São Benedito.

### **Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul - APERS**

Processo-crime, n. 1353, Pelotas, Tribunal do Juri, Caixa 006.347.

### **Biblioteca Pública Pelotense**

AZYLO DE MENDIGOS. Relatório do Presidente Coronel Urbano Martins Garcia: De janeiro de 1899 a 31 de dezembro de 1900. Pelotas: Livraria Americana, 1901.

ASYLO DE MENDIGOS. Relatório do Presidente Dr. Francisco Simões: De 1905 a 1907. Pelotas: Livraria Americana, 1908.

ASYLO DE MENDIGOS. Relatório do Presidente Dr. Francisco Simões referente ao ano de 1908. Pelotas: Livraria Comercial e Meira, 1909.

ESTATUTO do Asylo de Orphãs São Benedicto. Pelotas: Typographia do Arauto, 1902. 9p.

Jornal Correio Mercantil, Diário da Manhã, Diário Popular e Opinião Pública.

MAGALHÃES, Nelson Nobre. Pelotas Memória: Instituto São Benedito. Ano 8, n. 4. 1997.

## **Instituto histórico e geográfico de Pelotas (IHGPel)**

ALMANAQUE DE PELOTAS (1917).

ALMANAQUE DE PELOTAS (1921).

ANAIS DA BIBLIOTECA PÚBLICA PELOTENSE, Coleção Angelo P. Moreira.

ASYLO DE MENDIGOS. Relatório do Presidente Augusto Simões Lopes, referente aos anos de 1916-1920. Pelotas: Oficinas Graphics d'A Guarany, 1921.

HISTÓRICO do Asilo de Mendigos de Pelotas – 1882 a 1935. Pelotas: A Universal, 1936.

JORNAL ARAUTO (1905 e 1918).

MAGALHÃES, Nelson Nobre. Pelotas Memória: Asilo São Benedito, década de 20. Fascículo IX, 1991.

MAGALHÃES, Nelson Nobre. Pelotas Memória. Fascículo III, 1989.

SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PELOTAS. Relatório do provedor Coronel Alberto Roberto Rosa, referente aos anos de 1901-1902.

## **Santa Casa de Misericórdia de Pelotas**

Retratos do Salão de Honra e da Sala da Provedoria.

### **Fontes consultadas em endereços eletrônicos**

Blog Pelotas de ontem. Disponível em: [http://pelotasdeontem.blogspot.com.br/2015\\_11\\_01\\_archive.html](http://pelotasdeontem.blogspot.com.br/2015_11_01_archive.html), acesso em 26/01/2016.

Site da Prefeitura Municipal de Pelotas. Disponível em: [http://www.pelotas.com.br/cidade\\_historia/pelotas\\_historia.htm](http://www.pelotas.com.br/cidade_historia/pelotas_historia.htm), acesso em 13/04/2017.

Site do Senado Federal. Disponível em: <http://www25.senado.leg.br/web/senadores/legislaturas-anteriores/-/a/39/por-uf>, acesso em 14/04/2017.

Arquivo do cpdoc.fgv.br sobre Francisco Antunes Maciel. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MACIEL,%20Francisco%20Antunes.pdf>, acesso em 14/04/2017.

Arquivo do cpdoc.fgv.br sobre José Barbosa Gonçalves. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/GON%3%87ALVES,%20Jos%C3%A9%20Barbosa.pdf>, acesso em 14/04/2017.

Arquivo do cpdoc.fgv.br sobre Domingos Mascarenhas Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MASCARENHAS,%20Domingos.pdf>, acesso em 14/04/2017.

Arquivo do cpdoc.fgv.br sobre Alexandre Cassiano do Nascimento. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/NASCIMENTO,%20Alexandre%20Cassiano%20do.pdf>, acesso em 14/04/2017.

Arquivo do cpdoc.fgv.br sobre Joaquim Augusto de Assunção. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ASSUN%C3%87%C3%83O,%20Joaquim%20Augusto%20de.pdf>, acesso em 14/04/2017.

Arquivo do cpdoc.fgv.br sobre Carlos Barbosa. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/BARBOSA,%20Carlos.pdf>, acesso em 14/04/2017.

Site do Supremo Tribunal Federal, consulta sobre o Ministro Fernando Luiz Osorio. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=369>, acesso em 15/04/2017.

Arquivo do cpdoc.fgv.br sobre Augusto Simões Lopes. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lopes-augusto-simoes>, acesso em 26/07/2017.

Site Rural Pecuária. Disponível em: <http://ruralpecuaria.com.br/tecnologia-e-manejo/racas-gado-de-corte/raca-devon.html>, acesso em 23/09/2017.

Jornal A Federação (1884-1937). Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=388653&PagFis=1&Pesq=>, acesso em julho de 2017.

### **Fontes Diversas**

**ANUARIO Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial da Republica dos Estados Unidos do Brasil para 1914.** Rio de Janeiro: Almanak Laemmert, 1914.

### **ARQUIVOS RIO GRANDENSES DE MEDICINA.**

D'Eu, Conde. **Viagem Militar ao Rio Grande do Sul.** São Paulo: USP, 1981.

PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos Gerais de Pelotas.** Porto Alegre: Typographia Gundlach, 1940.

ETCHEVERRY, José Vieira. Biblioteca Pública Pelotense. **Cadernos de Pelotas.** Pelotas, n. 23, 1995.

ETCHEVERRY, José Vieira. O Poder Legislativo Pelotense. **Cadernos de Pelotas.** Pelotas, n. 2, 1990.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul (Censos do RS de 1803-1950)**. Porto Alegre: FEE, 1981.

KRAMER, Flávio Azambuja. As indústrias de Pelotas. **Cadernos de Pelotas**. Pelotas, n. 60, 1990.

KRAMER, Flávio Azambuja. Benfeitores de Pelotas. **Cadernos de Pelotas**. Pelotas, n. 26, 1996.

Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. **RECENSEAMENTO DO BRASIL**. Volume IV (4ª parte). Rio de Janeiro: Typ. Da Estatística, 1920.

## Referências Bibliográficas

AL-ALAM, Caiuá Cardoso. Entre “Ébrios” e “Despóticos”: Policiamento, Imprensa e Política em Pelotas. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**. São Paulo, Julho de 2011.

ALVES, Alessandro Cavassin. Biografia, genealogia e teoria das elites. Mapeando características do poder local. **Revista Eletrônica de Ciência Política**. Curitiba, vol.2, n.1, p.45-61, 2011.

AMARAL, Giana Lange. **O Gymnasio Pelotense e a maçonaria**: uma face da História da Educação em Pelotas. Pelotas: Seiva, 1998.

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de. **Dar aos pobres e emprestar a Deus**: as Misericórdias de Vila Viçosa e Ponte de Lima (Séculos XVI – XVIII). Barcelos: Companhia Editora do Minho, 2000.

AXT, Gunter. Coronelismo indomável: O sistema de relações de poder. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Org.). **República Velha (1889-1930)**. Passo Fundo: Méritos, Volume 3, Tomo 1, 2007. p.89-128.

BARROS, José D’ Assunção. História Comparada – da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. **História Social**, Campinas, nº 13, p.07-21, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: Sobre a teoria da ação. 11ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.

BURKE, Peter. **Veneza e Amsterdã**: Um estudo das elites dos séculos XVII. Editora Brasiliense, 1991.

CALDEIRA, Jeane dos Santos. **O Asilo de Órfãos São Benedito em Pelotas – RS (as primeiras décadas do século XX)**: trajetória educativa-institucional. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

CALDERAN, Ana Paula. **Antonio Joaquim Dias: Uma figura polêmica**. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura em História. Pelotas: UFPel, 2002.

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 40, nº. 2, 1997.

CHAVES, Larissa Patron. **“Honremos a Pátria!” As Sociedades Portuguesas de Beneficência**: caridade, poder e formação de elites na Província de São Pedro do Rio Grande (1854-1910). 2008. Tese (Doutorado em História) – Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós – Graduação / Programa de Pós – Graduação em História,

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Porto Alegre, 2008.

\_\_\_\_\_. CHAVES, Larissa Patron. Pintura e Sociedade: Retratos de Beneméritos das sociedades Portuguesas de Beneficência e o Patrimônio Cultural no Sul do Brasil. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.4, nº. 10, p. 1-13, jan./Jun. 2014.

CHARLE, Christophe. A prosopografia ou biografia coletiva: balanço e perspectivas. In: HEINZ, Flávio M. (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 42-53.

CODATO, Adriano. Metodologias para a identificação de elites: três exemplos clássicos. In: CODATO, Adriano; PERISSINOTTO, Renato (Org.). **Como estudar elites**. Curitiba: Ed. UFPR, 2015. p. 15-30.

CODATO, Adriano; PERISSINOTTO, Renato (Org.). **Como estudar elites**. Curitiba: Ed. UFPR, 2015.

CÔRREA, Vivian Anghinoni Cardoso. “**Uma dádiva da Biblioteca Pública Pelotense aos seus leitores de um palmo e meio**”: a Seção Infantil Erico Verissimo (1945-1958). Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.

COSTA, Luiz Domingos; GOUVÊA, Julio Cesar. Elites e Historiografia: Questões teóricas e metodológicas. **Revista Sociol. Polít**, Curitiba, 28, p.251-255, jun. 2007.

GINZBURG, Carlo. “O Nome e o Como: troca desigual e mercado historiográfico”. In: GINZBURG, Carlo. **A Micro-história e outros ensaios**. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1989. p. 169-178.

GONÇALVES, Mariana Couto. A Princesa do Sul de Bernardo e Gerônimo: A Pelotas escravista a partir de crônicas e folhetins. **6º Encontro Escravidão e Liberdade**. Florianópolis: UFSC, maio de 2013.

GOUVÊA, Melissa Xavier. “**Misera princesa destronada**”: Crime e ordem pública em Pelotas (1902-1928). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

GUTIERREZ, E. J. B. **Barro e sangue**: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888). Tese de Doutorado em História, PUCRS, Porto Alegre, 1999.

\_\_\_\_\_. **Negros, charqueadas e olarias**: um estudo sobre o espaço pelotense. Pelotas: UFPel, 2001.

HEINZ, Flávio M. (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HOBSBAWM, Eric J. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias. In: FARINATTI, Luis Augusto; KARSBURG, Alexandre; VENDRAME, Maíra Ines; WEBER, Beatriz (Org.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 32-52.

KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v.8, nº 12, p.97-115, jan./jun. 2006.

LAGEMANN, Eugenio. **O Banco Pelotense**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

LEON, Adriana Duarte. **Creche São Francisco de Paula: Uma contribuição para a História da Infância em Pelotas**. 2004. Especialização em Educação – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2004.

LONER, Beatriz Ana. **Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937**. Tese de Doutorado em Sociologia, UFRGS, Porto Alegre, 1999.

\_\_\_\_\_. Família Silva Santos. In: Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, 6. 2013. **Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**. Florianópolis: UFSC, 2013 a. 1-14.

\_\_\_\_\_. **Jornais Pelotenses na República Velha**. ECOS REVISTA, Pelotas, 2(1), p.05-34, abril, 1998.

LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mario Osorio (Org.). **Dicionário de História de Pelotas**. 2. Ed. Pelotas: Editora da UFPel, 2012.

LUCA, Tania Regina de. “Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

MAGALHÃES, Mario Osorio. **História da Associação Rural**. Pelotas: Editora Armazém Literário, 1998.

\_\_\_\_\_. **História e Tradições da Cidade de Pelotas**. Porto Alegre: Ardotempo, 2011, 96p.

\_\_\_\_\_. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: EdUFPel: Co-edição Livraria Mundial, 1993.

\_\_\_\_\_. **Sob as bênçãos de São Francisco: História da Casa da Criança São Francisco de Paula**. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2012.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, s/d.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes Visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, nº. 45, p.11-36, 2003.

MONTEIRO, Lorena. Estudos de elites políticas e sociais: as contribuições da

Sociologia e da História. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 25-32, Jan./Jun. 2009.

MUNARETTO, Sara Teixeira. **Em cena: o Sete de Abril e o teatro dos corpos na Pelotas oitocentista**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

OSÓRIO, Fernando. **A cidade de Pelotas**. Pelotas: Armazém Literário, 2 volumes, 1997.

PADOIN, Maria Medianeira; ROSSATO, Monica. **Fronteira, Família e Poder: A construção da trajetória política de Gaspar Silveira Martins**. XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, 2015.

PARADEDA, Maria Regina. **Arquitetura da paisagem e modernidade: Um estudo sobre representações e memória das praças de Pelotas (1860-1930)**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas / Curso de Pós – Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

PAULA, Débora Clasen de. **“Da mãe e amiga Amélia”**: Cartas de uma baronesa para sua filha (Rio de Janeiro – Pelotas, na virada do século XX). Dissertação (Mestrado em História) – Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós – Graduação / Programa de Pós – Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008.

PEREIRA, Luís Artur Borges. João Simões Lopes Neto e a Educação. **REVISTA DIÁLOGOS EN MERCOSUR**, n. 4, p. 62-79, Jul./Dez.2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 8. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

\_\_\_\_\_. República Velha Gaúcha “Estado autoritário e economia”. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (Org.). **RS: Economia e Política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

RIEHEL, Isabel. **Asilo de Mendigos: Seus internos e sua condição social**. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura Plena em História, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2000.

RUBIRA, Luís (Org.). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas**. Santa Maria: Gráfica e Editora Pallotti, volume 1, 2012.

SANTOS, Klécio. **Bibliotheca Pública Pelotense**. 2.ed. Pelotas: Fructos do Paiz, 2017.

SILVA, Fernanda. O. da. Associativismo negro em Pelotas no pós-abolição: membros dos clubes sociais negros, articulistas do A Alvorada e militantes da Frente Negra Pelotense (1933-1937). In: **V Encontro de Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**, Porto Alegre, 2011.

SOUZA, M.F.V. **FREDERICO TREBBI E INSTITUTO NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO**: a busca de conceitos e critérios que assegurem manter a integridade de um acervo. Trabalho de Conclusão da Especialização em Patrimônio Cultural. Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas. 2012.

THOMPSON, Andrés. Beneficencia, filantropia y justicia social. El “tercer sector” en la historia argentina. In: **Público y privado. Las organizaciones sin fines de lucro en la Argentina**. Buenos Aires: UNICEF-ed. Losada, 1995.

TOMASCHEWSKI, Cláudia. **Caridade e filantropia na distribuição da assistência**: a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas - RS (1847-1922). 2007. 257 p. Dissertação – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

\_\_\_\_\_. **Entre o Estado, o Mercado e a Dívida**: A distribuição da assistência a partir das Irmandades da Santa Casa de Misericórdia nas cidades de Pelotas e Porto Alegre, Brasil, c.1847-c.1891. 2014. Tese – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

TRINDADE, Hélio. “Aspectos políticos do sistema partidário republicano Rio-Grandense (1882-1937).” In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius (Org.). **RS: Economia e Política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

VARGAS, Jonas Moreira. **Os Barões do charque e suas fortunas**: Um estudo sobre as elites regionais brasileiras a partir de uma análise dos charqueadores de Pelotas (Rio Grande do Sul, século XIX). São Leopoldo: Oikos, 2016.

\_\_\_\_\_. **Pelas Margens do Atlântico**: Um estudo sobre elites locais e regionais no Brasil a partir das famílias proprietárias de charqueadas em Pelotas, Rio Grande do Sul (século XIX). 505 f. Tese (Doutorado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro– UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.